



OCUPAÇÃO IRREGULAR

Paraíba tem 16 mil imóveis em áreas de mangue e praia

Somente neste ano, a Superintendência do Patrimônio da União aplicou quase R\$ 1 milhão em multas. **Página 5**

Foto: Acervo pessoal



Feiras itinerantes são vitrines para os pequenos negócios

Empreendedores aproveitam os espaços colaborativos para expor produtos, manter contato com consumidores e gerar oportunidades de novos negócios.

Página 17

Ilustração: Tônio



Seres marinhos em pinturas rupestres no Semiárido da PB

Imagens gravadas no Sítio Arqueológico Pedra do Tubarão, no município de Pocinhos, longe do mar, intrigam pesquisadores.

Página 25

■ “A guerra brasileira, não sei se caberia o “felizmente”, tem sido interna, sem fim, ontem como hoje convivendo na mais extrema desigualdade social”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Poesia é a nau dos insensatos, o êxtase e o naufrágio que nos retiram, em momento raro e louco, do oceano ordinário das vivências automáticas e nos põem no limite do imponderável”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Foto: Edson Matos



Memórias Entre o sonho de ser médico e a experiência em A União

José Juvêncio de Almeida começou no Jornal A União trabalhando na revisão e chegou a repórter do governador Pedro Gondim, de quem recebeu o anel de formatura do Curso de Medicina.

Páginas 14 e 15

Estudantes fazem, hoje, as últimas provas do Enem

Os candidatos responderão 90 questões das provas das disciplinas Ciências da Natureza e Matemática.

Página 3

A história e os atrativos de Dona Inês

Com mais de 10 mil habitantes, o município tem sua economia baseada no turismo e na mineração.

Página 8



Foto: Roberto Guedes

EP
EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

novembro
azul
Campanha de conscientização e prevenção ao câncer de próstata



**fique bem.
cuide-se também!**

marketing EPC

Editorial

Malfeitores virtuais

O advento da internet e das redes sociais revolucionou a comunicação interpessoal em nível planetário, mas causa também muitos problemas a milhares de pessoas pelo mundo afora. Uma dessas dores de cabeça diz respeito aos chamados “golpes cibernéticos”. E as artimanhas não afetam apenas cidadãos e cidadãs, mas instituições de estruturas sofisticadas, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU).

Hoje em dia, a clonagem de celulares é um dos ardis mais comuns, por meio do qual se tenta amealhar dinheiro alheio sem pedir ao dono a permissão. Um dos artifícios mais impactantes, porém, no que se refere a prejuízos na bolsa, parece ser mesmo a invasão de contas bancárias por decifradores, embora, na maioria dos casos, os clientes lesados sejam ressarcidos pelas instituições bancárias, nem que seja por meio de ações na justiça.

De volta à ONU, a instituição acaba de fazer um alerta sobre o uso do seu nome por fraudadores e estelionatários, reiterando que não oferece prêmios, recursos, certificados ou bolsas acadêmicas pela internet, redes sociais ou por telefone. A Organização recebe cerca de 45 consultas semanais sobre e-mails falsos ou contatos em redes sociais solicitando dados pessoais ou recursos. Desde janeiro, já foram mais de 1.200 pedidos de informação.

São tantos golpes que a ONU até já organizou uma espécie de “Glossário de Falcatruas”, cujas páginas parecem aumentar a cada dia que passa. Dois dos mais famosos estratégias são: o “Golpe das férias” (falsos servidores de um Estado-membro pede dinheiro para ter direito a férias) e o “Golpe do prêmio” (falsos funcionários da Organização requisitam dados pessoais para liberação de um suposto prêmio em dinheiro).

O problema é mais sério do que se imagina. Primeiro, por conta do volume de embustes, que, tudo leva a crer, cresce dia a dia. Segundo, porque, além do prejuízo financeiro e suas consequências nefastas, as fraudes causam muitos outros tipos de transtornos às vítimas, inclusive de ordem psicológica. A vida dos prejudicados, de modo geral, dependendo da profundidade da lesão monetária, leva tempo para se normalizar.

Os “golpes cibernéticos” vieram se somar a centenas de outras “ratoeiras” espalhadas pelas ruas físicas e avenidas virtuais, cujos manipuladores não desviam os olhos um só instante dos bolsos de outrem. Se o medo de roubos e assaltos já é grande, cresce agora, também, o receio de se ter a carteira furta-da por mãos invisíveis. E a vida, que se queria descomplicada, torna-se mais imprevisível, por causa dos malfeitores virtuais.

Artigo

O poder revolucionário da música

É indiscutível a tese de que a música tem poder. Através dessa manifestação artística são reveladas expressões de sentimentos, desejos, decepções, mas, também, de exposições críticas que permitem reflexões sobre a sociedade em que vivemos. Nas letras das canções, encontramos, muitas vezes, inspiração para agir como promotores de mudanças sociais e políticas. Ao tempo da ditadura militar do século passado, aqui no Brasil, artistas colocavam na produção musical mensagens subliminares com o objetivo de fugirem da censura. O subjetivo atuando como importante aliado cultural dos protestos coletivos.

Músicas questionadoras do contexto sócio-político de cada tempo, fazendo da arte um instrumento de protesto e de conscientização. Sempre foi a melhor forma de enfrentar e combater a alienação cultural. As denúncias ganham mais força de mobilização social quando dirigidas a governos que não sabem conviver com a democracia. Nas construções poéticas os compositores engajados politicamente exploram temas considerados indesejáveis pelos governantes de plantão. Funcionam como um toque de despertar para realidades intencionalmente ocultadas.

São símbolos sonoros que ganham características revolucionárias, transformadoras, servindo de intervenção social e de resistência cívica, gritando e cantando contra intolerâncias e desigualdades. As canções de protesto alimentam movimentos populares, funcionando como armas de luta. Possuem a capacidade de serem formadoras de opinião pública, influenciando comportamentos e encorajando o ativismo político. Ainda que conhecidas como canções de protesto falam de paz, justiça, esperança, amor, quando se percebe a falta de tudo isso em determinados momentos históricos.

A turbulência política dos anos 60 do século passado estimulou a produção das canções de protesto, ultrapassando a função de entretenimento para se afirmarem como instrumentos de transformação social e de conscientização política. Fazem o relato histórico de um movimento contra o poder ditatorial instituído. Ficou conhe-

cida como a “Era dos Festivais”.

No Brasil, por exemplo, a música foi reconhecida como uma grande voz contra o período da ditadura militar. E eram tão poderosas que resultaram no exílio de muitos artistas incríveis como Caetano Veloso, Chico Buarque, Tayguara, dentre outros. As canções de protesto mais emblemáticas permitem que conheça um pouco sobre a história e o poder por trás de cada uma delas.

São canções que se eternizam. Basta eclodir qualquer sentimento de insatisfação política, elas são novamente entoadas, porque se tornaram hinos. Unem pessoas, despertam paixões, encantam os ouvidos, inspiram mentes, aquecem corações, trazendo o que muitos gostariam de dizer sobre algo que esteja produzindo indignação. Artistas, corajosamente, usaram a música como arma pacífica para enfrentar a opressão e a injustiça. E como é bom interpretar suas mensagens e cantá-las na vibração entusiasmada do enfrentamento de uma luta.

“

A turbulência política dos anos 60 do século passado estimulou a produção das canções de protesto

Rui Leitão

Foto

Legenda



Reforço tecnológico para a limpeza

Gonzaga Rodrigues

Horrores da guerra

Relendo, por desfastio, o “Eu e eles” de José Américo, volto a me deter em seu espanto ao ver a censura de Ilya Ehrenburg a Edouard Herriot, político e escritor francês no tempo da guerra, pela importância que Herriot dava “a noções tão completamente fora de moda como ‘cumprir a palavra e salvar a honra’.” Achava o ex-presidente do Conselho do governo francês que “devemos pagar as nossas dívidas aos Estados Unidos. Porque demos a nossa palavra”.

Nas suas memórias, o russo Ehrenburg, que fizera amizade com Herriot, depois de várias entrevistas com o radical-socialista preso pelos nazistas e libertado pelos russos, achava extraordinário, grotesco mesmo, que um ex-governante de uma grande potência do século XX “desse tamanha importância a questões burguesas como esta”.

Talvez Ehrenburg tivesse razão, a se considerar que naquele momento as consciências moral e política defrontavam-se com desabamentos muito mais hediondos e atrozes. Nesse mesmo capítulo das suas memórias, Ehrenburg faz alusão a um documentário sobre Auschwitz, “os cadáveres sendo levados para os incineradores, ao mesmo tempo em que eram resgatadas e embarcadas para os salões de moda alemães seis toneladas de cabelos de mulher”.

Cumprir a palavra, num contexto desses, tem seu lado realmente grotesco diante de horrores tais como os descritos. São horrores que, felizmente, nunca vivemos, o que nos permite estranhar a censura a Ehrenburg, como fez o solitário de Tambaú, José Américo. Somos uma nação de uma única guerra entre vizinhos. A guerra brasileira, não sei se caberia o “felizmente”, tem sido interna, sem fim, ontem como hoje convivendo na mais extrema desigualdade social. As tais desigualdades regionais que deram lugar à proclamação do presidente Juscelino no Teatro Santa Isabel, em Recife, ao criar a Sudene: “Aceito essa responsabilidade ingente na convicção de que chegou a hora de salvar o nosso débito de honra para com o Nordeste. Ao heroico povo nordestino, cujo apego ao torrão natal, em meio a todas as vicissitudes climáticas, preservou intocada a unidade nacional,

“

Somos uma nação de uma única guerra entre vizinhos

Gonzaga Rodrigues

é preciso dar agora (1959) os recursos e o aparelhamento técnico capaz de arrancar a economia regional das garras seculares do subdesenvolvimento”.

A região cresceu numa ostensividade que se vê pelas torres da construção civil, aqui mesmo em João Pessoa, hoje a gerar sonhos e desejos de “famílias do Brasil inteiro que a escolheram (João Pessoa) para fixar residência”- como bem anota Glauco Moraes, numa de suas colunas, ainda que advertindo para o que se torna agora urgente e ingente: a mobilidade urbana. Não podemos ser falsos para negar o crescimento. A frota de veículos concentrada e atraída pelas nossas regiões metropolitanas atingiu o patamar de 1.523.167 veículos com uma taxa de 383 por mil habitantes. A cifra consta de um Estudo Técnico realizado pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba. Não se trata apenas de uma análise fiscal, e sim uma “avaliação de políticas públicas e sua geração de valor e benefícios na vida dos cidadãos”, como se lê na Introdução.

É documento como há muito não chegava às minhas mãos, desde que o IBGE passou a restringir-se à informação digital para especialistas.

Voltando à ideia inicial, não bombardeamos os hospitais e as creches dos nossos vizinhos, horrores comuns às grandes civilizações, mas não podemos dormir em paz com a extrema desigualdade social que permanece cada vez mais aguda.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

SEGUNDA ETAPA DO ENEM

Últimas provas serão aplicadas neste domingo

Candidatos vão realizar exames das disciplinas Ciências da Natureza e Matemática

Sara Gomes
sara.gomesreporteraniao@gmail.com

O último dia de prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2023 acontece hoje (12), em todo o Brasil. Os candidatos vão realizar prova das disciplinas Ciências da Natureza e Matemática, num total de 90 questões. Dos 124.519 inscritos na Paraíba, 26,7% não compareceram no primeiro dia de prova, o que corresponde a 33.246 faltosos.

Os candidatos que faltaram por problemas logísticos ou doenças infectocontagiosas, como prevê o edital, podem solicitar a reaplicação da prova que acontece nos dias 12 e 13 de dezembro. O mesmo vale para as pessoas que foram alocadas em locais de prova com distância superior a 30km da residência informada na inscrição. O prazo para solicitar a reaplicação será de 13 a 17 de novembro por meio da página do participante.

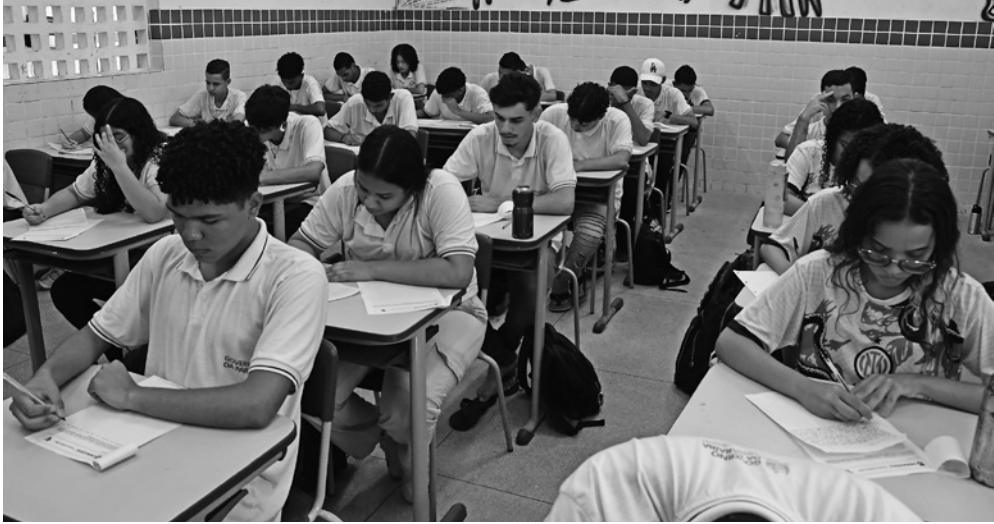


Foto: Roberto Guedes

Na Paraíba, foram disponibilizados 374 locais de aplicação da prova em 55 municípios

Na Paraíba foram disponibilizados 374 locais de prova e 4.363 salas de aplicação em 55 municípios do estado, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Os portões dos locais de prova, que podem ser conferidos no cartão do participante, estarão abertos a partir das 12h, fechando uma hora depois. A aplicação da prova co-

meça às 13h30, de acordo com o horário de Brasília, e acontece até 18h30.

Para ter acesso à sala de aplicação, o participante deve apresentar um documento oficial com foto. Além disso é preciso levar caneta preta transparente — de preferência duas, para garantir uma reserva caso a primeira apresente alguma falha. O Inep também recomenda

que o candidato esteja portando uma versão impressa do cartão de confirmação da inscrição.

Conforme o portal da Inep, o tempo mínimo de permanência na sala é de duas horas, o participante que sair antes disso será eliminado. O caderno de questões só pode ser levado pelos candidatos que deixarem as salas faltando 30 minutos para o fim do exame.

Expectativa dos estudantes para o exame

Enquanto que há alunos que estão estudando desesperadamente nesta reta final, tentando assimilar dicas, a maioria dos alunos está preferindo desacelerar o ritmo de estudo para não ficar cansado no dia da prova, priorizando relaxar nos dias que antecedem a prova.

O aluno da terceira série do Ensino Médio do Colégio Marista Pio X, Mário José Beltrão, 17 anos, pretende ingressar no curso de Medicina. Para ele, o primeiro dia de prova foi muito significativo pois materializou toda a caminhada. “O Marista nos preparou para essa prova, que é de tamanha importância para o ingresso da nossa futura universidade”, disse. Em relação à reta final, o candidato tem realizado revisões breves dos tópicos mais recorrentes, mas também aproveitado os momentos com a família. “Nesse período é muito mais importante relaxar, para conservar a energia, para justamente chegar na prova com um estado mental legal”, analisou.

A aluna da terceira série do Ensino Médio, Maria Clara Pereira, 18 anos, se interessa bas-

tante pela área de Humanas e Ciências Sociais, e pretende cursar Direito.

Ela confessa que está bem ansiosa para o segundo dia de prova, mas está confiante no esforço e aprendizado ao longo do ano. “Os professores estão revisando os conteúdos com questões nesta reta final, com dicas excelentes. O Marista está nos preparando com muito carinho e profissionalismo, dando o suporte necessário para fazermos uma boa prova”, elogiou.

A orientadora educacional do Colégio Marista Pio X, Jamile Godoy, orientou os estudantes a assistirem os aulões de preparação para o segundo dia de prova.

“A maioria dos nossos estudantes pretendem ingressar em cursos que exigem uma nota elevada nessas áreas”, avaliou. Em paralelo às aulas, a escola proporcionou momentos de relaxamento, indicações de leituras relaxantes e meditação guiada. “Sugerimos aos alunos que se alimentassem bem e tivessem uma rotina de sono de sete a oito horas por dia para ter um desempenho elevado”, frisou.



“
Revisamos os conteúdos com questões nesta reta final. O Marista nos preparou com profissionalismo, dando suporte necessário para fazermos uma boa prova

Maria Clara Pereira



“
Nesse período é muito mais importante relaxar, para conservar a energia, para justamente chegar na prova com um estado mental legal

Mário José Beltrão

Revisão dos conteúdos de Matemática

A aluna Yasmin Silva, 18 anos, cursa a terceira série do Ensino Médio na Escola Cidadã Integral Professor Paulo Freire, no bairro João Paulo II. É a primeira vez que está fazendo o Enem, pois nos anos anteriores não teve oportunidade de fazer a prova. Ela achou o primeiro dia muito tranquilo pois tem afinidade com a área das linguagens. “Eu iniciei a prova olhando o tema da Redação. Depois fui para as questões de Humanas. Quando fiquei mais confiante fui para a redação, consegui construir o texto de uma forma bem legal. Fiquei satisfeita com o meu desempenho”, disse. Para o segundo dia Yasmin

está apreensiva, mas ao mesmo tempo confiante pois adora estudar Física. Nessa reta final, a estudante reduziu o ritmo de estudo e está assistindo mais aulões de revisão. “Eu não estou estudando como nos outros meses, estou mais relaxando nesta reta final”, disse.

O aluno da terceira série do Ensino Médio do Liceu Paraibano, Pedro Sales, 17 anos, está fazendo pela terceira vez o Enem, nos dois anos anteriores fez como treineiro. Ele gostou do tema da Redação. “Eu levei bastante repertório que foram pertinentes ao tema proposto pela banca, como também fiz a Redação baseada na estrutura adequada.

Apesar de ter achado a prova cansativa e ter ficado cinco horas e meia sentado, Pedro acredita que tenha feito uma boa prova, mas está mais confiante no segundo dia pois gosta de matérias de Exatas. “Eu quero cursar licenciatura em Matemática na UFPB. Nessa última semana estou revisando os conteúdos que mais caem em Matemática como estatística, matemática básica e área e volume”, disse. Mas no sábado pretende descansar pois a prova do domingo será exaustiva. “Vou começar a diminuir o ritmo de estudo na sexta-feira e não pegar no livro no sábado, pois é preciso trabalhar o emocional para

não se prejudicar na hora da prova”, avaliou.

A aluna Larissa Castro, 17 anos, cursa a terceira série do Ensino Médio no Liceu Paraibano. Ela pretende cursar Psicologia, sua segunda opção é Fisioterapia. Nesta reta final está revisando os conteúdos e fazendo exercícios para se sentir preparada na hora da prova. “Sinto um pouco mais de dificuldade nas disciplinas do segundo dia por não ser a área que tenho mais familiaridade. No meu cronograma atual, estou dando ênfase na resolução de questões e revisando alguns conteúdos, mas sem sobrecarga de estudos”, disse.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

HÁ MAIS DE 40 ANOS: A HISTÓRIA PIONEIRA DA PRIMEIRA SENADORA NEGRA A SER ELEITA NO BRASIL

A representatividade das mulheres no parlamento brasileiro ainda é desigual na comparação com os homens. No Senado, por exemplo, na atual legislatura, existem apenas 11 mulheres num universo de 81 parlamentares. A história mostra que a desigualdade sempre esteve presente no parlamento brasileiro. Somente em 1979, uma mulher conseguiu assento no Senado. Coube a Eunice Michiles (Arena-AM) quebrar a exclusividade masculina. Outra que marcou a história do Senado foi Laélia de Alcântara (PMDB-AC), cujo pioneirismo está associado ao fato de que ela foi a primeira senadora negra do país – na foto, ela aparece ao lado dos senadores Jarbas Passarinho (Arena), no centro, e Ivandro Cunha Lima (MDB). A ‘Série S’, do Senado, faz registro dessa história: “Faz pouco mais de 40 anos que o Brasil teve uma mulher negra no Senado pela primeira vez. O pioneirismo coube a Laélia de Alcântara (PMDB-AC), que assumiu o mandato de senadora em 3 de abril de 1981, no período final da ditadura militar (1964-1985). Quando tomou posse, Laélia tinha 57 anos de idade e nunca havia ocupado um cargo político. Nascida em Salvador, ela era médica. Morreu em 2005, aos 82 anos.



Foto: Arquivo do Senado

CONTRA O RACISMO ESTRUTURAL

Em um evento no Rio Grande do Sul, à década de 1980, Laélia de Alcântara já denunciava o racismo estrutural. “Os negros têm tudo para furar a barreira da penúria e da estagnação. Já é tempo de não mais se situarem nos pontos mais críticos dos gráficos, nos índices mais medíocres das estatísticas, nos parágrafos mais soturnos dos relatórios e nos segmentos mais inferiores das pirâmides”.

“É UM ERRO HISTÓRICO”

O ‘Arquivo S’ mostra que Laélia de Alcântara “questionou a versão de que a escravidão no Brasil foi suave e os escravizados aceitaram passivamente os grilhões”. Ela disse que “A massa de negros em nossa terra não permaneceu de braços cruzados diante da escravidão. Protestou por meio de quilombos, fugas, rebeliões e até crimes cometidos contra senhores e feitores. Foi sempre ativo e continua a sê-lo. É um erro histórico dar à escravidão brasileira o aspecto de falsa suavidade”.

ESCRAVO APÓS A LEI ÁUREA

Em Brasília, Laélia de Alcântara também questionou a Lei Áurea: “Livre do cativeiro, como fazer para sobreviver? Sem instrução, sem outra capacitação e habilitação que não fosse o amanho da terra e o mourear nos engenhos, o transportar nas liteiras o seu amo e senhor e as sinhazinhas em visitas aos seus nobres vizinhos. O que fazer? Servir, servir, servir. Viu-se o negro escravo do senhor mesmo após a discutida bênção generosa da princesa Isabel”.

ATRÁS DE UM PARTIDO

Sem espaço no PL e com as portas fechadas no União Brasil, para onde pretendia migrar, Nilvan Ferreira, agora, tenta ingressar no PRD, partido que surgiu da fusão entre PTB e Patriotas. Antes de filiar-se ao MDB, em 2020, ele já havia integrado o antigo PTB. Posteriormente, ingressou no PL, por onde disputou – e perdeu – a eleição do ano passado.

NA PRÓXIMA SEMANA

O diretório do PDT em João Pessoa continua sem presidente após o encerramento do prazo de vigência da comissão provisória que comandava o partido na capital. De acordo com o presidente estadual, Marcos Ribeiro, a decisão sobre quem assumirá o cargo deverá sair até a próxima semana. Ele afirma que a decisão será definida pela direção nacional da legenda.

JHONY LEMBRA TRECHO DO HINO DE CG: “CANAÃ DE LEAIS FORASTEIROS”

Pré-candidato a prefeito de Campina Grande, Jhony Bezerra voltou a comentar recente ataque que sofreu de Bruno Cunha Lima (PSD). O prefeito, na tentativa de desqualificá-lo, o chamou de “forasteiro” – é que o secretário de Saúde da Paraíba nasceu no Ceará. “Tenho mais tempo de Campina [20 anos] do que de Ceará. Mas o hino da cidade fala que Campina é a ‘canaã de leais forasteiros’”. Portanto, é a terra prometida.

Rangel Júnior,
Presidente da Fapesq

“Serão R\$ 400 mil investidos em editais para eventos científicos”

Presidente da Fapesq aborda os esforços para fomentar a pesquisa científica

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Ex-reitor da Universidade Estadual da Paraíba, Antônio Guedes Rangel Junior assumiu em janeiro deste ano a presidência da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba/Fapesq com o desafio de ampliar uma estrutura fortalecida e permear uma cultura científica na sociedade a fim de gerar inovação tecnológica.

Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará, licenciado em Psicologia e graduado psicólogo pela Urne/UEPB, Rangel Júnior atuou também como presidente do Sindicato dos Professores da UEPB por três vezes. Em entrevista ao Jornal **A União**, o presidente da Fapesq conta como foi assumir o maior órgão público do Estado direcionado à pesquisa e tecnologia e faz um balanço desse primeiro ano de gestão.

Entrevista

■ *O senhor foi nomeado presidente da Fapesq em janeiro de 2023, em um momento de retomada dos investimentos em pesquisa e tecnologia em todo o Brasil. Como foi encarar esse desafio?*

Quando eu encerrei o meu mandato à frente da Reitoria da UEPB, depois de oito anos nos dois mandatos, tinha planos de dar um tempo, de fato, me aposentar, e isso coincidiu com a pandemia, que me fez também refletir muito sobre muita coisa importante. Talvez isso tenha acontecido com a grande maioria das pessoas.

Meus planos de aposentadoria foram interrompidos em razão do convite que o governador João Azevêdo me fez, no sentido de assumir a presidência da fundação, e isso para mim é uma honra. Além do desafio gigante, é uma honra também poder estar presente e contribuindo nesse momento tão importante de retomada da ciência nacional, de volta, eu diria, da ciência como protagonista dos processos de desenvolvimento da sociedade.

O Brasil vinha de uma crise gigantesca dos últimos quatro anos de retirada e desmonte de toda a estrutura científica do país. Em razão de uma ignorância que vinha sendo privilegiada. Mas esse momento de retomada me coloca também nesse patamar de estar junto, de estar somando, de ser mais um no time que busca construir também, a partir da Paraíba, de um outro novo projeto de nação, tendo por base a busca do desenvolvimento científico, tecnológico, da inovação, com o apoio do Estado à ciência, à tecnologia e à inovação.

■ *Campina Grande se configura como um destaque nacional em relação à tecnologia e pesquisa em todo o país e o senhor acompanhou essa construção. Como esse destaque se relaciona com a criação da Fapesq?*

Campina Grande sempre teve um protagonismo importante na questão do desenvolvimento da ciência e da técnica. Ainda nos anos 1950, do século passado, quando o Brasil inteiro talvez iniciasse um grande processo, que vinha ali dos anos 1940, de investimento em infraestrutura nacional, de tecnologia, das grandes siderúrgicas hidrelétricas, da criação das bases da indús-

tria nacional, a instalação de grandes empresas, de montadoras, de veículos, as bases mesmo da indústria nacional.

E ali, em 1954, em Campina Grande, os gestores da época, é bom que se diga, com uma visão de futuro extremamente importante, criaram em 1954, uma fundação em Campina Grande que se chamava o Fundacte - Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica.

Essa Fundacte, 12 anos depois, se transformou em Furne, ela foi transformada em Fundação Universidade Regional do Nordeste. Para quê? Para impulsionar o desenvolvimento da ciência, do conhecimento, a partir da formação em nível superior. A Furne, que se transformou no que hoje é a UEPB, possui um destaque importante em todos esses 57 anos de desenvolvimento e de participação efetiva na formação de nível superior no estado da Paraíba.

Então, a Fapesq, que tem também seus 31 anos de fundação, é parte fundamental desse processo. Entretanto, ela só vem de fato se consolidar como uma fundação de amparo à pesquisa a partir dos últimos dez anos, praticamente, apesar de termos à frente da fundação lideranças importantes no campo da ciência, pessoas de destaque no campo da ciência, tantos outros presidentes ou presidenta, como no caso a professora Maria José Silva, que foi a única mulher presidenta da Fapesq até aqui. Eles tiveram um papel importante.

■ *E como foi a trajetória da Fapesq nos últimos dez anos?*

Os recursos destinados àquela fundação, ao incentivo, ao fomento à ciência, à tecnologia e à inovação, foram muito poucos. E, de fato, como marco aí talvez nos últimos dez anos, é que começou a ter um aporte de recursos que, mercedamente, coloca a fundação um papel de destaque, de protagonismo na questão da ciência.

Nos últimos cinco anos ou seis anos e na pandemia, sem dúvida alguma, todas as fundações de amparo à pesquisa nos estados foram as molas propulsoras e o sustentáculo da ciência no país quando o Governo Federal tentou desmontar

toda a estrutura e as bases da ciência nacional. Então, a Fapesq, nesse governo, que já é o segundo governo de João Azevêdo tem tido um papel de destaque.

■ *Sobre a Fapesq, um dos destaques de 2023 foram as bolsas de iniciação científica para graduação e pós-graduação. Fale um pouco sobre elas.*

Os editais lançados pela Fapesq lançados no ano de 2023 são voltados para a iniciação científica destinados a mestrados, doutorados e pós-doutorados. Nós temos, de fato, um papel muito destacado nesse sentido, porque é um investimento alto da parte do Governo do Estado. Aliás, nunca é demais lembrar que nós estamos no Estado, que tem dificuldades materiais, ao contrário da Bahia, do Ceará, ou mesmo de Pernambuco, que são estados bem mais ricos, mais desenvolvidos, e com uma infraestrutura bem maior e nós estamos ali na disputa. Nós estamos ali impulsionando o desenvolvimento local, a partir desse aporte de recursos que chega, principalmente, para as universidades.

E, notadamente, as universidades públicas, que são as estruturas que desenvolvem ciência nesse país com uma proeminência muito grande. Então, os editais que nós lançamos esse ano reforçam essa política. Nós ainda temos editais para lançar nos próximos dias, alguns serão abertos já quase imediatamente.

■ *Em outubro, a Fapesq lançou um edital para realização de eventos científicos, tecnológicos e de inovação na Paraíba. Como irá funcionar? Para quem se destina? Quais os valores e prazos?*

O edital de Apoio à Organização e Realização de Eventos Científicos, Tecnológicos e de Inovação foi lançado este ano para eventos que deverão acontecer no ano de 2024. Nós temos duas linhas: uma para eventos nacionais ou internacionais e outra para eventos regionais ou locais, e já lançamos o edital para ter vigência para o ano todo.

Essas eram duas fases, uma primeira fase para eventos que ocorrerão entre janeiro e junho e uma segunda fase, para eventos que ocorrerão entre julho e dezembro. Eles são promovidos pelas instituições de ciência, tecnologia e inovação; pelas instituições de ensino superior, associações, sociedades científicas, enfim, desde que ligadas a um processo de ciência, tecnologia e inovação, inclusive para essa primeira fase, já está aberto o edital com prazo, correndo inclusive para a inovação.

Ele vai encerrar em 14 de novembro e vai para a fase de submissão de propostas de eventos que ocorrerão no primeiro semestre. Então, ainda em novembro nós já divulgaremos o resultado do julgamento preliminar desses eventos, que serão apoiados para o primeiro semestre do ano de 2024.

Ao todo, serão R\$ 400 mil investidos pelo Governo do Estado para até 10 eventos de abrangência nacional ou internacional, no valor máximo

de R\$ 20 mil por proposta, e realização de até 20 eventos de abrangência regional ou local, no valor máximo de R\$ 10 mil por proposta. Serão cinco para a primeira fase, cinco para a segunda fase, ou seja, cinco para o primeiro semestre, mas cinco para o segundo semestre.

E também na fase dois, para eventos nacionais ou locais. Serão 20 projetos, 10 na fase um, 10 na fase dois. Os internacionais e nacionais terão o aporte de até R\$ 20 mil e os eventos regionais ou locais o aporte de recursos no valor de até R\$ 10 mil por proposta.

Isso é extremamente importante e dá também garantias e bases para que grupos de pesquisa, as áreas específicas, os professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras se organizem para realizar seus eventos científicos já durante o ano de 2024 inteiro.

■ *É possível apontar quais os grandes desafios em assumir a gestão do maior órgão público do estado direcionado à pesquisa e tecnologia?*

Eu assumi a presidência da fundação no final de janeiro e, como toda experiência de gestão pública, a primeira medida foi garantir sempre que todos os processos em curso tivessem continuidade. Isso é fundamental no setor público, de modo geral, e na área científica, principalmente. Os projetos não podem sofrer solução de continuidade.

Então, a garantia de permanência, a garantia de sustentabilidade de atividades, de eventos e sua continuidade é fundamental porque dá segurança e ciência não se faz no improviso. Então, foi a primeira medida importante. A segunda foi buscar criar, buscar inovar e alternativas que pudessem preencher outras lacunas ainda existentes. Sempre é possível mudar e melhorar algo.

■ *Qual balanço o senhor faz desse primeiro ano à frente da Fapesq? E quais os planos para os próximos anos?*

Neste ano, nós criamos duas alternativas novas e ainda teremos algumas novidades, mas duas alternativas importantes: a primeira foi o apoio, um edital específico para bolsas de mestrado e doutorado profissionais. Esse edital foi atendendo a uma demanda da comunidade científica local, dos programas de pós-graduação das universidades públicas e também do Instituto Federal da Paraíba. Programas que nunca tiveram antes o apoio com bolsas, sempre foram para os mestrados e doutorados acadêmicos.

Então, os mestrados profissionais e doutorados profissionais, a partir deste ano também terão e, naturalmente, nos anos vindouros terão um bom aporte de recursos de bolsas para os estudantes e apoio a esses programas, o que dá, sem dúvida alguma, uma garantia também de vida longa a esses programas e fortalecimento. A maioria são programas novos, os mestrados profis-

sionais e doutorados profissionais. São programas de pouca idade no nosso país e, principalmente, aqui na Paraíba, então, essa medida também foi extremamente importante.

■ *E o outro edital?*

Uma outra iniciativa, de um edital, que deverá também ser lançado nos próximos dias, de apoio à manutenção de laboratórios, de iniciativas importantes, laboratórios de pesquisa, manutenção de equipamentos. São emergências que ocorrem nos laboratórios e que a estrutura pública, pelo modelo da legislação, termina por ter dificuldades muito grandes de garantir que, quando haja um problema, quando acontece um problema com o equipamento, os processos licitatórios para contratação de manutenção de pequenos serviços, às vezes um montante de recursos é pequeno, sofre uma burocracia que atrapalha um pouco.

Então, esse edital de fluxos contínuos terá também essa vantagem, essa virtude de poder socorrer os laboratórios, os grupos de pesquisa, os programas de pós-graduação no sentido de garantir a manutenção de equipamentos, de laboratórios, de pesquisa nas universidades, institutos de pesquisa da Paraíba.

Acredito que nos próximos anos o nosso desafio é garantir o aporte de recursos que vem sendo feito atualmente e, logicamente, buscar também ampliar esse aporte. Isso vai depender, logicamente, das condições econômicas.

■ *O Brasil passou por um período de negacionismo científico. Como o senhor avalia esse momento?*

De tudo o que aconteceu de 2022 pra cá, o mais importante é que o povo brasileiro despertou de um pesadelo, pelo menos a maioria do povo brasileiro, e bloqueou, digamos assim, ou interrompeu aquela marcha ensandecida para um processo de constituição de um movimento fascista, de inspiração fascista, e extremamente danoso, nocivo à sociedade, às pessoas, no sentido mais amplo.

A reorganização e a retomada de um processo de constituição de uma nação, de um processo de retomada, eu diria, de um processo efetivamente civilizatório, foi fundamental. A mudança operada no país nesse período mais recente indica claramente que nós temos esperança de fato de que, nos próximos anos, o país retomará o caminho do desenvolvimento, da recuperação das alianças entre as pessoas. Do respeito às minorias, da busca de construir verdadeiramente uma sociedade civilizada, onde as pessoas construam suas relações pautadas principalmente pelo respeito ao outro, pela busca de construir uma vida melhor para todas as pessoas. Isso para mim é o fundamental, é o que está acontecendo e eu tenho certeza que seguirá em curso no país.



CADASTRADOS NA UNIÃO

PB tem 16 mil imóveis irregulares

Construções estão em área de mangue e praia. Este ano, foram aplicadas multas no valor de quase R\$ 1 milhão

Na Paraíba, quase 16 mil imóveis estão cadastrados na base de dados da Superintendência do Patrimônio da União (SPU) com algum tipo de irregularidade. As construções estão localizadas em áreas de mangue e área de praia sendo, na maioria dos casos, barracas comerciais instaladas irregularmente, e residências que avançam suas construções em direção à praia.

De acordo com Giuseppe Giovanni Marinho, superintendente da SPU na Paraíba, só em 2023 foram aplicadas quase R\$ 1 milhão em multas por ocupação irregular. “A grande dificuldade do trabalho de fiscalização se encontra no fato de que as ocupações

irregulares aparecem da noite para o dia e, em contrapartida, levam um tempo considerável para serem retiradas, contando o prazo administrativo, além do prazo judicial em alguns casos”, declarou o superintendente.

Ele lembrou que o foco de atuação da SPU esse ano foi o monitoramento de ações já autuadas anteriormente. “Para 2023, tivemos a meta de 100 fiscalizações, e estamos prestes a cumpri-la”, afirmou.

Em relação às ocupações irregulares, Giovanni Marinho informou que elas são dinâmicas e nem sempre ocorrem em áreas da União, que estão sob a responsabilidade da SPU. “Podem também se tratar

de áreas cedidas à Prefeituras, áreas sob a reponsabilidade de outros órgãos da esfera federal e áreas que estão sub judice.

Dependendo da natureza da ocupação e da área ocupada, há um acompanhamento sistemático através dos sistemas de gestão do patrimônio, realizados pela SPU.

Orla marítima

No estado, a maior parte das ocupações irregulares está concentrada nas áreas de orla marítima, tanto por estabelecimentos comerciais como por avanços de lotes em áreas públicas. O superintendente da SPU-PB, Giovanni Marinho, afirmou que é possível perceber a pre-

sença de várias infrações em todo o Litoral paraibano. “Além das áreas beira de rio que sofrem influência de maré, pois também são áreas dominiais”.

Segundo ele, é a partir de denúncias e demandas de órgãos de controle que são realizadas as vistorias, e após a identificação da irregularidade e do responsável por determinada ocupação, são aplicadas as sanções cabíveis, que vão desde embargo da obra, aplicação de multa, desocupação do imóvel, e até demolição.

Giovanni salientou que, em todos os casos, “são observados os direitos à ampla defesa e contraditório para a apresentação de documentação pertinente”.

O que Diz a Lei

- O artigo 10 da Instrução Normativa de 18 de março de 2020, que estabelece as diretrizes e procedimentos das atividades de fiscalização dos imóveis da União, informa quais as infrações previstas que se caracterizam infração administrativa contra o patrimônio da União. Confira algumas:
- Violação do adequado uso, gozo, disposição, proteção, manutenção e conservação dos imóveis da União;
- Realização de aterro, construção, obra, cercas ou outras benfeitorias, desmatar ou instalar equipamentos sem prévia autorização;
- Descaracterização dos bens imóveis da União sem prévia autorização;
- Descumprimento de cláusulas previstas nos contratos de destinação patrimonial e no termo de adesão da gestão de praias.

“

A grande dificuldade do trabalho de fiscalização se encontra no fato de que as ocupações irregulares aparecem da noite para o dia e, em contrapartida, levam um tempo considerável para serem retiradas, contando o prazo administrativo, além do prazo judicial em alguns casos

Giuseppe Giovanni Marinho

SPU não autorizou construção de muro

O superintendente da SPU-PB, Giuseppe Giovanni Marinho, também comentou sobre um caso polêmico em João Pessoa. Ele explicou que a construção do muro levantado dentro da Praia do Bessa pela construtora Delta Engenharia, para evitar o avanço do mar no edifício Avoante, não recebeu qualquer autorização por parte da SPU. Mas, a empresa protocolou um pedido de regularização da construção, apresentando apenas a documentação relaciona-

da a uma possível intervenção que ocorreria na área interna do lote.

“O pedido de regularização foi indeferido pela SPU-PB à época, tendo-se em vista que a intervenção proposta seria realizada na área interna do lote, ou seja, não seria aplicável a autorização da SPU para o caso dessa tipologia de intervenção”.

Giovanni reforçou que, dada à repercussão que o caso tomou, foi realizada uma fiscalização para verificar a obra e os fiscais da SPU constataram

avanço irregular de muro de contenção para além dos limites regulares do lote, em área de praia. “Logo foi acionada a Prefeitura para a realização de fiscalização e devidas sanções, conforme estabelece legislação”.

De acordo com a última atualização sobre o caso, o Ministério Público Federal (MPF) e o Ministério Público da Paraíba (MPPB) ajuizaram, em 11 de outubro, uma ação civil pública contra a Delta Engenharia. O inquérito civil do MPF apontou o

avanço da contenção marítima edificada pela empresa em área de praia, o que é vedado pela legislação brasileira, que estabelece como bens da União e de uso comum do povo as praias marítimas.

Saiba mais

Procurados pela reportagem do Jornal A União, a assessoria de imprensa da Delta Engenharia informou apenas que a questão do edifício Avoante está sendo discutida no setor jurídico da empresa.

No estado, a maior parte das ocupações irregulares está concentrada nas áreas de orla marítima. As edificações são tanto estabelecimentos comerciais como residências que avançam em área pública



Foto: Roberto Cuedes

POPULAÇÃO NEGRA

Séculos de luta por direitos básicos

No mês em que se comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, especialista destaca descaso com o segmento

André Resende
andreresendejornalismo@gmail.com

A “carne mais barata do mercado”, as “mentes mais apagadas da História”. A trajetória da população negra no Brasil revela algum nível de ausência no imaginário da intelectualidade nacional. A falta de reconhecimento aos grandes pensadores negros, aliás, desconstrói a pretensa ideia de democracia racial, tema que volta à discussão neste mês de novembro, quando é celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra (20).

O apagamento da contribuição negra para o pensamento crítico nacional é defendido pelo professor João Edson Rufino, doutor em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Ele comenta que a historiografia brasileira tida como oficial, portanto embranquecida, relegou a ideia de intelectualidade ao branco.

“O problema é que essa historiografia que se convencionou é excludente. A metodologia dela relegou o espaço do intelectual ao branco, o espaço de selvageria aos in-



Foto: Arquivo pessoal

O problema é que essa historiografia que se convencionou é excludente. A metodologia dela relegou o espaço do intelectual ao branco, o espaço de selvageria aos indígenas e ao negro. Nunca foi pensado o negro como intelectual

João Rufino

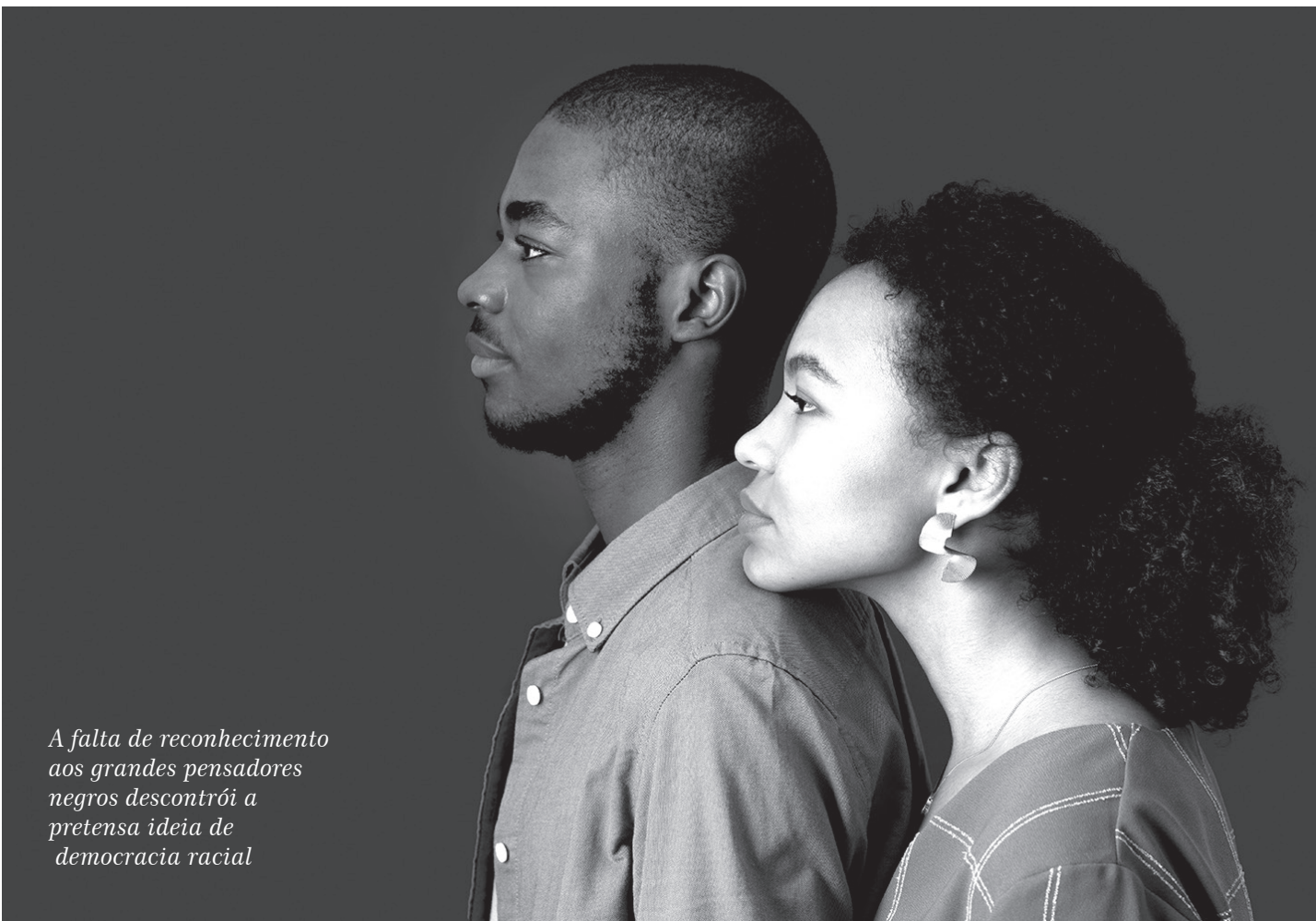


Foto: Freepik

A falta de reconhecimento aos grandes pensadores negros desconstrói a pretensa ideia de democracia racial

dígenas e ao negro somente o espaço do corpo. Nunca foi pensado o negro como intelectual. No Brasil, reconhecem como o pagodeiro, como o sambista, o atleta, não como uma figura intelectual”, comentou João Rufino.

Assim como a liberdade, oficializada somente em 1888, tornando o Brasil o último

país a acabar com a escravidão nas Américas, a educação chegou tardia a essa população brasileira. O Estado não apenas desconsiderou um planejamento para ingresso sistemático de ex-cativos ao aprendizado pedagógico, uma inserção natural para reduzir em longo prazo o abismo social, como al-

guns anos antes da abolição, em 1837, impediu a presença de negros em escolas por meio de lei.

O acesso dos negros à educação, no entanto, aconteceu à revelia, numa flagrante demonstração de resistência. Alforriados ensinavam outros negros que iam sendo libertos de cativos,

custeando o ensino com as mensalidades de estudantes brancos. Personalidades negras como os professores Antônio Cesarino e Pretexato dos Passos e Silva foram fundamentais nesta luta, um trabalho que pavimentou o caminho para o surgimento dos primeiros intelectuais brasileiros pretos e pardos.

Produção de conhecimento antecedeu abolição da escravatura

Aliás, a construção da intelectualidade negra no país antecede a abolição, como lembrou o professor João Edson Rufino. “Luís Gama, por exemplo, já produzia conhecimento 30 anos antes da abolição com a publicação de Trovas Burlescas na Bahia. No Maranhão, também antes da abolição, que foi algo completamente geopolítico para

agradar a Inglaterra, nós tínhamos a professora Maria Firmina dos Reis, publicando seu romance Úrsula”, destacou João Rufino.

Racismo estrutural

O racismo estrutural do Brasil, no que fora conceituado por Silvio Almeida, atual ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, sis-

tematicamente impediu o devido reconhecimento de homens e mulheres negras que contribuíram diretamente para a construção do conhecimento no país em sua plenitude, em toda sua diversidade. A discriminação, fustigada por séculos, invisibilizou e embranqueceu negros intelectuais.

Machado de Assis, por

exemplo, consensualmente um dos maiores escritores da literatura nacional, em nossa historiografia dita oficial, por muitas vezes teve sua negritude contemporizada, suas origens negras quase escondidas. Milton Santos, outro intelectual, considerado um dos maiores pensadores brasileiros do século 20, é muito pouco cultuado ou devida-

mente valorizado em toda sua contribuição para pensarmos o nosso país.

O pouco caso com a contribuição negra para o movimento intelectual brasileiro, se é que é possível considerar assim, é um reflexo da assimetria do tratamento racial do país. “A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do

tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado”, designou Silvio Almeida em seu livro “O que é racismo estrutural?”, publicado em 2019.

“Tivemos dois holocaustos, mas que foram normalizados”

O professor João Edson Rufino reforça a ideia de racismo estrutural contextualizando que, além de perceptível a partir da ação do Estado, o racismo se espalha por outras estruturas da sociedade, como por exemplo, a mídia. Em sua análise, ele denuncia a existência de dois genocídios cometidos no país, dois apagamentos étnicos provenientes da ação de homem branco.

“No Brasil, tivemos o genocídio indígena e o negro, dois holocaustos brasileiros, mas que foram normalizados na nossa história. No passado, muitos negros foram mortos por serem negros. No presente, muitos deles seguem sendo assassinados, inclusive pelo próprio Estado, somente por serem negros”, pontuou. Ele acrescentou que o filósofo camaronês, Achille Mbembe, usa um termo para essa violência sistemática - a necropolítica. Um conceito que nada mais é do que a ideia de que é normal a morte violenta de uma parcela da sociedade, incluindo aí a de pretos e pardos.

Muniz Sodré, jornalista e sociólogo, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, associa o racismo à brasileira às ideias eugenistas vindas da Europa. Em seu último livro, “O Fascismo de Cor”, publicado neste ano, Sodré propõe uma conceituação diferente para o que é chamado racismo estrutural: forma social escravista. Em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo em março deste ano, Muniz Sodré acrescentou que a dificuldade de combater o racismo no país se dá pelo fato de ser institucional e intersubjetivo, difícil de “pegar”, ainda mais quando o mecanismo da negação existe como um instrumento racista.

Combate ao racismo

Ações afirmativas provenientes do próprio Estado, seja por meio de políticas públicas ou leis, têm colaborado para o combate do racismo brasileiro. Iniciativas que foram conquistas do movimento negro brasileiro, inclusive. A política de cotas, por exemplo, é



Foto: Freepik

Ações afirmativas do Estado têm colaborado no combate ao racismo

uma das formas de reparação à violência imposta por anos aos pretos e pardos no país, que seguem lutando por condições paritárias de ocupar os mesmos espaços dos brancos na sociedade.

João Edson Rufino, coordenador do Neabi do IFPB, reforçou que os reflexos que ainda são sentidos pela população negra no cotidiano são consequência de uma estratificação intencional que se prolonga por séculos. Um problema que não vai ser resolvido de forma tão simples, mas somente após mais outros séculos de mudança de compreensão da questão racial do Brasil.

“São séculos de uma violência contra negros que não se destrói de um dia para o outro. Qualquer mudança por menor que seja não deixa de ser mudança. Há cerca de 20 anos, por exemplo, o debate estava menos evoluído que hoje, quando já é possível perceber, principalmente pelas redes sociais e na mídia, que o tema já ocupa todos os ambientes, não somente a academia. A mudança só acontecerá quando

todos, em todos os seus setores, colaborarem também para desconstruir esse racismo histórico e monstruoso, e isso é um trabalho de séculos”, concluiu.

O racismo à brasileira, escondido na ideia de miscigenação ou ainda na negação de sua existência, impediu e impede que a população negra, que corresponde a mais de 51% dos habitantes do país e a cerca de 48% dos universitários brasileiros, conforme dados do IBGE, tenha o devido reconhecimento na contribuição da intelectualidade. Um país mais igual e plural passa, obrigatoriamente, por oportunidades paritárias e pela reparação das injustiças históricas. Um pensamento que foi sintetizado por Milton Santos em 1989, mas que, com a característica que é peculiar aos intelectuais, transcende o tempo. “Nossa esperança é que vivemos a era da ciência e da técnica, mas também da inteligência, que significa que os que estão lá embaixo, podem vir para cima”, declarou o intelectual brasileiro, Milton Santos, em uma de suas conferências.

CUIDADOS

O impacto da anemia falciforme

Doença já matou 28 pessoas na Paraíba desde 2018. Adultos podem fazer exame de sangue para identificar o problema

Julio Silva
julioviniciuss@gmail.com

A anemia falciforme já tirou a vida de 28 pessoas na Paraíba, desde 2018. Conforme dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) da Secretaria de Estado da Saúde (SES), a faixa etária mais afetada foi a de 15 a 49 anos, que registrou 13 óbitos.

Na Paraíba, o diagnóstico da doença é feito em recém-nascidos, pelo teste do pezinho após as primeiras 48 horas do nascimento e até o 5º dia de vida do bebê. Para crianças a partir de quatro meses até adultos, a detecção da doença é feita através de um exame de sangue chamado eletroforese de hemoglobina, disponível no Sistema Único de Saúde (SUS) e realizado pelo Hemocentro da Paraíba.

Esse diagnóstico precoce da doença é extremamente importante, segundo a hematologista Sandra Figueiredo. “A anemia falciforme é uma doença de alta mortalidade. A expectativa de vida de um paciente é de 45 anos e o que causa a maior taxa de mortalidade são as infecções, principalmente em crianças até cinco anos de idade”, explicou a especialista. A anemia falciforme também pode gerar outras complicações, como o Acidente Vascular Cerebral (AVC), embolia pulmonar e infarto.

Na rede pública, o teste do pezinho é feito pelo Laboratô-

rio Central de Saúde Pública (Lacen). Se a criança for diagnosticada com a doença, ela é encaminhada para o Hospital Infantil Arlinda Marques, onde será atendida por um hematopediatra. “Com o diagnóstico a partir do nascimento, a criança já começa a fazer tratamento com antibiótico, até os cinco anos de idade, fazer uso de ácido fólico, tem que ter uma boa alimentação. Quando a pessoa já é maior, os autocuidados são essenciais para uma expectativa de vida maior, mas se enquanto criança não é levada ao médico, não é alimentada direito, a doença não é detectada precocemente, a taxa de mortalidade é muito alta”, alerta.

Tratamento na rede pública

O acompanhamento e atendimento dos pacientes de anemia falciforme na rede pública é feito em três serviços: no Complexo Pediátrico Arlinda Marques, em João Pessoa; no Hemocentro da Paraíba e Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais (Cedmex), que oferta o medicamento usado no tratamento.

De acordo com a SES, as Secretarias Municipais de Saúde também são responsáveis pelo acompanhamento dos pacientes através das Unidades Básicas de Saúde, com consultas e acompanhamento de rotina, além da dispensação de ácido fólico.

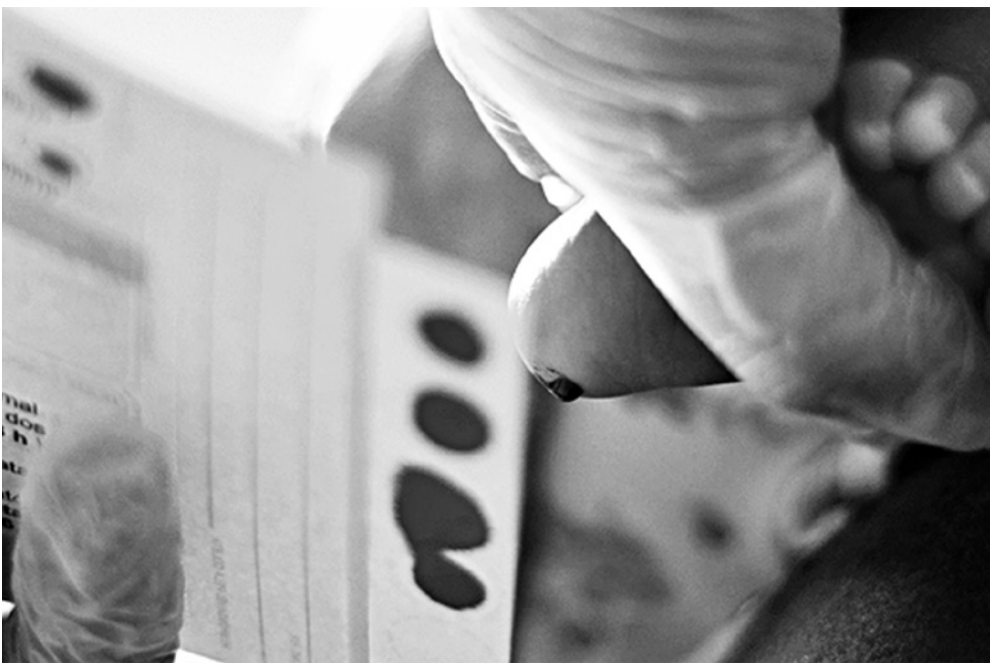


Foto: Rodrigo Nunes

Teste do pezinho é o exame que possibilita o diagnóstico assim que o bebê nasce

Anemia Falciforme

É uma doença hereditária que altera o formato dos glóbulos vermelhos do sangue, deixando-os com um formato de “foice” (daí, o nome falciforme).

Sintomas

- **Dor:** sintoma mais frequente, devido à obstrução dos vasos sanguíneos pelos glóbulos vermelhos. As crises têm duração variável e são associadas ao frio, infecções, período pré-menstrual, gravidez ou desidratação;
- **Síndrome mão-pé:** nas crianças pequenas as crises de dor podem ocorrer nos pequenos vasos sanguíneos das mãos e dos pés, causando inchaço, dor e vermelhidão no local;
- **Infecções:** as pessoas com a doença têm maior propensão às infecções e, principalmente, as crianças podem ter mais pneumonias e meningites. Por isso, elas devem receber vacinas especiais para prevenir estas complicações.
- **Úlcera (ferida) de perna:** ocorre mais frequentemente próximo aos tornozelos, a partir da adolescência. As úlceras podem levar anos para a cicatrização completa, se não forem bem cuidadas no início do seu aparecimento.
- **Sequestro do sangue no baço:** o baço é o órgão que filtra o sangue. Em crianças com anemia falciforme, o baço pode aumentar rapidamente por sequestrar todo o sangue e isso pode levar rapidamente à morte por falta de sangue para os outros órgãos.

Dalmo Oliveira

dalmojor@protonmail.ch

Só o altruísmo recíproco nos salva

Eu comecei a precisar tomar transfusões de sangue a partir dos dois anos de idade. Em 1967, na cidade onde nasci (Guarabira), os médicos não conheciam a anemia falciforme. Minha mãe trabalhava no Hospital do SESP, o primeiro grande serviço de Saúde Pública do Brejo paraibano, inaugurado anos antes. Mamãe teve sorte em conseguir aquele emprego. Naquela época praticamente não havia concursos públicos como hoje. Eu tive mais sorte ainda de mamãe trabalhar sua vida inteira em hospital.

Foi o hematologista Gilson Guedes (in memoriam), especialista em câncer de medula óssea, quem obteve meu primeiro diagnóstico para esse tipo de hemoglobinopatia. Nos primeiros dez anos eu vivia internado em João Pessoa, principalmente no AMIP.

Quando a crise era mais severa e minha hemoglobina caía abaixo de oito, as transfusões eram inevitáveis. Meu pai atuava no futebol semiprofissional. Ele era um cara boêmio e tinha muitos amigos. Eu lembro, muito vivamente, dele mobilizando os parceiros esportistas para virem doar sangue para mim na capital.

Papai levava grupos de quatro, cinco doadores de cada vez. A iniciativa do meu pai e o altruísmo de seus companheiros me salvaram inúmeras vezes. Havia anos que eu tinha até quatro internações prolongadas. 40 dias, um mês no hospital. Quando percebia que a crise iria demorar a ser debelada eu pedia pra minha mãe trazer meus livros e cadernos. Quando as dores diminuía, eu começava a estudar sozinho na enfermaria.

Parece que a doença não atingiu muito minha capacidade cognitiva. Eu gostava de ler e de estudar. Curtia muito os quadrinhos da turma do Disney e, mais tarde, os gibis de Tex Willer. Mamãe só me colocou na escola aos seis anos, no Jardim da Infância! Eu conclui o Ensino Médio (Científico) aos 18 anos e ingressei na UFPB no ano seguinte: 1986. Nunca fui reprovado e não me lembro de ter ficado em “recuperação”.

Eu não lembro da última vez que recebi bolsas de sangue nas veias. Lembro que em 2003 eu tive uma crise pesada em Campina Grande (PB) e a hematologista do hospital tentou me convencer a receber transfusões. Já havia mais de 15 anos que eu não precisava repor as hemácias por transfusão. Eu liguei para meu médico em João Pessoa e ele disse que não precisava. Resolvi pedir alta e me transferi para um hospital da capital. Era um período em que os especialistas estavam falando muito numa tal de “janela imunológica” que poderia abrir um flanco perigoso para contaminação pelo vírus HIV e outros. Preferi não arriscar e consegui sair da crise sem receber a transfusão.

Hoje em dia o sangue coletado na Hemorrede é testado para várias doenças, especialmente aquelas que passam pelo sangue e pelas relações sexuais sem proteção: hepatites, AIDS, chagas etc.

Quem possui doenças sanguíneas como a falciforme e as talassemias e que precisa de transfusões periódicas enfrenta outro tipo de problema. Uma reação do organismo (autodefesa) que entende o sangue novo como um invasor. Nesses casos, o paciente precisa tomar sangue fenotipado. É um processo que identifica e separa o sangue doado para garantir que ele seja compatível com as características do receptor.

A doação do sangue é, sem dúvida, o ato humano que torna a nossa espécie ainda mais longa e adaptada. Antes dos bancos de sangue, como os conhecemos hoje, as transfusões ocorriam braço-a-braço, principalmente nas emergências ocorridas nas guerras.

A descoberta dos grupos sanguíneos (A, B e O) só ocorreu em 1910, quando o pesquisador vienense, dedicado ao estudo da genética do sangue humano, Karl Landsteiner (1868 - 1943) começou a estudar seu próprio sangue e de colegas de laboratório. Ele também realizou pesquisas no sangue de coabaias de coelhos e macacos da espécie Rhesus. Essa investigação também de-

finiu que os grupos sanguíneos são positivos ou negativos.

Sangue e altruísmo

Em 1971, o sociobiólogo Robert L. Trivers definiu o conceito de “altruísmo recíproco”, como um processo que favorece cooperação entre parceiros. Outro Robert (Wright) fez uma relação curiosa entre o altruísmo recíproco e a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin.

Grosso modo, é como se a sociedade contemporânea pudesse ser comparada aos jogos matemáticos (hoje diríamos, algoritmos) cuja soma é diferente de zero. Sempre que prevalece cooperação entre os participantes, ambos podem ganhar.

Doar sangue é doar vida, é doar saúde. Só há outra atitude mais humana e mais complexa: a concepção e geração dos bebês pelas mães. Ou a doação de órgãos humanos em vida.

Em Angola a modalidade predominante de doação do sangue humano é entre familiares. Ou de pessoas próximas às famílias da pessoa que precisa da transfusão. No país africano não há o costume da doação voluntária, altruísta e frequente. O país também não proíbe a prática de compensações (inclusive monetárias) dos recebedores para os doadores.

Mas em abril, uma comitiva do Ministério da Saúde angolano esteve no Brasil para conhecer e entender como funciona nossa Hemorrede pública. Os especialistas de Angola querem copiar nosso modelo. Querem interiorizar a coleta e incentivar a doação voluntária e altruísta não-remunerada.

Angola deve implantar proximamente política pública de triagem neonatal (Teste do Pezinho) para detectar precocemente a doença falciforme nas crianças recém-nascidas. Isso vai aumentar a demanda por doação do sangue humano naquele país.

Além da questão inicial sobre a doação do sangue, o Brasil vive um momento decisivo para aperfeiçoar sua produção dos cha-

mados “hemoderivados”. A coleta seletiva do plasma do sangue humano que é o principal insumo para a fabricação desses biofármacos, pode ser aprimorada com um reforço na estruturação estratégica da Hemobrás.

Essa é uma área da indústria de Saúde estratégica para o Brasil e que está sendo ameaçada nesse momento com uma proposta de mudança na Constituição Nacional (a PEC 10/2022). Investidores estrangeiros, lobistas nacionais e parlamentares malintencionados pretendem flexibilizar a coleta, o processamento e a comercialização do plasma.

Até a década dos anos 1940 do século passado, a captação do sangue humano podia ser retribuída, inclusive com remuneração monetária. A Constituição Cidadã de 1988 acabou com isso. Ai eu lembrei da música que a Elza Soares canta, que diz que “(...) a carne mais barata do mercado é a carne negra!”. Se o negócio da comercialização de sangue humano for novamente legalizado no Brasil, imagina qual será o sangue mais barato do mercado?...

O sangue humano é inegociável. Não tem preço. O Brasil deve reverter o lucro da Hemobrás com a produção de hemoderivados em recursos para retroalimentar a cadeia pública do sangue humano, melhorar a capacidade dos hemocentros, investir em pesquisa e desenvolvimento nesse campo do conhecimento.

O país tem tudo para se tornar liderança mundial no manejo industrial do plasma, dos hemocomponentes e de biofármacos derivados do sangue. Exportar tecnologia e expertise nessa área.

Enquanto o debate prossegue nos canais midiáticos da Opinião Pública, eu saúdo todos aqueles que ajudaram o Sr. Martin Batista a me salvar há meio século. Saúdo os doadores e doadoras de sangue que vão frequentemente aos bancos de coleta entregar de maneira benevolente, gratuita, altruísta e voluntária esse bem inigualável e tão precioso.

DONA INÊS

Vocação turística e muitas vivências

Cidade mantém potencial econômico na agricultura, mas tem investido em produtos que atraem visitantes

Fernanda Dantas
Especial para A União

Dona Inês é mais um dos municípios que compõem a região turística do Brejo paraibano, de acordo com o Fórum de Turismo Sustentável do Brejo paraibano. Ela conta com uma população de 10.380 habitantes, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e está localizada a cerca de 140 km da capital, João Pessoa. Sendo uma das poucas cidades paraibanas com o nome de uma mulher, Dona Inês se destaca no cenário turístico e cultural pela quantidade de atrativos que tem a oferecer.

Para entender o porquê de ter sido “batizada” assim, é preciso fazer um recorte histórico. Conforme o IBGE, as redondezas do território começaram a ser habitadas no início do século 20, quando as primeiras povoações surgiram a partir de pequenos sítios e fazendas.

A história popular conta que a figura feminina sur-

giu por volta de 1850, quando vaqueiros, originalmente à procura de gado desgarrado, avistaram no horizonte uma coluna de fumaça. Até então, os homens acreditavam que a região era completamente inabitada, e mesmo com estranheza, decidiram seguir o sinal. Chegando ao local, eles teriam avistado, à sombra de um cajueiro e ao lado de uma cacimba, uma senhora branca, acompanhada de um homem escravizado a seu serviço. A mulher, conhecida popularmente por ser a primeira habitante daquelas terras, teria se apresentado como Inês, uma senhora de engenho pernambucana.

Ainda segundo a lenda, ela nunca mais foi avistada, e a partir disso, o lugar começou a ser chamado de Serra de Dona Inês. Em 1943, o povoado foi elevado à vila, pertencente ao município de Bananeiras, se tornando distrito da mesma cidade no quinquênio 1944/48. No ano de 1959, Dona Inês finalmente se desmembrou e foi elevada à cate-

goria de município. A atividade econômica principal nos primeiros anos de Dona Inês era baseada na agricultura de subsistência. Atualmente, o cenário é outro: o secretário municipal de Cultura e Turismo, Josenildo Fernandes da Silva, a econo-

mia local, apesar de ainda se basear na agricultura, é composta também pela extração de rochas, comércio e serviço público.

Além disso, ele destacou a variedade de atrativos para turistas. “Dona Inês é caracterizada pelo turismo de na-

tureza e de aventura. Com atrativos durante todo o ano, o município oferece cinco roteiros principais: roteiro da Pedra Lavrada, das cachoeiras, da Mata do Seró, da Catinga e também o do Quilombo Cruz da Menina. Josenildo Fernandes da

Silva também chamou atenção para as manifestações culturais inesenses, que incluem eventos como festas de São Sebastião e de Santo Antônio, um festival de inverno e, junto a isso, o fator da cidade de ser uma das sedes da Rota Cultural Raízes do Brejo.



Origem da cidade estaria relacionada à visão que vaqueiros tiveram de uma mulher que se apresentou como Inês

Foto: Roberto Guedes

Potencial turístico e gastronômico credita cidade ao Raízes do Brejo

A Rota Cultural Raízes do Brejo é um festival que acontece há cinco anos e percorre, entre os meses de outubro e dezembro, nove cidades da região turística do Brejo paraibano, incluindo Dona Inês, que marca presença no roteiro desde sua primeira edição. A cada fim de semana, o evento passa por um dos participantes da rota. As festividades em Dona Inês se iniciam na próxima sexta e seguem até o dia 19.

Para o presidente do Fórum de Turismo Sustentável

do Brejo paraibano, Jaime de Souza Neto, o principal objetivo é promover a cultura popular e os artistas locais, por meio de programação gratuita. “Além disso, outro grande propósito é evidenciar os roteiros turísticos. Durante três dias, nós recebemos não só em Dona Inês como em cada cidade muitos turistas. A nossa programação é feita baseada nisso”, acrescentou.

Ele também destacou a contribuição de iniciativas como essa para a economia

local. “Nós temos essa dinâmica de turismo de evento que vem atraindo milhares de visitantes e que tem gerado emprego e renda. Então, já é natural a gente ver no Brejo ao menos um empreendimento sendo inaugurado por mês. Como nós somos uma região turística muito grande, estão surgindo novas pousadas, novos restaurantes, casas de farinha, bistrôs, cafeterias, todas essas possibilidades abrindo as portas para o turismo”, pontuou.



Cultura e vivência quilombolas são destaques do projeto Rota Raízes do Brejo

Foto: Rafaela Henrique

Programação

Feiras gastronômicas e de artesanato, shows de artistas locais e regionais, trilhas e apresentações de manifestações culturais intensas marcam presença na programação deste ano.

O secretário de Cultura e Turismo, Josenildo da Silva, comentou sobre o esforço de montar um evento que contemple as principais características da cultura do município: “Nessa Rota Raízes do Brejo, estamos organizando uma programação bem cultural, que junta os artistas locais com artistas regionais e dá ênfase à cultura popular, aliada ao destaque à cultura quilombola”.



Confira a programação completa acessando o QR code

Roteiro cultural quilombola

“Eles escutam a nossa história, eles nos parabenizam pelo resgate de uma coisa tão bonita, uma cultura tão linda que a gente tem, e a gente tem que mostrar mesmo a nossa cultura. A gente tem que usufruir da nossas belezas porque cada detalhe que a gente mostra é com muito carinho, com muito amor”, disse Rafaela Henrique, uma das organizadoras do roteiro cultural pela comunidade Quilombola Cruz da Menina, ponto alto do turismo inesense.

Chamado de Pôr do Sol, a visita começa na Cruz da Menina, lugar que representa a história da comunidade, com o Café Quilombola. Pelo valor de R\$ 20, os turistas conseguem experimentar pratos típicos da gastronomia local, como tapioca, beiju e pé de moleque. A refeição é feita pela própria Rafaela e por sua irmã, mas a participação dos locais não para aí: a geleia que acompanha as torradas servidas também é produzida artesanalmente por uma moradora, e pode ser adquirida separadamente para quem quer levar o sabor da comunidade para casa. Ainda, nesse momento, é possível assistir a apresentação da banda de pífano composta por adolescentes também de Cruz da Menina.

Além disso, o artesanato também é mais um ponto explorado e que pode ser adquirido pelos turistas, na sede da associação dos artesãos locais, ao lado do cruzeiro. “Na comunidade a gente tem o grande artesão Sérgio Teófilo. Ele tem um ateliê e loja na casa dele. Ele recebe bastante

pessoas. A gente também tem pessoas que fazem peças em argila. Temos um grupo ressignificando chita, que produz peças de roupas feito com a chita. Também tem as pessoas que fazem suas peças de crochê, pessoas que fazem brinco e colares de crochê. A gente tem artesanatos bem diversificados, não só tem só argila, a gente tem outras coisas, e estamos resgatando essas tradições”, explicou Rafaela. Outros atrativos incluem uma visita à Capela da Cruz da Menina, quando são explicadas as origens da comunidade. Recentemente, também foram formados o grupo de maculelê e o grupo de caxeira, com crianças e pré-adolescentes da comunidade que performam apresentações aos excursionistas.

As visitas acontecem por agendamento, geralmente com o intermédio de guias turísticos ou da própria Secretaria de Turismo, com grupos de visitantes. “O guia que está conduzindo essa turma entra em contato comigo, comunica qual o dia, o horário, quantas pessoas estão vindo para a nossa comunidade e aí a gente se prepara, já que precisamos preparar café, levar para o pôr do sol para quando os turistas chegarem estar tudo pronto”, ressaltou ela, ressaltando a importância do planejamento pelo fato de que as residências não ficam tão perto do cruzeiro, local do café.

Quando perguntada sobre a importância de expor uma riqueza imaterial tão necessária, a organizadora expressou o orgulho das suas raízes:

“Eu me orgulho muito de ser uma mulher negra, quilombola, uma mulher de lutas. A gente luta todos os dias por melhorias, por respeito, e eu me sinto muito orgulhosa em estar participando do resgate à nossa história, do resgate à nossa cultura que os nossos antepassados faziam”, afirmou.

“Eu quero que a nossa comunidade avance, e a importância do turista estar dentro da nossa comunidade, querer conhecer a nossa vivência, querer conhecer como foi e como está nossa comunidade atualmente. Eu tenho orgulho de onde eu vim, e pra onde eu vou, eu carrego a minha comunidade e a minha origem no peito”, finalizou, frisando a responsabilidade de perpetuar a cultura de seu berço.

“Eu quero que a nossa comunidade avance, e a importância do turista estar na nossa comunidade conhecendo nossa vivência

Rafaela Henrique

LITERATURA

Pelas narrativas cotidianas de uma multidão sem rosto

Hoje, em João Pessoa, Deborah Dornellas lança a sua primeira coletânea de contos: *‘Precisamos matar nossas bonecas’*

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Antes de ser contista, romancista. Antes de ser romancista, poeta. E sendo poeta, Deborah Dornellas passou a vida inteira por várias cidades até se radicar em João Pessoa há pouco mais de um ano. Nascer no Rio, crescer em Brasília e se mudar para São Paulo deu à escritora a percepção que os grandes centros urbanos são receptáculos de personagens disfuncionais e é onde a solidão se aprofunda – mesmo que não lhe retire a dimensão de um olhar lírico. Não há muito espaço nesses ambientes conurbados para alívios de tensão e nem em *Precisamos matar nossas bonecas* (Patuá, 136 páginas, R\$ 50), obra de estreia de Dornellas na prosa curta, que será lançada hoje, às 16h, no GardBeer, nos Bancários, em João Pessoa.

Depois de seu *Por cima do mar* vencer o Prêmio Casa de Las Américas como Melhor Romance Brasileiro, em 2019, a autora publica agora 21 contos escritos em momentos distintos de sua trajetória nos últimos 10 anos. São textos em que se percebe o peso das cidades na desolação e no desamparo dos seus habitantes, que não saem ilesos a isso. “É uma cidade que promove, muitas vezes, uma solidão inapelável das pessoas. Ela propicia você se

isolar. De alguma maneira, as relações não são fáceis de estabelecer. Trato em boa parte desses contos sobre uma solidão essencial do ser humano”, descreve a autora.

As cidades não estão sempre nomeadas nos textos e não são exploradas no livro como se fossem personagens de uma crônica urbana. É o que a escritora Maria Valéria Rezende, autora do texto da orelha, chama de “cidade abstrata, à primeira vista esvaziada de toda forma de vida”; e Cinthia Kriemler, na quarta capa, identifica como “narrativas cotidianas” de uma “multidão sem rosto” vivendo em “realidades que se acumulam no subterrâneo”. Em comum entre todos os textos estão os homens, mulheres e crianças que ocupam as ruas, as feiras e os metrô seguindo uma rotina que suprime e mascara a perversão e o abuso de que ora são vítimas, ora são algozes.

Os contos são divididos em duas partes, separados por desenhos criados pela escritora (que é também artista visual) e por uma epígrafe. Além de funcionar como um respiro durante a experiência da leitura, a segmentação coloca na sessão de abertura textos dramaticamente mais pesados, “são mais porrada mesmo, essa é a minha sensação”, diz Dornellas. Compõe essa primeira parte *Via Láctea*, con-

to inicial em que o nome do livro é pronunciado por uma personagem mirim ao narrar para a mãe o estupro cometido pelo padrasto. O crime tem as suas bonecas por testemunha e ocorre debaixo dos adesivos brilhantes no escuro dos planetas colados no teto que a menina fita enquanto é violentada.

“Achei a frase ‘Precisamos matar nossas bonecas’ muito emblemática, porque ela é uma frase que tem mais de um sentido. Um deles é matar mesmo a boneca. Mas é um sentido figurado. É como se fosse matar a inocência, matar a infância”, afirma a autora. As bonecas são mais que testemunhas. Flertando com o realismo fantástico, no conto elas chegam a socorrer a criança. Bonecas que ela herdou da mãe. “Isso é uma coisa muito do feminino, sabe? Acho que as mulheres vão entender isso muito bem. Nós todas já passamos por algum tipo de abuso, por menor que seja”.

Esse foi um entendimento que a escritora absorveu de forma determinante quando morou na década de 1970 em um pensionato para moças quando foi cursar Letras em Campinas (SP). Não era uma cidade, estava espelhada ali, mas um microcosmo do universo feminino, com mulheres de diferentes classes sociais, bagagens e estilos de vida. “Tem muita história que eu ainda

nem contei, que aconteceu ali. Essa é uma vivência muito interessante na minha vida. E me sinto privilegiada de ter tido essa experiência. Isso me traz histórias até hoje”.

Fechando a primeira parte da obra, o conto *Teu* volta a tratar sobre pedofilia em um dos textos mais pesados por ser narrado de forma explícita e crua pelo próprio criminoso. A segunda parte, em que esses contextos de violência deveriam ser mais amenizados, conta com *O cheiro da tarde*, voltando ao tema do abuso na infância dentro da família. “Percebi outra coisa: tem muita gente que morre nesse meu livro. Muitos contos têm morte. Algumas são violentas mesmo, mas a maioria é morte natural. Não é à toa que esse verbo matar está no título”.

Com essas narrativas e a circunscrição de onde elas ocorrem, pode parecer óbvio, mas o que melhor une todos os 21 contos, porém, é a forma com a qual Deborah Dornellas trabalha a sua linguagem. São frases em sua maioria curtas em que se destaca a sutileza na descrição do que é dito e, principalmente, no que é mantido nos subtextos, nas entrelinhas. “Minha prosa é muito contaminada pela minha vontade poética. É uma linguagem direta, não tem muitas voltas, mas ela tem um lirismo da vida, mesmo que seja um lirismo triste”.

Produzindo poesia pelas cidades grandes em que passou, Deborah Dornellas aportou em João Pessoa muito atraída pela cena literária local, encontrando espaço para desenvolver sua prática de escritora no Clube do Conto da Paraíba, a quem *Precisamos matar nossas bonecas* é também dedicado. “Eu já conhecia o Lau Siqueira e a Maria Valéria Rezende. Essa é a cidade onde mora Tiago Germano, Débora Ferraz, André Ricardo Aguiar, Beto Menezes, Marília Arnaud, Waldemar José Solha, Antônio Mariano, e tem também o João Matias, que fez um livro agora maravilhoso, que você entende João Pessoa, por dentro, nas entranhas da cidade. Então fiz a escolha certa”.

A escritora ainda não se sente nas entranhas de João Pessoa. “Ainda estou muito na beirada da cidade, sabe? Ainda não entrei”. Mas ao menos a capital paraibana não promove nela a “solidão inapelável” que pesa sobre os seus personagens em *Precisamos matar nossas bonecas*. “João Pessoa tem uma vocação um pouco diferente. Ainda estou entendendo a cidade, ainda não percebi tudo que a cidade pode me dar. Espero que a cidade e o estado da Paraíba entrem na minha literatura, com o tempo e a convivência. Esse é o meu desejo”, conclui Deborah Dornellas.



Foto: Arquivo Pessoal

Depois de vencer o Prêmio Casa de Las Américas 2019 como Melhor Romance Brasileiro, por ‘Por cima do mar’, a autora faz a sua estreia na prosa curta



Imagem: Editora Patuá/Divulgação

Obra reúne 21 contos produzidos em momentos distintos da trajetória da escritora na última década, em que se percebe o peso das cidades abstratas na desolação e no desamparo dos seus habitantes, que vivem em realidades que se acumulam nos subterrâneos

Confira o começo de um dos contos na obra

Via Láctea

Antes de vestir o uniforme, eu pegava a toalha de rosto, molhava uma pontinha na torneira do banheiro e esfregava bem a mancha de gosma branca no lençol, pra você não ver. Depois arrumava a cama. Todo dia, antes de sair para a escola. Caindo de sono. Ouvi você dizendo para as vizinhas que eu era uma menina muito ordeira, organizada, que sempre arrumava a cama, que cuidava das trocas de lençol, essas coisas. Você nunca desconfiou.

Não dava para adivinhar nem o dia nem a hora da madrugada, porque ele variava. Às vezes, uma ou duas bonecas estavam dormindo comigo na cama. Elas viam e ouviam tudo. Depois que ele ia embora, eu chorava baixinho, abraçada com a Beijoca ou com a Suzi, minhas mais velhas. Elas insistiam que eu tinha que contar tudo pra você, mãe, mas eu tinha medo. Muito medo. Ele me assustava dizendo que machucaria você e me castigaria se eu contasse. Pra você ou pra qualquer pessoa. É um segredo só nosso, pequena, sussurrava. Não era nada de segredo, porque todas as minhas bonecas sabiam.

Detestava aqueles sussurros. Tinha vontade de sumir quando ele chegava a boca perto do meu ouvido. Quem disse que eu queria ter segredos com ele? Quem disse que eu queria aqueles brinquedos novos que ele me trazia de dia, para me tocar daquele jeito de madrugada? Quebrei todos, um por um. Eu só queria ficar abraçada com as bonecas, que eram suas e agora são minhas.

Uma vez, quase contei tudo à minha professora, porque ela não parava de perguntar o que estava acontecendo comigo, que eu andava muito avoada, não prestava mais atenção às aulas, essas coisas. Mas o medo foi maior, e continuei calada.



Através do QR Code acima, acesse o site da editora para ler o conto completo

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre a tecnologia

A relação entre os seres humanos, a natureza e a técnica é uma temática que tem ecoado ao longo da história. No entanto, delinear fronteiras precisas entre esses elementos torna-se uma tarefa desafiadora, especialmente em um mundo impregnado pela tecnologia.

Refletir sobre a evolução técnica nos leva a considerar as palavras do antropólogo Pierre Clastres, para quem as tecnologias são moldadas pelas características das sociedades que as produzem. Sociedades arcaicas encontram em seus instrumentos tecnológicos a resposta mais adequada à sua realidade, enquanto as sociedades capitalistas se apoiam em um aparato técnico-científico mais complexo.

A forma como interagimos com a natureza e moldamos materialmente nossa sociedade evoluiu ao longo dos séculos. Contudo, à medida que entramos plenamente na era tecnológica, marcada pelo domínio do capitalismo, vemos crescerem os desafios que ameaçam a vida em nosso planeta. Nesse contexto, a lógica da razão instrumental permeia a produção tecnológica, materializando-se na universalização da forma mercadoria. Tudo

é produzido com o propósito primário de ser comercializado.

Max Weber e Martin Heidegger ofereceram *insights* valiosos ao descreverem os processos de racionalização e matematização do mundo, respectivamente. Heidegger, por exemplo, destaca como a técnica coloca as coisas em um estado de disponibilidade, uma característica que é exacerbada no contexto capitalista, onde produzir mercadorias tornou-se o cerne da operação. O filósofo Jürgen Habermas também levanta críticas pertinentes, ao questionar a ciência e a técnica enquanto ideologia. A instrumentalização exacerbada desses elementos no capitalismo levanta sérias preocupações éticas e econômicas, especialmente à medida que adentramos a era das tecnologias de Inteligência Artificial.

As inovações no campo da IA suscitam questões profundas sobre a natureza da inteligência, o papel das máquinas e os limites éticos que devemos estabelecer em sua aplicação. Podemos, de fato, afirmar que essas máquinas possuem capacidade de pensamento? Como devemos integrá-las em nossas vidas e sociedades de maneira ética e responsável?

Diante desses desafios, torna-se imperativo não apenas refletir sobre a evolução técnica e sua interseção com a natureza, mas também buscar soluções que promovam um equilíbrio sustentável entre a tecnologia e o ambiente que nos rodeia. Somente através de um diálogo aberto e ações coletivas podemos moldar um futuro em que a coexistência harmônica entre homem, natureza e técnica seja não apenas desejável, mas também alcançável.

Tópicos

Inovações no campo da IA suscitam questões sobre a natureza da inteligência, o papel das máquinas e os limites éticos que se deve estabelecer em sua aplicação

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

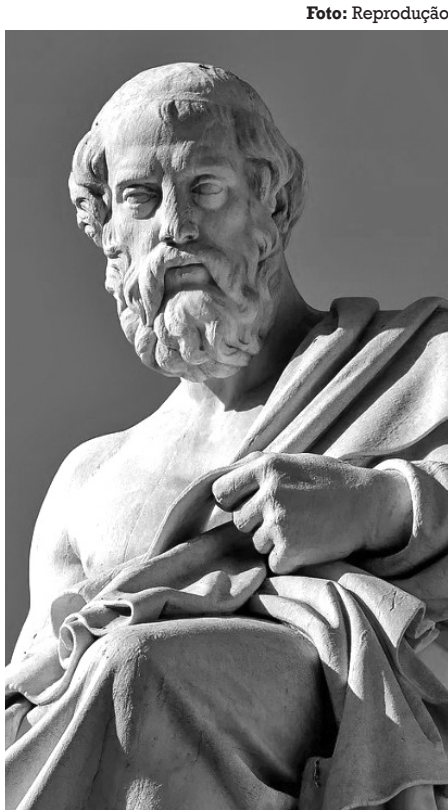
Estética e Existência

Arte e o artista em Platão

O livro *A República* (380 a.C.), escrito pelo filósofo grego Platão (428 a.C.-347 a.C.), apresenta os diálogos de seu mestre, o também filósofo grego Sócrates (470 a.C.-399 a.C.). Neste trabalho, ambos os pensadores expõem a maneira de governar a cidade de modo a garantir a dignidade de todos os cidadãos, descrevendo e conceituando a Justiça. São abordadas as divisões de poder e os tipos de caráter que devem prevalecer entre os ocupantes de cargos públicos, sendo também discutido o que é necessário para promover o bem-estar social.

A filosofia de Platão educa os cidadãos a serem bons para si mesmos e para os outros, com o intuito de torná-los virtuosos para a prática do bem. Para isso, é preciso estabelecer uma conexão com a metafísica, a fim de compreender os fundamentos de tudo o que existe e o propósito da existência. Também é necessário utilizar a dialética, que consiste em um método de diálogo cujo objetivo é a contraposição e contradição de ideias, gerando assim novas ideias. O idealismo platônico estabelece uma distinção entre o conhecimento sensível e o inteligível. O conhecimento sensível está relacionado ao “Mundo material”, no qual a realidade experimentada é ilusória e enganadora, sendo percebida pelos sentidos do corpo. Já o conhecimento inteligível está no “Mundo das ideias”, no qual se apreende a correspondência exata entre uma afirmação e a realidade da coisa que ela descreve, ou seja, a verdade sobre as coisas e a essência de algo, que possui características de eternidade e imutabilidade. A realidade intelectual, acessível pela razão na busca pela verdade, descreve os conceitos dos seres e os objetos existentes no Universo.

No livro mencionado, os 10 capítulos são compostos por diálogos sobre política, educação, amor, amizade, imortalidade da alma e outros temas. No décimo capítulo, é abordada a função das manifestações artísticas na formação moral dos cidadãos e a contribuição da arte na busca pelo conhecimento do mundo, aproximando-se assim da verdade contida no “Mundo inteligível”, e a necessidade de distanciar-se do “Mundo sensível”.



Filósofo grego Platão (428 a.C.-347 a.C.)

De acordo com os diálogos do livro 10, a visão de Platão sobre a arte e o artista revela que tanto a poesia quanto as outras formas de expressão artística, como esculturas, pinturas, música e outras artes, são consideradas imitações depreciativas e miméticas, ou seja, representações das coisas e eventos capturados pelos sentidos. Essas formas de arte corrompem os indivíduos, afastando-os da verdade e resultando em opiniões confusas sobre ideias estéticas e a percepção do mundo. No entanto, no capítulo sete, que trata da *Alegoria da Caverna*, o filósofo grego apresenta a tese de que os cidadãos podem alcançar o conhecimento verdadeiro e escapar das ilusões superficiais.

Ao usar a imagem de uma caverna para descrever a realidade sensível à qual os seres humanos estão expostos, Platão descreve prisioneiros acorrentados e imóveis, que só podem ver as sombras refletidas no fundo da caverna diante deles. São prisioneiros dos costumes, das práticas e dos hábitos, e estão destinados a enxergar as coisas de forma limitada, reduzida, como meras sombras. Quando há a possibilidade de libertação de um dos prisioneiros da caverna, através de um impulso ou estímulo que nele desperte a curiosidade de ir além de seus limites, Platão retrata a transição

para a libertação desses prisioneiros como algo complexo e penoso. A força do hábito faz com que ele se sinta confortável em suas antigas condições e estranhe a nova realidade. No entanto, gradualmente, ele se adapta à sua nova situação. É durante esse processo de adaptação que o prisioneiro se aproxima da verdade, primeiro olhando as sombras, depois os objetos, até finalmente ser capaz de encarar o próprio Sol, sem ser ofuscado por ele.

O Sol representa o grau máximo da realidade, a totalidade do ser, a própria essência do Bem (Mundo intelectual) – através da metáfora da luz como iluminação – tornando o invisível visível, contrastando com a escuridão e as trevas. Ao alcançar a visão do Sol, o prisioneiro conclui o processo de transformação de sua condição inicial, adquirindo conhecimento, pois vê diretamente a fonte de toda a luz: o ser, a realidade. Desta maneira, compreende a totalidade, superando, assim, a visão parcial das etapas anteriores.

De acordo com Platão, as manifestações artísticas no “Mundo sensível” se distanciam cada vez mais da contemplação da verdade presente no “Mundo intelectual”. Ao criticar as ações do artista-imitador, ele diz: “Portanto, a arte de imitar está muito longe da verdade e realiza tudo, aparentemente, atingindo apenas uma pequena parte de cada coisa, que não passa de uma aparição” (Platão, 2011, p. 598a-e). No mesmo parágrafo, o pensador diz: “As multidões ignorantes não conseguem distinguir com clareza a imitação da realidade e assim aceitam os artistas miméticos como sábios e fontes confiáveis de educação moral” (Ibid., p. 598c-602b).

Sinta-se convidado à audição do 445º Domingo Sinfônico, deste dia 12, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentareia estética e farei a análise musical de alguns concertos do período barroco do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750). Suas composições tinham a finalidade de dá prazer à alma e glorificar a Deus, expressando a beleza da unicidade entre o ser humano, Universo e Deus.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Fim

O certo é ser gente inteligente e botar quente. Não tem boquinha. Ou vai, ou estanca. A atriz e escritora Fernanda Torres é do clã do Albert Camus. Ah, vocês conhecem a obra *Mal-Entendido* ou *Equívoco*, peça teatral escrita em 1943? É de lascar, uma história cruel que eu não vou contar, não vou, não vou deixar de contar, não vou deixar, sequer me adaptar. Esquece.

Fim. Sim, o fim está em cada gesto, em cada gozo, em cada casa, no olhar pidão, em todas as vidas e a coisa toda. Não adianta fugir, nascemos para isso. E o fim não tem a nada a ver com o desfecho, mas o início. Ou seja, o meio.

Fim, a série que está apenas em seis episódios da GloboPlay com texto de Fernanda Torres é uma transa urbana, que fala da vida gente, do fim da gente, da velha saideira, do queira ou não queira, faca na manteiga. É tão boa essa série que eu não vou esperar pelo fim. Não terá fim? Terá, sim.

Um spoiler está em toda parte – trata-se de um grupo de amigos que não acredita que a vida se limita a encontrar o amor e ser feliz para sempre. Uma história sobre a vida, vista pelos olhos de quem acaba de deixá-la. Isso diz tudo. Ou nada.

Começemos pelo caixão de Ciro. No primeiro episódio, morre o protagonista. Sim, a morte é a coisa mais banal. Sempre foi. Bem antes de Seu Moisés abrir o Mar Vermelho. Para os que acreditam, é claro.

Quando eu era pequeno, minha mãe me levava para todos os velórios e eu ali com medo agarrado a sua saia cleptomaniaca. Lembro que embaixo dos caixões tinha gelo e carvão, para não exalar a podridão do cadáver. Minha mãe era prima da mãe de Luís Buñel. Minha mãe era foda, Fernanda Torres é foda.

Então, a série *Fim*, não terá fim? Uma relação morre quando não tem mais o que conversar. O destino nos guia e nos empurra para o final.

Ah! A série mostra a vida de nove personagens, homens e mulheres, mas tem o padre, tem as crianças, a cidade, as imensas tristezas das alegrias iniciais, mas é como se o tempo fosse o herói e o vilão, o bêbado, o encosto, o cara que brocha, a mulher que trai o marido para ter um filho, o marido estéreo, tapas na cara. Sim, quase todos os personagens fumam.

A cara lisa, cara de pau, o início das rugas e a morte visivelmente súbita, as pessoas nas calçadas, nas janelas, quem é ela, quem é ela, se vemos tudo em quadrado?

É lindo quando Erasmo Carlos canta nas cenas da série – “Gente certa, é gente aberta” – ou quando Ney Matogrosso aparece cantando ‘Bandido, bandido corazón’ numa TV analógica, lógica, tóxica, bosta.

A autora disse que o livro é o epitáfio do macho, “dessa geração que foi machista livremente. “A série, eu acho que é um olho... Carinhos até, meu, dessa época, que é a época de quem era adulto quando eu era criança. É um olhar feminino de hoje sobre esse comportamento”. Faz sentido.

A série *Fim* é genial, brota dos pelos “brasis”, a dor de um, do outro, o sufoco, o filho doido, o otário, as chagas, a morte de Ciro (Fábio Assunção, nunca o vi tão bem em cena) o amor de Rute (Marjorie Estiano) que canta Jobim, desperta a paixão, do amor e morte que andam de mãos dadas.

O certo é gente inteligente e pra botar pra quebrar.

Kapetadas

1 - Livros? Não julgue pela espessura: tem grossos que são ocós e fininhos que são intermináveis.

2 - Sei lá se livro é mesmo o alimento do espírito. Se é, então tem multidões jejuando há séculos.



Marjorie Estiano (E) e Fábio Assunção (D) na série ‘Fim’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O fenômeno ‘Nikita’ foi o que nos aproximou...



Poeta Juca Pontes (E) e a atriz Zezita Matos (D)

Mas, o que nos aproximou mesmo, antes de mais nada, foi a bela ‘Nikita’ (“*Hey Nikita is it cold in your little corner of the worl...*”). Porque Juca dispunha de vários discos de Elton John, especialmente em vinil, nessa época bastante em moda. Isso me motivava a algumas visitas ao seu apartamento, um andar acima do nosso, para ouvir o cantor inglês. Por vezes, ia acompanhado do meu filho Alexandre, ainda pequenino, a quem Juca

chamava de “barbudinho”; talvez, em razão de que, à época, eu usava farto buço facial, coisa que o amigo Juca também costumava usar.

E não raro, até estando “frio no seu cantinho do mundo”, ‘Nikita’ (a canção) sempre era motivo de bons papos sobre música e cinema. Sobre tudo cinema, já que eu tinha laços com a diretoria geral de Cultura do Governo do Estado, cujo titular Raimundo Nonato Batista, futuramente seria o sogro de Juca Pontes, ao contrair matrimônio com a filha dele, a jovem Michele. Tempos depois, o amigo Juca foi residir em outro lugar, repassando o apartamento do Condomínio São Marcos, em Tambaú, para sua família de Campina Grande.

Na semana passada, fiquei feliz ao ler a notícia de que uma homenagem fora prestada ao amigo. A Casa da Literatura Paraibana, localizada no Espaço Cultural, agora passaria a se chamar Livraria **A União** Poeta Juca Pontes. Bem posta e respeitosa a ideia, motivando a filha de Juca, Maíra Pontes, afirmar que uma livraria com o nome de seu pai “representa toda uma vida dedicada aos livros, à sua poesia e à produção editorial”. Causas que o nosso amigo sempre defendeu. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexsantos.com.br/blog.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Um pouquinho de poesia!

Poesia é quando a pedra é pluma, e a pluma é pêssego, e o pêssego é pássaro, ponte entre o ponteiro e o canto.

Poesia é quando estou sozinho e só me resta o candeeiro das palavras. Poesia é palavra.

Segundo um ilustre bardo inglês, é a melhor palavra no melhor lugar possível. Lugar em cuja clareira, aberta e arejada, imperceptíveis, podem coabitar o absurdo e o milagre.

Poesia é milagre que acontece quando nada acontece, ou, dito de outra forma, o próprio milagre da linguagem enquanto acontecimento.

Poesia é também beleza, e, se beleza, não se furta à conexão dos quesitos essenciais à sua fatura insólita e surpreendente, isto é, a integridade, a proporção e a clareza, na lição do mestre e sábio São Tomás de Aquino.

Poesia é fenômeno anfíbio, ambivalente, inexplicável, pois cultiva, na mesma seara de espantos, o calor de uma alegria para sempre ou a secreta “dor das coisas que passaram”.

Digamos que a poesia é aquele barco bêbado, à deriva das ondas, sem porto seguro para ancorar.

Poesia é a nau dos insensatos, o êxtase e o naufrágio que nos retiram, em momento raro e louco, do oceano ordinário das vivências automáticas e nos põem no limite do imponderável.

Poesia é direito essencial do ser humano, com todos os seus derivados naturais, a exemplo do sol e da lua, da terra e do ar, do fogo e da água, e das tantas tonalidades que beiram a aurora e o crepúsculo.

Poesia é o facho de luz de uma estrela solitária, a simetria acesa do silêncio no descampado do deserto e os animais feridos pela dura passagem das horas.

A poesia é matéria ubíqua, contempla os ocasos rudes do campo, a solidão do boi no pasto e, ainda, o fervor das metrópoles desoladas e cada homem, simultaneamente, como um estrangeiro e um irmão.

Nada escapa a seu olhar agudo, à sua escuta mágica, a seu toque fértil, a seu gosto vário, a seu cheiro único.

Poesia, suprema respiração!

Diria o poeta: salvação, maldição, bálsamo, voragem, vertigem, alquimia, contemplação, desespero, epifania, artefato sagrado...

Poesia, puro princípio do prazer!

Essa poesia que circula pelo sangue gorduroso da vida como um líquido oleoso que a alaga por todos os poros, é a experiência de todos nós, bichos tristes e mortais.

Poesia é um recado de Deus!

Pois bem, essa poesia, essa possibilidade de poesia, é patrimônio universal de cada criatura anônima e poucas vezes se cristaliza na esfera material do poema.

O poema pode não ser a poesia!

Mas, se ela, essa poesia, que se oferta, gratuita e generosa, não ocupar o reino feérico das palavras, nada será o poema, em sua forma bruta e vazia.

Portanto, permita-me, leitor, um pouquinho de poesia!

Foto: Reprodução



Frade católico italiano São Tomás de Aquino (1225-1274)



APC: Festival convida Zezita Matos

A presidente da Academia Paraibana de Cinema, a atriz Zezita Matos, foi uma das homenageadas durante o Festival Bananeiras de Cinema, aberto no Brejo paraibano na última quarta-feira (dia 8). A programação do Febancine contou com palestras, apresentações musicais, homenagens, além das exibições de vários audiovisuais. O festival terminou neste domingo.

Na programação, além de uma oficina realizada na Casa Verde, o festival contou ainda com exibição dos curtas e longas-metragens: *Anjos Cingidos*; *A Espera*; *Nem Todas as Manhãs São Iguais*; *Areia*, *Memória e Cinema*; *Sonhos de Leandro*; *Incúria*; e *Memórias do Fogo*. A APC se congratula com a direção do evento.

Em cartaz

ESTREIAS

AS MARVELS (The Marvels. EUA. Dir.: Nia DaCosta. Aventura. Livre). A Capitã Marvel (Brie Larson) está de volta para mais uma missão: agora, ela precisa lidar com consequências não intencionais que a levam a carregar o fardo de um universo desestabilizado. Porém, enquanto tenta resolver o problema, Denvers vai parar acidentalmente em um buraco de minhoca anômalo, que faz com que seus poderes acabem entrelaçados aos de outras duas heroínas: a superfã Kamala Khan (Iman Vellani), também conhecida como Ms. Marvel, e a sobrinha afastada de Carol, a capitã Monica Rambeau (Teyonah Parris). CENTERPLEX MAG 3: 14h45 (dub.) - 17h (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 13h30 - 16h - 18h30 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 14h40 (dub.) - 17h (leg.) - 19h30 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 14h30 - 17h - 19h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 16h (exceto qui. a sáb.) - 18h30 (exceto sex.) - 21h (exceto sex.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 17h (exceto qua.) - 19h (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 (exceto qua.) - 16h30 (exceto qua.) - 18h30 (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub., 3D): 16h (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h30 (exceto qua.) - 16h30 (exceto qua.) - 18h30 (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub., 3D): 16h (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (leg.): 18h30.

MISSÃO ANTENA: UMA AVENTURA INTERGALÁCTICA (Lille Allan - den menneskelige antenne. Dinamarca. Dir.: Amalie Næsby Fick. Animação. Livre). Allan é um tímido garoto, cujo vizinho, um homem idoso, é completamente obcecado por alienígenas, e acredita que o menino seja uma “antena humana” que pode ajudá-lo a localizar ETs. Por obra do destino, a dupla acaba encontrando Luna, uma garota alienígena que estuda os seres humanos e acaba caindo na Terra por acidente. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h (sáb. e dom.).

NINA – A HEROÍNA DOS SETE MARES (Pattie et la colère de Poséidon/Argonuts. França. Dir.: Eric Tosti, Jean-François Tosti e David Alaux. Animação. 16 anos). Ratinha aventureira sonha em se tornar uma grande heroína. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h50 - 16h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15 (exceto seg.) - 16h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h (exceto qua.).

CONTINUAÇÃO

ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES (Killers of the Flower Moon. EUA. Dir.: Martin Scorsese. Drama. 16 anos). O ano é 1920, na região norte-americana de Oklahoma. Misteriosos assassinatos acontecem na tribo indígena de Osage, uma terra rica em petróleo. O caso foi investigado pelo FBI, a agência que tinha acabado de ser criada na época. Os assassinatos dados a partir de circunstâncias misteriosas na década de 1920, assolando os membros da nação Osage, acaba desencadeando uma grande investigação envolvendo o poderoso J. Edgar Hoover, considerado o primeiro diretor do FBI. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h45 - 20h15.

DINHEIRO FÁCIL (Dumb Money. EUA. Dir.: Craig Gillespie. Drama e Comédia. 16 anos). Baseado na história real, Keith Gill (Paul Dano) começa a apostar sobre suas apostas no fórum r/WallStreetBets e, após viralizar, atrai mais pessoas para o movimento. Porém, os engravados de Wall Street começam a revidar. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 18h40.

FIVE NIGHTS AT FREDDY’S - O PESADELO SEM FIM (Five Nights at Freddy’s. EUA. Dir.: Emma Tammi. Terror. 14 anos). Em um restaurante familiar tipicamente norte-americano, um jovem (Josh Hutcherson) é contratado para trabalhar como o vigia noturno do local. Sob o comando do gerente (Matthew Lillard), o lugar é muito famoso por seus característicos robôs animados que fazem a festa das crianças. Porém, quando chega a noite, um segredo obscuro e mortal surge: os animatrônicos se transformam em assassinos psicopatas. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45 (exceto sáb. e dom.) - 16h15 - 18h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 14h30 (seg. e ter.) - 17h15 (seg. e ter.) - 19h45 (seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h45 (exceto seg.) - 21h15 (exceto seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h35 (exceto qua.) - 18h40 (exceto qua.) - 20h45 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h35 (exceto qua.) - 18h40 (exceto qua.) - 20h45 (exceto qua.).

MUSSUM – O FILMIS (Brasil. Dir.: Sílvia Guindane. Biografia. 12 anos). A história real sobre a vida e trajetória de Antônio Carlos Bernardes Gomes, popularmente apelidado de Mussum (Ailton Graça). Tendo crescido como um garoto pobre, Mussum ficou conhecido por ter se tornado um dos maiores humoristas do Brasil por conta de Os Tropicais, além de fundar o grupo musical Os Originais do Samba. CINÉPOLIS MANAÍRA 3:

19h15 - 21h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 19h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2: 18h35 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5: 18h35 (exceto qua.).

NÃO ABRA! (It Lives Inside. EUA. Dir.: Bishal Dutta. Terror. 14 anos). Uma adolescente de origem indiana (Suri) é moradora de um subúrbio com sua família conservadora nos EUA. Ela luta para lidar com várias inseguranças culturais, que acabam aumentando por conta de sua amiga distante (Mohana Krishnan), que sempre carrega consigo um misterioso jarro vazio. Após um desentendimento entre elas, o jarro acaba quebrado, libertando uma força demoníaca antiga e extremamente perigosa. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 21h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 21h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 21h (exceto qua.).

PATRULHA CANINA - UM FILME SUPERPODEROSO (PAW Patrol: The Mighty Movie. EUA. Dir.: Cal Brunner. Animação. Livre). Os filhotes da Patrulha Canina ganham poderes após um meteoro mágico cair na cidade. CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h45 (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h45 (sáb. e dom.).

TAYLOR SWIFT – THE ERAS TOUR (EUA. Dir.: Sam Wrench. Musical. 14 anos). Um filme-concerto que documenta a *The Eras*, a turnê de 2023–2024 da cantora e compositora estadunidense Taylor Swift. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 18h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (leg.): 14h30 (qui. a dom.) - 18h (qui. a dom.) - 21h30 (qui. a dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (leg.): 14h30 (qui. a sáb.) - 18h (sex.) - 21h30 (qui.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (leg.): 20h30 (sex. a dom.).

TROLLS 3 – JUNTOS NOVAMENTE (Trolls Band Together. EUA. Dir.: Walt Dohrn. Animação. Livre). Branch e Poppy embarcam em uma jornada angustiante e emocionante para salvar um irmão que foi sequestrado por um par de vilões pop star. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 15h15 - 17h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h15 - 16h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h (exceto seg.) - 16h15 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h45 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h45 (exceto qua.).

FESTIVAL VARILUX DE CINEMA FRANCÊS

Evento acontece nas redes Cinépolis (Manáira Shopping) e Centerplex (MAG Shopping), em João Pessoa. Programação completa no site oficial (variluxcinefrances.com/2023/cidade/joao-pessoa-pb/).

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambaú [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manáira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

OBRA INFANTIL

Paraibano vence concurso literário

Junior Misaki conquistou a edição 2023 do prêmio de editora portuguesa que lançará o seu livro em diversos países

Da Redação

Entre domínio público, frases de internet e afins, quem nunca ouviu falar da máxima: “Se queres um amigo, cativa-me!”? Depois da realeza do próprio protagonista, um dos personagens mais conhecidos criados pelo francês Antoine de Saint-Exupéry é a Raposa, que deixa de figurar entre os coadjuvantes e passa a ser a principal na obra *A Raposa - Depois daquele Adeus*, que agora ganha uma nova versão por ganhar um concurso internacional da editora lusitana Ases da Literatura.

Seu autor, o paraibano Junior Misaki, conquistou o prêmio Asinha Livro Ilustrado 2023, o que leva a alcançar voos maiores do que o aviador narrador de *O Pequeno Príncipe*, um alter ego do próprio Saint-Exupéry, com previsão de publicação da obra em países como Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Japão, Canadá, Estados Unidos e Austrália, dentre outros.

O livro oferece uma nova perspectiva sobre a história clássica, focando na Raposa, que se despede do Pequeno Príncipe. Sua busca por novos significados da palavra “cativar” explora temas de amor-próprio e do amor pelo outro. A previsão é que a segunda edição de *A Raposa - Depois daquele Adeus* chegue ao público no final deste ano ou no início de 2024, publicada sob o selo Asinha.

Originalmente, a primeira versão da obra foi lançada no

ano passado. “Essa nova edição será bem mais caprichada, com 32 páginas no total, e uma ilustração nova, feita especialmente para esse relançamento, seguindo as técnicas de pintura em tela, como foram as outras ilustrações”, explicou o escritor e artista visual nascido em Patos, no Sertão paraibano. “Além disso, o livro contará com um QR code que direcionará o leitor para o *audio-book*, permitindo que ouçam e leiam a história ao mesmo tempo, pensando na inclusão e em uma maior acessibilidade”.

A capa da obra foi mantida nessa nova versão, em virtude de ter um significado muito forte para Junior Misaki. “A capa original é um símbolo do vínculo emocional com a obra de Saint-Exupéry. Ela captura a essência da história e é uma homenagem à sua atemporalidade, creio que consegui transmitir o sentimento de leveza e plenitude através da técnica de acrílico sobre tela”.

Valores universais

Quando teve o primeiro contato com a obra de Saint-Exupéry, Misaki percebeu que a obra não era meramente sobre uma criança que brincava com uma rosa e uma raposa. “A magia de suas palavras transcende fronteiras, representando valores universais que ressoam em todos nós”.

A ideia para *A Raposa - Depois daquele Adeus* surgiu da “vontade de explorar o universo de Saint-Exupéry de uma maneira úni-

ca, dando voz à Raposa e continuando a história de *O Pequeno Príncipe*, com experiências pessoais que inseri na própria narrativa. Foi uma forma de homenagear esse grande autor que inspira muitos escritores”, apontou o paraibano.

Recentemente, Junior Misaki lançou o livro infantojuvenil cha-

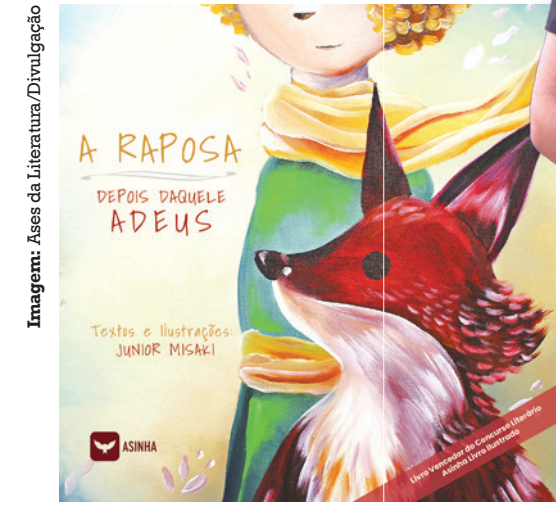


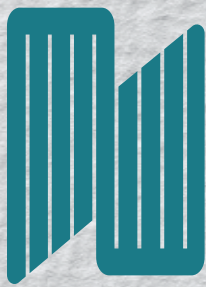
Imagem: Ases da Literatura/Divulgação

mado *Miguel e o Celular*, que está rodando feiras literárias e projetos de leituras pelas cidades. “Estou na expectativa de ter algum projeto contemplado em algum edital cultural, para poder seguir com a fomentação da literatura paraibana, especificamente de produção sertaneja, com temas que são importantes para toda a nossa sociedade”, contou o artista patoense, autor de outras obras, a exemplo de *Clarice e a Andorinha* (2020), *O Mágico do Seridó* (2021) e *O Gato Juan* (2022).

Com base em ‘O Pequeno Príncipe’, a nova versão de ‘A Raposa - Depois daquele Adeus’ será publicada em países como Portugal, Espanha, Itália, França, Japão e EUA



Foto: Yann Rafael/Divulgação



Livraria
A UNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



GOVERNO
DA PARAIBA



Foto: Divulgação

O Estado foi o primeiro a reconhecer e pagar o piso, beneficiando toda a equipe de Enfermagem dos hospitais públicos, como os profissionais do Metropolitano, em Santa Rita

NOVO PISO DA ENFERMAGEM

Realidade não chegou para todos

Profissionais da área ainda lutam para ver o benefício implantado, especialmente em municípios pobres

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

Após ser aprovado pelo Congresso Nacional, os trabalhadores da área da enfermagem continuam tentando, em alguns estados, tornar o piso nacional da enfermagem uma realidade. Com as reivindicações, o assunto continua na pauta de discussões entre Governo Federal, municípios e, principalmente, em hospitais privados. A Paraíba recebeu R\$ 9.729.916,31 em recursos destinados aos 223 municípios, no mês de outubro para pagamento do piso. O piso salarial dos enfermeiros e dos técnicos de enfermagem ficou estabelecido em uma Medida Provisória aprovada pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) no último mês de junho. Os valores fixados pela MP são de R\$ 4.750,00, para enfermagem e de técnico de enfermagem de 70% desse valor e o auxiliar de enfermagem fixado em 50%. O estado foi o primeiro no Brasil a executar o pagamento para efetivos e concursados com recursos próprios quando não havia ainda o repasse do Governo Federal, antecedendo ainda a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o assunto. Fábio Petterson, presidente do Sindicato dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem do Serviço Público da Paraíba, informou que os municípios têm passado por ajustes para efetivar os pagamentos e que os problemas nos regis-

tros dos dados dos funcionários impediram o pagamento em alguns municípios de forma integral. Foi por isso que no final do mês passado o Ministério da Saúde permitiu que as informações registradas no InvestSUS fossem atualizadas. Atualmente, os recursos federais destinados aos municípios foram detalhados através da Portaria 1.677/2023. Além dos repasses, a portaria traz alterações sobre a gestão e a operacionalização da assistência financeira complementar da União que, a partir de 30 de outubro, cabe à Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES). Neste mês de novembro, haverá o repasse do pagamento em duas parcelas. O presidente da Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, informou que os gestores estão pagando de acordo com os recursos que estão sendo repassados pelo Ministério da Saúde, mas pontuou a dificuldade do pagamento integral. “Alguns conseguindo na integralidade e a maioria sem conseguir pagar”, informou. De acordo com a Famup, não é possível informar a quantidade exata de municípios que não têm conseguido pagar na integralidade, mas informou que o diálogo tem sido permanente. De acordo com a última portaria que dispõe sobre o repasse da assistência financeira complementar para o pagamento do piso salarial aos profissionais da Enfer-

magem, a Paraíba recebeu R\$ 9.729.916,31 em recursos destinados aos 223 municípios. A capital João Pessoa recebeu 5.286.226,10 e Campina Grande 3.964.196,34, por exemplo. O presidente do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, conselheiro Nominando Diniz, reforçou mais uma vez a necessidade dos gestores cumprirem com o compromisso, explicando que uma auditoria vai incorporar, nas próximas prestações de contas, um item para observar se há descumprimento da legislação. O deputado federal Ruy Carneiro (Podemos), um dos parlamentares paraibanos que encampou a bandeira, chamou a atenção para as correções que estão sendo feitas. Profissionais de enfermagem e dos gestores municipais e estaduais tiveram em outubro, nova possibilidade de correções referentes ao pagamento do piso nacional da enfermagem. Ruy destacou que os valores errados ou inconsistentes em relação ao piso podem ser novamente corrigidos no sistema do Fundo Nacional de Saúde. “Essa é mais uma oportunidade para ajustar as informações daqueles profissionais da enfermagem que ainda não receberam os valores corretos do piso. Quem ainda está nessa situação, sobre essa atualização aos seus gestores, seja no estado, nos municípios ou nos hospitais filantrópicos. O piso é lei, os recursos foram todos assegurados pelo congresso e a cate-

goria merece esse reconhecimento”, enfatizou. Depois de vencer a luta no setor público, é preciso encampar as reivindicações no setor privado. O parlamentar também reforçou a continuidade da luta pelo pagamento do piso no setor privado. “Aquelas instituições privadas que não chegaram a um acordo dentro do prazo previsto pelo STF, vão ter de cumprir a lei e pagar o piso de forma integral. As primeiras decisões judiciais que tentaram ir de encontro à legislação foram proferidas em favor dos profissionais e do pagamento do piso, inclusive para hospitais aqui de João Pessoa. Sigo acompanhando os desdobramentos e em contato permanente com o Ministério Público do Trabalho. Não vamos aceitar qualquer tipo de ameaça ou descumprimento”. A derrubada das 44 horas estabelecidas pelo Supremo Tribunal Federal também continua na pauta do deputado. “Essa questão das 44 horas já foi questionada por uma ação movida pela advocacia do Senado. A exigência dessa carga horária não condiz com a realidade da enfermagem. Temos confiança de que isso será resolvido em breve”. O Ministério da Saúde também disponibilizou nova versão da cartilha destinada aos gestores e entidades detalhando o histórico de aprovação do piso, esclarece as principais dúvidas sobre o pagamento do valor complementar e também inclui as decisões do STF.



Foto: Roberto Cuedes

Nominando Diniz reforça a necessidade dos gestores cumprirem com o compromisso que a lei determina



Foto: Evandro Pereira

George Coelho informou que os gestores estão pagando com os recursos repassados pelo Ministério da Saúde

Confederação recomenda atenção a verbas

A Confederação Nacional dos Municípios (CNM), pediu que os municípios fiquem atentos ao repasse dos recursos da assistência financeira complementen-

tar da União para o piso da enfermagem referente ao mês de novembro. Informou também que exclusivamente neste mês, serão repassadas duas parcelas,

a fim de viabilizar a complementação do 13º salário para os profissionais de enfermagem. Esse procedimento pode ser consultado pelos gestores por meio

da Portaria 1.677/2023. A primeira cartilha oficial divulgada pelo Ministério da Saúde informava que a complementação seria no mês de dezembro.

Do sonho de ser médico à experiência de trabalhar na produção de um jornal

Uma história que começa por incentivo de amigos e termina nos bancos da Redação cobrindo fatos, a partir de uma entrevista, cujas respostas certas garantiram o emprego para testemunhar fatos e fazer grandes amizades

Luiz Carlos Sousa
lucsjcp@gmail.com

O médico José Juvêncio de Almeida é um contador de histórias. Ele começou sua vida profissional em **A União**, num emprego arranjado pelo pai. Começou pela revisão, foi para a Redação, traduziu telegramas e foi repórter do governador Pedro Gondim, de quem recebeu pessoalmente, em **A União**, o anel de formatura em Medicina. Nessa conversa com o **Memórias A União**, ele conta detalhes de sua experiência no jornal, de fatos que testemunhou, como a tentativa de invasão da Faculdade de Direito pelos estudantes. José Juvêncio narra também como se desligou da empresa, das amizades que fez e de como era a convivência com colegas bem humorados. Ele revela que sentava no banco da praça e admirava o braço mecânico das linotipos carregando chumbo das caldeiras para a composição no antigo prédio, que ficava no terreno onde hoje é a Assembleia Legislativa. E diz que aprendeu mais em **A União** do que na Universidade.

Entrevista

■ Como começou a sua história com A União?

A minha história com **A União** começou um tanto remotamente. Eu nasci aqui mesmo em João Pessoa para ser mais exato, mais preciso em Cruz das Armas e depois vim morar numa rua chamada Rua do Sertão, no Cordão Encarnado, próximo ao Pavilhão do Chá. Eu frequentava muito a Praça João Pessoa, gostava de ir para Praça João Pessoa e sentava naqueles bancos e ficava olhando o movimento.

■ O prédio d'A União ficava ali?

Exatamente. Eu ficava de frente para o prédio , até porque observava o movimento de passageiros. Ali era a parada de Cruz das Armas e Oitizeiro, na calçada d'**A União**, onde hoje é Assembleia. Então, eu ficava olhando e duas coisas me chamavam atenção naquele prédio antigo de **A União**.

■ Quais?

Uma águia que tinha no frontispício, na parte que dava para a Rua Duque de Caxias - uma águia imensa sobre uma abóbada com as asas abertas, e que desapareceu misteriosamente. Outra coisa que me encantava era um braço mecânico que via pela janela da oficina. Um braço mecânico descrevendo um movimento circular de 90 graus, mais ou menos, indo e voltando. Muitas vezes fiquei parado olhando e questionava o que seria aquilo? O braço mecânico ia e voltava e aquilo me despertou o interesse de conhecer o interior daquele prédio.

■ Era a linotipo trabalhando?

Era a linotipo indo buscar o chumbo que estava na caldeira para a plaquinha, para colocar no que a gente chamava galé para tirar uma prova tipográfica e mandar para revisão. Eu vim saber disso depois que cheguei n'**A União**. Mas ali eu não sabia o que era. Eu só via o braço mecânico que ia e voltava.

■ Lembra o nome dos amigos?

Lembro sim. Um era Miguel Targino da Rocha, que depois foi oficial de gabinete de João Agripino. E quando Dorgival Terceiro Neto foi prefeito da cidade, ele foi secretário

de Educação. O outro era Israel Pontes da Silva Filho. Esse rapaz fez economia, mas passou num concurso e fez carreira no Banco do Brasil.

■ Eram seus contemporâneos?

E colegas de banco de praça. A gente se reunia todo dia para conversar. Inclusive teve uma vez que nós inventamos de editar um jornalzinho. Na rua que a gente morava editamos um jornalzinho datilografado e, no expediente, a gente tinha outro amigo lá chamado Loester. Então nós distribuímos os cargos de diretor, editor e tinha também uma outra categoria no expediente: leitor Loester. Então esse é o meu começo. Eu matutava, como é que eu faço para entrar nesse negócio. E falei nisso em casa. O meu pai era militar, da Polícia e na época era delegado de Sapé e lá ele foi a um almoço, onde encontrou Sabiniano Maia.

■ Que foi diretor daqui...

Foi diretor de **A União**. Na época o meu pai lá falou com o Sabiniano: "O meu filho é estudante e tem pretensões de ser redator de **A União**. Como é esse negócio de redator? O diretor disse: ""Mande-o lá conversar comigo", disse Sabiniano. Meu pai chegou e disse: "Olha, eu falei com o Dr. Sabiniano e ele disse que se você fosse lá falar com ele. Eu fui. Um velhinho simpático, sempre de terno branco, gravatinha borboleta preta: "Você é o filho do tenente Juvêncio? Venha aqui comigo", me convidou lá mesa do secretário de Redação Eurípedes Gadelha. Recomendou-me: Gadelha, esse menino aí, veja o nível dele, vê se dá para encadernação, para revisão, ver onde é que encaixa". A encadernação era um setor que tinha lá na época, que trabalhava muito, principalmente para secretárias, porque era a melhor forma que os secretários achavam para arquivar, era no formato de livro.

■ Temos os jornais no nosso arquivo dessa forma...

Eles encadernavam o jornal inteiro. Trabalho não faltava. Barreto Neto começou lá. Quando ele chegou ninguém tinha a menor ideia de quem era Barreto.

■ Naquela época ele já era bem humorado?

Me chamava de comendador "Jujú". Aí fazia muita brincadeira comigo, escrevia, inclusive. Octacílio Queiroz foi quem o tirou da encadernação para revisão. Então, o Gadelha disse: "Vou fazer um questionário para ver o seu nível. Eu vou lhe fazer três perguntas", anunciou. Lembro demais disso. A primeira pergunta: nome e nacionalidade do papa? Eu estudava no Pio X, aliás o único que eu estudei. De 7h, quando se entrava, havia a obrigatoriedade de rezar um terço na capela. Toda a turma. Quem não tivesse levava falta. Eu disse: essa é fácil: O Papa, Pio 12 e o nome Eugênio Pacelli. Nacionalidade italiano. "Certo", confirmou. Eu lia muito jornal naquele tempo porque o meu pai era assinante de **A União**. Segunda pergunta: "Quem é o presidente da Câmara e quem é o presidente do Senado? Presidente do Senado, Auro Moura Andrade e o da Câmara, Raniele Mazzilli. "Agora eu vou trazer a terceira. Essa é quente" avisou. Me preparei.

■ Já tinha respondido duas...

Já era bom. "Nome do secretário geral da ONU? Perguntou. Eu sabia, mas me lembrar. Mas de repente um lampejo chegou assim como uma dádiva: Dag Hammarskjöld. Ele disse: "Resolvido". E aí, revisão, onde encontrei um colega que estava terminando Medicina chamado Edvaldo Pinheiro do Egito. E na Redação tinha Malaquias Batista Filho, um grande editorialista que era quarto de Medicina. Então, encontrei já um ambiente bem favorável.

■ O senhor já tinha passado para Medicina?

Não, mas tinha essa expectativa. O chefe da revisão era Veloso. A gente chamava de Velozinho. Veloso era de uma família de atletas. Praticava tudo quanto é esporte que você pode imaginar, pesca submarina, tudo. O Veloso também era bai-



Juvêncio assumiu a chefia da Revisão quando estava terminando o Científico e ia fazer o Vestibular



José Juvêncio revela admiração pelo antigo prédio de A União, que ficava admirando do banco da Praça João Pessoa

xinho e tinha umas atividades esquisitas, por exemplo, uma vez ele cismou de montar numa bicicleta e ficar pedalando, sem parar, cinco dias em torno da Lagoa. Isso mobilizou a cidade. Ele saía pedalando, comendo e bebendo e cumpriu cinco dias. Ele queria sair, deixar a revisão, que naturalmente era a noite. Ele chegou para mim e disse: "Eu tenho que deixar alguém no meu lugar e eu escolhi você". O recém-chegado e vendo aquele pessoal mais antigo do que eu.

■ Quem era o governador na época que o senhor entrou?

Era Flávio Ribeiro. Depois que eu entrei, ele morreu após dois anos de governo e Pedro Gondim assumiu e cumpriu o resto do mandato. Então eu fiquei lá durante algum tempo e de repente me convidam para redação.

■ Que era uma ascensão natural.

Na redação me colocaram no noticiário telegráfico. Naquele tempo tinham várias agências nacionais e internacionais e o telégrafo. Era preciso ter conhecimento, ler jornal, saber o que estava acontecendo para poder formatar as notícias. Eu assumi isso. Depois de algum tempo, me convidaram para chefiar o setor. Eu tinha uns três ou quatro tradutores de telegrama. Então vinha aquele bolo e eu ia reunir os textos afins, que tinham alguma relação para formar o que a gente chamava de retranca.

■ Conferir, adequar?

Colocar subtítulos e o que era mais importante: depois aquilo quando você tinha um bolo, ia fazer, de comum acordo com o secretário e com os colegas da redação, a manchete do dia.

■ A manchete do jornal era estadal? Assuntos locais. Geralmente pro-

moção do governo - tinha que ser, o jornal era oficial. E a oitava página era uma manchete internacional. Foi na época que Fidel Castro estava nas ilhas escaramuças lá de Cuba. Diziam: "Não dá muita importância, é distante, bota em qualquer lugar

■ Ledo engano, uma avaliação histórica equivocada?

No dia que eles sequestraram Juan Manuel Fangio, grande corredor argentino, na calçada do hotel em Havana e levaram lá para Sierra Maestra, eu disse: esses caras não estão para brincadeira. Vamos dar destaque a esse negócio. Fiquei nesse setor bastante tempo.

■ Quando saiu do noticiário telegráfico foi para qual setor?

Eu fiquei - na época existia o DAC (Departamento de Assistência ao Cooperativismo) e eu fiquei lá. O diretor era Alberto de Miranda Freire. No dizer de Zé Ramos, um grande jornalista de cozinha da redação, o DAC era a cozinha da redação. Botaram para mim. E valeu porque, depois de médico, eu trabalhei 30 anos na Unimed Nordeste e fui até da primeira Diretoria da Unimed, João Pessoa. Mas fiquei na Redação e me envolvi também com militância política, fui presidente do DCE e isso foi até o movimento de 64. No meio disso - o governador Pedro Gondim viajava muito com o secretário Silvío Porto e foi numa época que a maioria dos colegas da Redação eram vinculados a uma Secretaria de Estado, de onde recebiam o complemento do orçamento doméstico. Então quando terminei o Científico, resolvi não fazer o Vestibular, logo de imediato, porque eu não me considerei preparado. Eu só vou fazer para passar. Vou estudar um ano e vou passar nesse vestibular. Eu tinha tempo de sobra. Fiz uma viagem com o governador e conversamos muito, ele perguntou muito sobre minha vida

e depois ele mesmo, quando ligava para o jornal pedindo um repórter perguntava: "Juvêncio está disponível?" Então, viajei muito com ele. E terminou a gente estabelecendo certo relacionamento, tanto é que no dia da minha formatura ele foi em pessoa no jornal **A União** entregar meu anel de formatura, o meu e o de Ex-pedito também. Sai e fui para São Paulo fazer especialização em ortopedia. Não havia ortopedistas com formação aqui.

■ E como foi a volta para A União?

Depois de tudo isso voltei para **A União** e achei que o clima não era mais favorável. Dorgival disse: saia daquele meio. A essa altura ele já não era mais secretário do Tribunal de Justiça. Mário Moacir Porto tinha sido nomeado reitor da Universidade e Dorgival estava lá com ele. Dorgival disse: "Olha, Dr. Mário gosta muito de você - eu como presidente do DCE despachava quase diariamente com ele. "Vamos fazer o seguinte", acrescentou Dorgival: você vai para lá ele vai lhe requisitar". O governador concedeu e eu fui para Universidade.

■ Como era o trabalho na Universidade?

Eu disse a Dorgival que era um elo entre a Universidade e o jornal. Eu quero que você me dê matéria, temas para eu fazer notícias. Eu quero abastecer de notícia as redações de João Pessoa. Dorgival: "Vai estudar. Você precisa estudar para passar no Vestibular", com aquele jeito dele. Então eu terminei ficando lá, sei lá. Eu estudava mais do que trabalhava, para dizer a verdade. Mas um dia Dr. Mário Moacir Porto foi deposto e chegou o interventor, por sinal meu professor Guilhardo Martins Alves. Um dos primeiros atos de Guilhardo foi me devolver para **A União**. E aí eu voltei. Nessa altura já estava perto de me formar. O movimento militar foi em 64 e eu me for-

mei em 65. Agentei mais esse resto lá e quando me formei, fui para São Paulo para o Hospital das Clínicas fazer residência e a minha situação n'**A União**, como é que ficava? Não ia pedir demissão. Depois quando voltei a situação era diferente, bem diferente, porque o governador era João Agripino e o diretor d'**A União** era meu amigo José Souto.

■ Gente muito boa...

"O que é que eu faço com você?" Eu sei que você agora não vai trabalhar de noite no jornal", ponderou. Não dá porque eu tenho um projeto de construir um hospital e só vou sossegar quando construir, então eu não vou trabalhar no jornal. E tem mais uma coisa: você é meu amigo, não vou pedir demissão. Emprego, eu arranji logo que eu cheguei. Aqui não tinha nenhum ortopedista de formação. Tinha Dr. Mendonça no pronto-socorro, mas de formação mesmo não tinha. Então, o primeiro emprego foi fácil: Pronto Socorro Municipal. O prefeito era Damásio Franca.

■ José Souto, muito sério, sisudo?

Demais. Mas aconteceu uma coisa em meu favor. Em Catolê do Rocha uma senhora, acidentalmente, levou um tiro de espingarda nas costas, dessas espingardas de chumbo. Era chumbo espalhado por todo canto. Passei uma tarde tirando chumbo. Na metade da tarde chega o secretário de Saúde do Estado: Antônio Mariz Maia de Vasconcelos, irmão de João Agripino, e ficou olhando meu trabalho e conversando. De noite mesmo, quando eu menos esperava ainda estava trabalhando fazendo o curativo, chega João Agripino em pessoa.

■ O próprio governador?

Ele mesmo. Fiquei fazendo os curativos e sempre Antônio Mariz em contato comigo. Quando cicatrizou, tudo arrumadinho o secretário vem e diz: "Nós temos a nossa gra-



"A União era um jornal fabuloso, porque chegou a ter em uma só edição dois críticos de cinema"

tidão, você sabe que nós estamos no governo. Você tem alguma pretensão no governo?" Eu digo: tenho. "Qual é a pretensão?", perguntou. Eu disse: sou redator nomeado de **A União** e não vou voltar mais para lá. Eu quero ser acomodado no Estado. Para não perder o vínculo, o tempo de serviço. "Quer trabalhar comigo na Secretaria?", fez nova pergunta. Nessa época, inclusive tinha um serviço de fisioterapia que era o melhor do Estado, melhor do que o do INPS. Fui para o Ipep até me aposentar.

■ Alguma outra história de seu período em A União?

Eu vi muitas coisas lá interessantes. Por exemplo, **A União** era um jornal fabuloso, porque chegou a ter em uma só edição dois cronistas de críticos de cinema, Barreto Neto e Linduarte Noronha escrevendo sobre o mesmo filme. Eu achava isso muito interessante.

■ O senhor se lembra de alguns fatos marcantes na época que o senhor trabalhava em A União?

Vou contar um agora mesmo. Quando Pedro Gondim era governador cumpriu os dois anos que restaram de Flávio Ribeiro. Mas antes mesmo de terminar o mandato ele renunciou seis meses ante.

■ Foi quando José Fernandes assumiu?

Exatamente. Então, na véspera da transição da passagem do cargo, mais ou menos 11 horas da noite, na Redação de **A União**, a gente foi surpreendido com o coronel José Lira, que depois foi deputado estadual à frente de uma tropa armada. Invadiu a Redação de **A União**, pegou o diretor e foi descendo com todo mundo para a oficina para impedir a publicação no Diário Oficial de alguns atos de última hora que o governador devia fazer, sei lá. E ele não queria que publicasse. Isso foi uma confusão. Foi quando se revelou a firmeza, a coragem pessoal de Dorgival Terceiro Neto. Foi o único que encarou os caras, ninguém da Redação se meteu. Foi muita tensão, muita expectativa, muito nervosismo. Eu pensei que isso aí ia ser o último lance que eu ia ver daquilo ali.

■ A sua experiência, como repórter, foi só acompanhando o governador Pedro Gondim ?

Eu fiz uma reportagem de página inteira sobre o hospital de Hanseníase, inclusive com alguns personagens, e sobre a construção do clube médico.

■ O senhor chegou a testemunhar aquelas escaramuças que houve na praça com os estudantes querendo entrar no Palácio?

Da janela de **A União**. Inclusive, aquelas escaramuças, Joacil de Brito com uma ariete. Vi tudo aquilo da janela de **A União**. E o reitor não aparecia. O reitor era Mário Moacir Porto e estava viajando. O reitor em exercício era Serafim Martínez. Eu, lá n'**A União**, quando eu vi entrou um estudante de Engenharia com a mão na cabeça: "Vão massacar os meninos". José Maria Dantas tinha sido vice-presidente da UEE (União Estadual dos Estudantes) e Lindberg Farias, pai, era o presidente. Fomos buscar o reitor Serafim Martínez em Ponta de Mato, em Cabedelo. Quando chegamos ele estava acompanhado pelo rádio. "Doutor Serafim vamos para lá, vão massacar os meninos, vamos embora". Eu sei que ele estava de pijama. Se trocou e veio com a gente. Quando nós chegamos no Palácio, o Exército já tinha chegado e controlado a situação, prendendo todo mundo. Tem até um lance gozado daquele

a Redação, bem ampla. À esquerda ficava Mororó lá com o gabinete fotográfico dele e depois a encadernação, a gerência, que dava para a Duque de Caxias. No térreo, a metade que dava para a Praça 1817, era a oficina. A parte que ficava para Duque de Caxias era portaria, onde reinava um preto velho chamado Antônio Menino, o funcionário mais antigo de **A União**.

■ Contam que ele impunha respeito.

Muito respeito e contava histórias fabulosas. Ele me disse que na construção do prédio d'**A União**, nas oficinas, que eu tinha tanta vontade de conhecer, tinha duas coisas que eu achava maravilhosas: primeiro, era uma escada em caracol.

■ Que ainda hoje tem na Assembleia. Parece ser a única lembrança que tem do prédio antigo.

Tem ainda? Será aquela mesma escada? Deve ser uma escada de ferro pesado, também trabalhado bonito. Eu tinha prazer de ver aquela história. E outra coisa: as paredes. Paredes de quase 1 m de largura, sabia disso? Era uma fortaleza. Eu acho que a demolição daquilo deve ter dado muito trabalho. Antônio Menino me falava, não lembro se ele chegou a ver ou contaram a ele, que o presidente João Pessoa de manhã saía de pijama do Palácio, às 6h para inspecionar pessoalmente as obras de construção e essas paredes assim robustas tinham sido uma determinação dele. Histórias da Redação.

■ A sua experiência, como repórter, foi só acompanhando o governador Pedro Gondim ?

Eu fiz uma reportagem de página inteira sobre o hospital de Hanseníase, inclusive com alguns personagens, e sobre a construção do clube médico.

■ O senhor chegou a testemunhar aquelas escaramuças que houve na praça com os estudantes querendo entrar no Palácio?

Da janela de **A União**. Inclusive, aquelas escaramuças, Joacil de Brito com uma ariete. Vi tudo aquilo da janela de **A União**. E o reitor não aparecia. O reitor era Mário Moacir Porto e estava viajando. O reitor em exercício era Serafim Martínez. Eu, lá n'**A União**, quando eu vi entrou um estudante de Engenharia com a mão na cabeça: "Vão massacar os meninos". José Maria Dantas tinha sido vice-presidente da UEE (União Estadual dos Estudantes) e Lindberg Farias, pai, era o presidente. Fomos buscar o reitor Serafim Martínez em Ponta de Mato, em Cabedelo. Quando chegamos ele estava acompanhado pelo rádio. "Doutor Serafim vamos para lá, vão massacar os meninos, vamos embora". Eu sei que ele estava de pijama. Se trocou e veio com a gente. Quando nós chegamos no Palácio, o Exército já tinha chegado e controlado a situação, prendendo todo mundo. Tem até um lance gozado daquele

episódio. Nós tínhamos um colega de Redação chamado Luiz Augusto de Carvalho. Muito conhecido, Carlito era boêmio e gostava muito de polícia. Foi repórter policial durante muito tempo. Quando começou a escaramuça ele foi subindo e ficou lá na torre. Quando eu cheguei com o reitor a gente ficou acompanhando a prisão do pessoal. E quando a gente menos espera lá vem um soldado trazendo Carlito lá de cima: "Encontrei este lá em cima da torre", disse o militar. Nós ficamos chamando de o gordinho da torre.

■ Mas voltando a sua saída de A União? O senhor lembra quando foi?

Sim. Agora eu revendo , eu acho que você tem razão, eu não estava mais quando o homem chegou à Lua, eu acho que tinha deixado **A União** há pouco tempo, porque você falou em Ernani Sátiro, eu me lembrei: no governo Ernani Sátiro, eu não estava mais não.

■ Que boas lembranças o senhor guarda desse período de A União? Grandes amigos ficaram daquela época?

Grandes amigos, mas o mais importante eu costumo dizer que talvez n'**A União**, em mais ou menos 10 ou 12 anos lembro bem que eu passei lá, talvez eu tenha aprendido muito mais do que na Universidade. Principalmente sobre a vida. Eu nunca saía de casa só para o colégio e do colégio para casa. Nunca tinha trabalhado, não sabia como era o mundo lá fora e a revisão, o trabalho noturno n'**A União**, a gente fechava o jornal no mínimo umas 11 horas da noite, quando não havia problema. Quando quebrava a máquina, cheguei a sair de lá 8h da manhã. Então, quando terminava o jornal tinha dois caminhões. Na frente da Faculdade de Direito tinha um banco, e havia uma reunião de amigos. Quem presidia tudo era Linduarte Noronha. Muitas vezes eu vi Sol nascer. Eu saía do jornal à meia-noite e ficava conversando besteira lá até o Sol nascer.

■ O senhor gostaria de acrescentar ou se referir a algo que não perguntei?

Minhas considerações finais se resumem a agradecer essa oportunidade de falar sobre **A União**, a qual eu me liguei afetivamente e vejo com muita saudade aquele tempo. Até mesmo em função da minha idade avançada, recordar sempre é bom.



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra



HISTÓRIA

Conheça a 1ª senadora negra do país

Laélia de Alcântara tomou posse no dia 3 de abril de 1981 e foi a segunda mulher na Casa Legislativa

Ricardo Westin
Agência Senado

Faz pouco mais de 40 anos que o Brasil teve uma mulher negra no Senado pela primeira vez. O pioneirismo coube a Laélia de Alcântara (PMDB-AC), que assumiu o mandato de senadora em 3 de abril de 1981, no período final da ditadura militar (1964-1985).

Quando tomou posse, Laélia tinha 57 anos de idade e nunca havia ocupado um cargo político. Nascida em Salvador, ela era médica obstetra e vivia em Rio Branco. Morreu em 2005, aos 82 anos.

Com a chegada da nova parlamentar, o país passou a ter duas senadoras. O Senado já contava com Eunice Michiles (PDS-AM), branca, que havia quebrado a exclusividade masculina na instituição fazia apenas dois anos.

De acordo com documentos da época guardados hoje no Arquivo do Senado, em Brasília, coube a Eunice dar as boas-vindas à colega:

“Registro com uma ponta de orgulho que novamente coube à Amazônia o privi-



Natural de Salvador, Laélia tinha 57 anos quando assumiu

légio de trazer para esta Casa mais uma representante do sexo feminino, fato que corres-

ponde ao despertar da mulher em todo o mundo para um papel mais ativo na sociedade”.

Jornais da época destacam roupa e aparência da nova parlamentar

Em seu primeiro discurso como senadora, Laélia se posicionou como “representante de uma região eminentemente problemática”. “Espero aqui trazer uma pequena contribuição e apresentar alguns dos problemas que o povo do Acre vive sofrendo há bastante tempo. No estado, o pauperismo [pobreza] é grande, há carência de quase tudo. Notadamente os problemas ligados à saúde e à instrução pública constituirão objeto de minha especial atenção nesta Casa”.

Os jornais noticiaram aquela sessão em detalhes. A Folha de S.Paulo observou que Laélia usava “um vestido de jérsei de seda rosa, sapatos pretos e óculos presos por uma corrente ao pescoço”. Segundo o Jornal do Brasil, ela estava “quase sem pintura e com expressão de

Imprensa
A revista Manchete descreveu Laélia como “a primeira senadora negra do Brasil”. O Jornal do Brasil, como “mulata”

simplicidade”, sentada ao lado da “elegante senadora Eunice Michiles”.

As reportagens informaram que Laélia levou à posse o marido e seis dos sete filhos. Os dois netos não foram. O senador Paulo Brosard (PMDB-RS), em viagem a Nova York, pediu que em seu nome entregassem flores à nova colega.

A Câmara tinha quatro deputadas, das quais três assistiram à cerimônia no Senado.

A revista Manchete descreveu Laélia como “a primeira senadora negra do Brasil”. O Jornal do Brasil, como “mulata”.

Da tribuna, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) fez um resumo da vida da senadora: “Há 31 anos formada médica no Rio de Janeiro, abandonou o conforto da metrópole e foi para o Acre para exercer sua profissão e depois aceitou participar da vida pública para ser a primeira senadora de cor”.

A princesa Isabel não entra na lista das mulheres no Senado porque, no caso dela, “senadora” foi um título concedido pela Constituição em razão do sangue imperial. A herdeira do trono nunca atuou como parlamentar.

Denúncia do preconceito racial e defesa dos direitos das mulheres

Laélia de Alcântara se elegeu em 1974, como suplente, na chapa encabeçada pelo senador Adalberto Sena (PMDB-AC). Foi também como suplente que Eunice Michiles chegou ao Senado.

A senadora negra assumiu o mandato duas vezes. Primeiro interinamente, por quatro meses em 1981, quando Sena ficou afastado para tratar da saúde. Depois em definitivo, em janeiro de 1982, após a morte do titular. O mandato se encerrou em janeiro de 1983. Ao longo do mandato, em discursos dentro e fora do Senado, ela denunciou o preconceito racial que permeava a sociedade brasileira - hoje conhecido como racismo estrutural.

Num evento na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, discursou: “A apreciação feroz do antropólogo Sílvio Coelho segundo a qual ‘a atribuição dos subempregos ao contingente de cor foi incentivada por uma sociedade interessada em manter à sua disposição um celeiro de domésticas e lavadores de automóveis’ ainda é repetida com visos de verdade. Urge fazer que ela não espelhe mais essa triste realidade. Os negros têm tudo para furar a barreira da penúria e da estagnação. Já é tempo de não mais ‘se situarem nos pontos mais críticos dos gráficos, nos índices mais medíocres das estatísticas, nos parágrafos mais soturnos dos relatórios e nos segmentos mais inferiores das pirâmides’”.

A senadora questionou a versão de que a escravidão no Brasil foi suave e os escravizados aceitaram passivamente os grilhões: “A massa de negros em nossa terra não permaneceu de braços cruzados diante da escravidão. Ela reagiu por todos os modos e como pôde. Protes-

tou por meio de quilombos, fugas, rebeliões e até crimes cometidos contra senhores e feitores. Foi sempre altivo e continua a sê-lo. É um erro histórico dar à escravidão brasileira o aspecto de falsa suavidade. O negro é um insubmisso diante de toda forma de arbítrio e opressão”.

No mesmo evento em Porto Alegre, disse que o racismo contemporâneo era um prolongamento da escravidão. Segundo ela, assim como no passado, os negros brasileiros ainda se sentiam “exilados em seu próprio país” e a solução incluía oferecer-lhes “oportunidades iguais” às dos brancos.

Na sede da Confederação do Comércio, em Brasília, ela discursou sobre a Lei Áurea: “Livre do cativeiro, como fazer para sobreviver? Sem instrução, sem outra capacitação e habilitação que não fosse o amanho da terra e o mourear nos engenhos, o transportar nas liteiras o seu amo e senhor e as sinhazinhas em visitas aos seus nobres vizinhos, que fazer? Servir, servir, servir. Viu-se o negro escravo do senhor mesmo após a discussão da bênção generosa da princesa Isabel”.

Em 13 de maio de 1981, aniversário da Lei Áurea, Laélia insistiu no tema. No Senado, ela leu para os colegas uma reportagem sobre uma jovem de 19 anos que foi expulsa de uma boate em Curitiba por ser negra e afirmou: “Neste dia em que comemoramos a abolição da escravatura, ainda vemos que há espíritos escravos de preconceitos que não deixam uma estudante universitária, porque de cor, dançar na pista de uma boate”.

Na época, tinha força a ideia de que o Brasil era uma democracia racial, com as diferentes raças vivendo em plena harmonia. A ditadura

militar difundia esse velho mito, com o fim de deslegitimar e enfraquecer a militância negra.

Reagindo ao discurso de Laélia, o senador José Fragelli (PP-MS) garantiu que o Brasil não era racista e deu a entender que o ocorrido em Curitiba não passava de um caso isolado: “Além de uma grande democracia política, o Brasil é um exemplo para o mundo de uma democracia racial, porque aqui não temos preconceitos de qualquer espécie, de cor, de raça, principalmente aquelas três raças que formam originalmente a pátria brasileira e todas as mais que para aqui vieram trazer sua contribuição à grandeza do nosso país”.

O senador José Richa (PMDB-PR) também pediu a palavra: “Não precisaríamos sequer ter uma lei como temos, a Lei Afonso Arinos [a primeira lei antirracismo do país]. A própria coletividade brasileira, a própria nação, por si só, não tolera gestos de discriminação racial como esse acontecido lá em Curitiba”.

Mulheres na Aeronáutica

Fazendo jus ao título de segunda senadora do Brasil, Laélia de Alcântara redigiu propostas legislativas que beneficiavam as mulheres. Ela apresentou duas emendas a um projeto de lei que liberava a entrada delas na Aeronáutica, um deles autorizando-as a pilotar aviões e o outro permitindo que recebessem patentes iguais às dos homens.

Numa dessas emendas, para comprovar o quanto a sociedade ainda era machista, ela lembrou que, quando fez o juramento de posse no Senado, foi obrigada a obedecer a fórmula tradicional e declarar-se “senador”, no masculino.

Memórias A UNIÃO



Foto: Edson Matos/Marketing EPC

Neste domingo (12/11) as grandes histórias do jornalismo paraibano, pelo olhar de **José Juvêncio de Almeida**.

Acesse nosso canal no YouTube

 **uniaogovpb**

 **A UNIÃO**

 **EDITORIA A UNIÃO**

 **EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO**

 **GOVERNO DA PARAIBA**

Selic Fixado em 1º de novembro de 2023 12,25%	Sálário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -0,51% R\$ 4,915	Euro € Comercial -0,42% R\$ 5,248	Libra £ Esterlina -0,52% R\$ 6,007	Inflação IPCA do IBGE (em %) Outubro/2023 0,24 Setembro/2023 0,26 Agosto/2023 0,23 Julho/2023 0,12 Junho/2023 -0,08	Ibovespa 120.628 pts +1,34%
---	---	--	--	---	--	--

ESPAÇOS CRIATIVOS

Feiras itinerantes ajudam a divulgar pequenos negócios

Empreendedores aproveitam locais para mostrar produtos e atrair clientes

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Pequenas feiras colaborativas que estimulam a economia criativa são instrumentos com potencial de garantir aumento nas vendas de pequenos empreendedores na Paraíba. Quem ainda não consegue investir em uma loja física, pode encontrar nas feiras itinerantes a oportunidade de manter contato direto com o consumidor e prospectar novos clientes. Os espaços coletivos possibilitam ainda a comunicação com outros empreendedores, além da valorização de marcas autorais.

A empresária Jerlane Gois e a companheira, Fernanda Gois, idealizaram a “Jampa Flor” durante a pandemia, após ficarem desempregadas. Inicialmente elas vendiam plantas e posteriormente passaram a comercializar *on-line* vasos em cerâmica pintados à mão. As feiras itinerantes serviram como “termômetro” para o negócio. Os produtos foram comercializados, por exemplo, em Salões de Artesanato da Paraíba, Espaço Cultural José Lins do Rêgo, Natal dos Sentimentos, Home Center Ferreira Costa e Feira das Pulgas, no bairro do Bessa.

“A feiras foram essenciais para a gente, porque nesses locais a gente começou a perceber qual produto saía mais, o que agradava mais o cliente, o tamanho preferido de vaso, o desenho. As feiras foram muito importantes para a gente ter esse impacto e ter a segurança de que precisaríamos ir para uma loja, porque os clientes cobravam muito um lugar fixo para chegar e comprar o vaso já pronto, porque não tinha feira todo dia”, explicou Jerlane.

A “No di Manas” é uma empresa de moda autoral formada pelas irmãs Simone e Mariene Cintra. Juntas elas produzem acessórios femininos e masculinos que têm como base o macramê. Sem loja física, as vendas são feitas principalmente através das redes sociais, mas as empresárias sempre participam das edições do Mercado Capim Fashion (MCF). A marca é um exemplo de empreendedorismo inclusivo, já que a Maroca, apelido da Mariene, é uma pessoa com deficiência. “A Capim Fashion a gente faz desde quando retomou, porque é uma feira que tem estrutura para eu ir com a Maroca, mas quando eu não vou, nós somos representadas por parceiros que levam as nossas peças”, explicou Simone. Outros 44 expositores também devem participar do evento, que acontece nos dias 8 e 9 de novembro. O Mercado Capim Fashion é uma feira bimestral, que traz o talento de *designers*, artesãos e criadores locais e independentes, selecionados a partir de uma criteriosa curadoria.



Irmãs Simone e Mariene Cintra usam a estrutura das feiras para expôr peças da “No di Manas”

Custos variam entre R\$ 10 e R\$ 600

Para participar das feiras os empreendedores normalmente pagam taxas que podem variar de R\$ 10 a R\$ 600. Nos eventos vinculados ao Governo do Estado ou Prefeituras, a participação normalmente é gratuita. Em João Pessoa, a “Feira das Pulgas” acontece sempre no Parque Parahyba, no bairro do Bessa e para expor os empreendedores precisam pagar uma taxa social. A próxima edição será a de Natal, nos dias 9 e 10 de dezembro e reunirá cerca de cinco mil

itens entre, vestuário, artesanato, brechó e antiguidades oferecidos por mais de 300 microempreendedores. O idealizador da Feira, Dema Macêdo, explicou que são realizadas até três edições por ano. A seleção dos expositores é feita por uma curadoria, que para esta 10ª edição avaliou as inscrições de mais de 500 expositores. Segundo ele, a “Feira das Pulgas” busca o sucesso nas vendas do empreendedor. O resultado disso pode ser exemplificado pela última edição da feira,

ocorrida no mês de setembro, quando houve mais de R\$ 500 mil em vendas. “É uma das feiras mais antigas do mundo, com origem na França e que tem fomentado a economia local. É uma feira que agrega e nós buscamos sempre renovar os expositores, fazendo um rodízio para dar oportunidade a novos expositores. Temos também um viés social, com espaço para ongs (Organizações Não Governamentais), associações”, afirmou Dema Macêdo.

Mais visibilidade e novas parcerias

O “Salão de Artesanato da Paraíba” se consolidou como uma das maiores feiras do segmento, que oportuniza aos empreendedores a divulgação dos seus produtos e boas vendas. São realizadas duas edições por ano, uma em João Pessoa e outra em Campina Grande. A 37ª edição acontecerá no estacionamento do Hotel Tambaú, de 12 de janeiro a 4 de fevereiro de 2024, com homenagem ao artesanato dos Quilombos da Paraíba que possuem uma produção artesanal rica e diversificada. A edição anterior, em Campina Grande, foi encerrada com um volume de R\$ 2,1 milhões em vendas. Os

artesãos são selecionados gratuitamente por meio de edital. Para se inscrever, o artesão precisa apenas ser residente na Paraíba e ter a Carteira Nacional do Artesão válida. Já o trabalhador manual e o produtor de gastronomia, além de também residir no estado, devem apresentar o CNPJ da microempresa ou da associação da qual participa. A gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae Paraíba, Regina Amorim, ressaltou que as feiras garantem maior visibilidade aos empreendedores e proporcionam aos consumidores conhecerem os produtos. Ela afirmou ainda que o Se-

brae tem estimulado o acesso a mercados através das feiras setoriais. Exemplo disso é que recentemente 25 empresários da produção associada ao turismo (artesanato, alimentos e bebidas artesanais) participaram da 12ª BTM – BrazilTravel Market, em Fortaleza, no estado do Ceará. “Todos fizeram bons negócios. Participar das Feiras de Negócios é uma das melhores vitrines para os empreendedores promoverem e comercializarem seus produtos e serviços, se avaliarem no cenário dos negócios, terem novas ideias, fazerem novas parcerias, atualizarem conhecimentos”, avaliou Regina Amorim.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujsilva@gmail.com | Colaborador

João Pessoa se mantém em destaque no mercado de trabalho

Um dos principais indicadores de saúde econômica de uma região é o seu mercado de trabalho. Ter emprego não significa apenas estabilidade financeira para as famílias, mas acima de tudo, qualidade de vida. Quanto mais pessoas estão empregadas, maior é o desenvolvimento local. Embora diversos fatores possam influenciar no crescimento, estagnação ou declínio do mercado de trabalho, incluindo fatores econômicos, políticos e geográficos, não é esse o foco desta discussão.

Analisando os números de João Pessoa, especialmente após a pandemia, destacamos uma posição favorável. A taxa de desocupação na capital permanece baixa, atingindo 9,6%, o menor nível desde 2015. Esse reflexo evidencia a resiliência da capital paraibana na criação de um ambiente favorável para o crescimento econômico e geração de empregos.

Setembro de 2023 foi mais um mês positivo para João Pessoa, com um saldo de +1.947 novas vagas de emprego com carteira assinada, demonstrando um notável crescimento de 413,38% em relação ao ano anterior. Este resultado também representa o segundo maior saldo do ano, impulsionando o estoque de trabalhadores no mercado de trabalho formal para 184.257, consolidando o fortalecimento contínuo da economia local. Com a aproximação das festividades de final de ano, podemos dizer que estamos iniciando bem a alta temporada.

Comparando o desempenho de João Pessoa com outras regiões, a capital paraibana liderou o cenário. O crescimento do emprego formal em setembro caiu 1,07% em João Pessoa, enquanto na Paraíba foi de 0,91%. O Nordeste apresentou um aumento de 1,04%, e no Brasil, o crescimento foi de 0,48%. Outras capitais do Nordeste, como Aracaju (0,48%), Natal (0,62%), Fortaleza (0,64%), Maceió (0,70%), Teresina (0,80%) e Recife (0,81%), registraram um desempenho inferior.

No mês de setembro, todos os setores da economia desenvolveram de forma positiva. Destaque para os setores de serviços (+1.489), comércio (+242), construção (+132), agropecuária (+72) e indústria (+14). A agropecuária se destacou com um crescimento notável de 11,90%, um evento raro em análises nossas. Essa diversificação de setores em crescimento é um indicador sólido da saúde econômica do município.

No acumulado de janeiro a setembro de 2023, João Pessoa acumulou um saldo positivo de +6.591 novas vagas de emprego. Os setores de serviços (+5.589) e construção (+1.201) lideraram o crescimento, com taxas de 5,92% e 5,01%, respectivamente. Por outro lado, a indústria (-546) continua enfrentando desafios profundos, com uma queda de 3,40% durante o ano.

Por fim, é importante enfatizar a situação do setor industrial na capital, que exige uma análise estratégica por parte do poder público, gestores, universidades e outros atores, a fim de compreender as necessidades deste setor na cidade. Isso possibilitaria a formulação de estratégias e planos para a recuperação da indústria, visto que é um setor significativo e estratégico para o município, podendo contribuir ainda mais para a geração de emprego e renda em João Pessoa.

DE COMBUSTÍVEIS A VACINA

Bioeconomia movimentou US\$ 285 bi

Mercado de produtos à base de plantas e micro-organismos alimenta o faturamento da indústria brasileira

Agência CNI
Com Redação

Usar novas tecnologias para criar produtos e serviços mais sustentáveis a partir do estudo de recursos naturais e sistemas biológicos, como plantas e micro-organismos: é isso que a bioeconomia faz. É a partir desse modo de produção que são feitos novos alimentos, vacinas, biocombustíveis, cosméticos e muito mais. Para ter uma ideia, em 2016, o valor das vendas atribuíveis à bioeconomia chegou a US\$ 285,9 bilhões no Brasil, o equivalente a 13,8% do PIB, de acordo com estudo do BNDES.

O faturamento do setor pode aumentar ainda mais. Segundo estimativa da Associação Brasileira de Bioinovação (ABBI), em estudo feito com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), a bioeconomia pode adicionar US\$ 284 bilhões por ano até 2050 no faturamento industrial brasileiro.

O Brasil é o país mais biodiverso do mundo, com mais de 20% do número total de espécies do planeta. São 42.730 espécies vegetais distribuídas na Amazônia, no Cerrado, na Mata Atlântica, na Caatinga, no Pantanal e no Pampa. E alguns dos exemplos de uso desse potencial estão presentes o tempo todo na vida do brasileiro, mesmo que o consumidor nem sempre perceba.

Entre os produtos está o etanol, combustível derivado da cana-de-açúcar (ou do milho). O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, com produção na safra 2022/23 estimada em 610,1 milhões de toneladas, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Já a produção de etanol neste período foi estimada em 30,5 bilhões de litros, sendo 17,53 bilhões de litros de etanol hidratado e 12,97 bilhões de litros de etanol anidro.

Quem já abasteceu o carro ou andou de ônibus, usou etanol, um biocombustível feito por meio da fermentação do amido ou de outros açúcares de origem vegetal. Isso porque, mesmo a gasolina comum, tem 27% de etanol na sua composição. O etanol hidratado é consumido diretamente pelos carros e o anidro vai para refinaria e faz parte da composição da gasolina.

Esse biocombustível é chave na transição energética. De acordo com a Unica, associação de empresas do setor, o etanol utilizado em transportes no Brasil evita a emissão de 550 milhões de toneladas de CO2 ao substituir a gasolina.

Além do etanol, a cadeia produtiva da cana-de-açúcar resulta em seis outros produtos: açúcar, rum, cachaça, pellets (combustível sólido de granulado de resíduos de bagaço de cana), eletricidade e biogás.

Milho

O etanol também pode ser feito a partir do milho e sua produção tem crescido cada vez mais no país. Desde a safra de 2017/18, com a instalação de indústrias totalmente dedicadas ao processo, a produção nacional passou de 520 mil de metros cúbicos para 4,5 milhões de metros cúbicos (ou 4,5 bilhões de litros) na safra 2022/23, um crescimento próximo de 800%. A expectativa é de chegar a 10 bilhões de litros até 2030.



Fotos: Freepik

Plantada em vários estados, a cana-de-açúcar é a base para diferentes produtos no país, como alimentos e biocombustível

Aplicações na saúde e na culinária

Muitos brasileiros já ouviram o conselho para tomar própolis quando a garganta estiver ruim. Antibacteriana, antifúngica, antiviral, anti-inflamatória, hepatoprotetora, antioxidante, antitumoral, imunomodulatória são algumas das propriedades dessa mistura feita por abelhas.

Esses insetos coletam substâncias de diversas partes das plantas, como botões florais e brotos e acrescentam secreções salivares, cera e pólen, o que afeta a cor e a textura da própolis. Por isso, tem própolis verde, vermelho e marrom. Estudos já constataram que ferimentos tratados com própolis têm menos inflamação e cicatrização mais rápida do que aqueles tratados com sulfadizina de prata, um agente antimicrobiano usado para ferimentos na pele.

A própolis também contém compostos que conseguem remover radicais livres em excesso do nosso organismo. O alto nível dessas substâncias está relacionado a diversas doenças cardiovasculares, reumáticas, neurológicas, psiquiátricas, câncer,

osteoporose, diabetes, inflamação e envelhecimento precoce. No Brasil, essa mistura de substâncias é a base de cápsulas, cremes, pasta de dente, bala, chá, pomada e diversos outros produtos.

Coquinho milagroso

Outro produto que também tem sido bastante utilizado pela indústria no Brasil é o óleo de um coquinho chamado licuri. O fruto das palmeiras da Caatinga tem propriedades antibacteriana, antiparasitária, antioxidante e antifúngica e hidratante, o que permite que ele seja matéria-prima para vários setores, como farmacêutico, odontológico, veterinário e cosmético.

Foi justamente a ação antioxidante, que protege a pele de radicais livres e previne o envelhecimento precoce um dos fatores que chamou atenção da indústria para produzir óleo, sabonete e hidratante a partir desse fruto muito comum na Bahia.

O óleo do licuri também poderá ser transformado em gel, cápsulas e *spray* com funções farmacológicas. É o que

descobriram pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que aprimoraram as propriedades naturais do fruto por meio de nanotecnologia. Também foram desenvolvidos pasta de dentes e enxaguardo bucal a partir do fruto. Ambos projetos tiveram depósitos de patentes registrados no Instituto Nacional de Propriedades (INPI).

E a utilização do coquinho não para por aí. Com muita proteína e lipídeos, ele é ingrediente culinário de cocada, leite, farofa e licores. Já as folhas, com dois a três metros de comprimento, são matéria-prima para produção de vassouras, chapéus, cestas, esteiras e espandores, forragem para os animais e cobertura de construções campestres.

Outro óleo bem conhecido no meio dos cosméticos é o de buriti, rico em ácidos graxos oleicos e com alta concentração de carotenoides, principalmente vitamina A. Isso confere ação antioxidante, renovadora e regeneradora, que ajudam a tratar e restaurar a pele após o sol.

Plantio sustentável da erva-mate ao chocolate

No chá ou no chimarrão, em bebidas energéticas e até em cosméticos. Esses são alguns dos usos da erva-mate, planta com indicação geográfica reconhecida da região São Matheus, no Paraná. O município de São Matheus do Sul, a 150 quilômetros de Curitiba, é o maior produtor da erva no Brasil, mas a região inclui outras cidades.

Como é de praxe nas indicações geográficas, a IG-Mathe (cujo h extra só se dá por uma questão de marca) tem critérios pré-estabelecidos e hoje fiscalizados por associação. Para sair com o selo da Indicação de Procedência, os ervais precisam crescer em consórcio com a Mata Atlântica. Não é permitido o uso de defensivos agrícolas nem outra matriz genética que não seja a nativa da região.

O Paraná foi responsável por 87,4% da produção nacional de erva-mate do Brasil em 2021, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano, o valor acumulado de exportações do produto chegou a 15,4 milhões de dólares.

Chocolate

Outro produto bem valorizado é o chocolate. A Warabu Chocolates é uma chocolateria na Amazônia que une insumos únicos da floresta

■ Brasil é o país mais biodiverso do mundo, com mais de 20% do número total de espécies do planeta

resta e valorização das comunidades locais. Em Altamira, no Pará, 187 famílias de agricultura familiar cultivam o cacau de aroma fino e selvagem, sua principal matéria-prima. Cada fava orgânica passa por um cuidadoso processo de colheita, fermentação, secagem e torra, realizado por pessoas certificadas, o que garante a qualidade excepcional do produto final.

Os chocolates usam apenas ingredientes naturais. “O processo de fabricação é feito em baixa temperatura, garantindo os nutrientes do chocolate. Também usamos substitutos do açúcar, como manga em pó e alfarroba. Criamos uma formulação que não precisa de acidulantes, então todos os nossos ingredientes são totalmente naturais”, conta Linda Gabay, uma das sócias da Warabu.

A Dengo é outra chocolateria com pegada sustentável. A produção privilegia pequenos e médios produtores do sul da Bahia que cultivam o café e o cacau em meio às matas da região. Esses produtores usam a cabruca, uma forma de cultivo do cacau em sistema de agrofloresta, no qual as árvores nativas da Mata Atlântica, como o pau-brasil e o jequitibá, são usadas para fornecer sombra aos cacauzeiros.

Maquiagem da Floresta

Entre tantos produtos, é possível que haja um pouquinho de uma fruta ou de uma flor na maquiagem usada no país. A manteiga de cupuaçu, por exemplo, é um dos ingredientes de uma base da marca Simple Organic. O produto tem alta capacidade hidratante e nutritiva, além de fortalecer a barreira cutânea de proteção.

Outro elemento do produto é o Bakuchiol, encontrado em sementes da planta conhecida como *babchi* e usada na medicina tradicional indiana. Ele é uma alternativa ao retinol e tem capacidades antioxidante, atenua os sinais do tempo, controla a acne e a oleosidade.

O uso de pigmentos naturais a partir de micro-organismos está sendo desenvolvido pelo Instituto Senai de Inovação em Biomassa (ISI Biomassa) para uma linha de cosméticos do Grupo Boticário.

O objetivo é viabilizar o uso industrial de pigmentações totalmente naturais e sustentáveis feitas pela biomassa microbiana. “Um dos nossos desafios é criar soluções inovadoras visando a redução ou até a completa substituição de produtos químicos derivados de petróleo por soluções renováveis”, explica Jessica Carolina Medina Gallardo, Líder da área de Biotecnologia e Engenharia de Bioprocessos do ISI Biomassa.



Imunizantes também contribuem com a bioeconomia

A pilocarpina pode ser produzida sinteticamente, mas é encontrada em concentrações três vezes maiores em condições naturais, de acordo com estudo de pesquisadores do Instituto Tecnológico Vale e da Universidade Federal Rural da Amazônia publicado na revista “Journal of Plant Nutrition”. Um dos possíveis motivos são os níveis de ferro,

manganês e compostos nitrogenados no solo da floresta.

O jaborandi é comum nas regiões Norte e Nordeste e na transição dos biomas Caatinga e Cerrado. Por meio do Instituto Floravida, a Centroflora fez um mapeamento da cadeia produtiva da planta e passou a fortalecer produtores locais de uma maneira sustentável.

Colírio de jaborandi

Dentro de uma árvore de três metros muito conhecida na América Latina existe uma substância que pode estar em colírios para tratamento do glaucoma. A doença é a principal causa de cegueira evitável no mundo.

DESENVOLVIDO PELA UEPB

Relógio monitora a saúde de idosos

Projeto que tem financiamento da Fapesq-PB está em atividade no Condomínio Cidade Madura de Campina Grande

Renato Félix
Assessoria Secties

A saúde dos idosos pode ser um tema de constante preocupação dos parentes, de modo que tecnologias que facilitem esse cotidiano podem ser de grande valia. Um projeto liderado por pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UEPB) está dando sua contribuição através de um smartwatch (relógio digital inteligente) que capta e envia 24 horas por dia dados sobre quem o usa, ajudando no monitoramento da saúde. Já em testes no Condomínio Cidade Madura, em Campina Grande, o projeto é financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do estado da Paraíba (Fapesq-PB), ligada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties).

O projeto, chamado “Acompanhamento da saúde do idoso por meio de dispositivos vestíveis”, recebe investimento através do Edital Universal da Fapesq-PB. “O projeto surgiu, na verdade, a partir de outro que tínhamos com a Comunidade Europeia e a RNP, a Rede Nacional de Pesquisa, sobre monitoramento de obesidade infantil”, conta Paulo Eduardo Barbosa, professor da UEPB e coordenador da pesquisa. “Foi um projeto executado em várias cidades da Europa, em Fortaleza também, e a gente teve uma atividade principal de desenvolvimento de vários componentes dessa plataforma. Ela utilizava relógios inteligentes e games para a parte infantil”.



Foto: Fabiana Veloso

O smartwatch, relógio inteligente, é capaz de monitorar diversos indicadores, como frequência cardíaca, número de passos, de atividades e o sono

Quando o projeto foi concluído com sucesso, por questões de propriedade intelectual, as instituições participantes europeias resolveram não continuar. “Então a gente pegou os componentes que tínhamos desenvolvido e criamos essa plataforma de monitoramento para idosos, aproveitando a o conhecimento de alguns pesquisadores aqui, principalmente no Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes) da UEPB, principalmente a Eujésika Rodrigues Silva, que tem essa especialidade na geriatria”, explica o professor.

O idoso utiliza apenas o smartwatch, o relógio inteligente que é capaz de monitorar diversos indicadores, como frequência cardíaca, número de passos, de atividades, de sono. Essas informações são geradas, processadas e armazenadas na nuvem, podendo ser acessadas através de aplicativo ou um sistema na web. A partir daí, condutas e planejamentos podem ser criados. Os idosos também passam a entender melhor mudanças do curso do envelhecimento. “A gente cria várias previsões, utilizando inteligência ar-

tificial para síndromes que existem no envelhecimento, como síndrome da fragilidade, sarcopenia. A gente avalia velocidade da marcha, variabilidade de frequência cardíaca, despertares noturnos. Questões que são importantes para essa área do envelhecimento e que não estão disponíveis nos smartwatches originalmente. A gente cria novos algoritmos para isso. E isso ajuda muito num contexto como o do Cidade Madura”. O Condomínio Cidade Madura é um programa habitacional do Governo do Estado, através da Secretaria de Desen-

volvimento Humano, que tem por objetivo promover o acesso do idoso à moradia digna. O condomínio é dotado de 40 unidades habitacionais e existem seis no estado, nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras, Sousa, Patos e Guarabira. Os testes práticos começaram no condomínio, em 2021. “O Condomínio Cidade Madura foi escolhido por ser um projeto de referência no Brasil inteiro, que inclusive está sendo replicado agora em outras unidades da Federação, e que visa promover o bem-estar do idoso”, explica o professor.

“Um ambiente extremamente organizado, com profissionais de saúde qualificados que também podem ajudar, com a direção também comprometida. Então tivemos o cenário ideal para várias questões, tanto gerando retorno para eles – eles veem relatórios, veem o progresso deles – mas também recebemos bastante, do ponto de vista de um apoio ativo”. Como dados mais objetivos são gerados, o programa consegue avaliar com mais precisão os idosos e melhorar ainda mais suas práticas. “O engajamento é muito grande, felizmente”.

Universidades do país participam da pesquisa

Várias universidades do país participam da pesquisa. “Temos grandes pilotos, grandes estudos. Por exemplo, na UFRN, do Rio Grande do Norte; temos parceria com a Federal de Pernambuco; estamos em Minas Gerais, em Montes Claros; no Espírito Santo; aqui na UEPB; e se estendendo, despertando interesse”, enumera Paulo Eduardo. “A Católica de Brasília... Com quase todas as unidades da Federação a gente já teve contato ou já está realizando os pilotos, estudos. Muitos contatos também na iniciativa privada, planos de saúde. Prefeituras e sistema S, e instituições fora do Brasil também: tem uma instituição de idosos na Holanda”.

O projeto exige a colaboração de diversos pesquisadores. “Muitos programadores, cientista de dados, programador de dispositivo móvel para Android e para iOS, programador web, engenheiro de dados, e, na área de saúde, temos fisioterapeutas, médicos, nutricionistas, enfermeiros... Há diversos pesquisadores envolvidos de diversas áreas”, informa o coordenador.

O estudo tem obtido diversos resultados na área científica, com publicações em periódicos especializados, abordando diversos as-

pectos da pesquisa. E o apoio da Fapesq-PB também se fez presente em editais de apoio ao empreendedorismo e inovação. “A parte técnica de desenvolvimento da plataforma recebeu um apoio como geração de uma startup, através do programa Centelha e também agora através do programa Tecnova e o Centro Multiusuário”, conta o coordenador.

“Cada um desses teve uma importância diferente”, continua. “O Centelha teve a formalização da startup. O Universal teve o início da implantação no Cidade Madura e os recursos para isso, a aquisição de relógios e tal. O Multiusuário consolida isso com muitos relógios, instrumentos e servidor de dados para funcionamento 24 horas da solução. E o programa Tecnova principalmente apoiou o envolvimento de profissionais, de programadores que trabalham diariamente na evolução dessa plataforma”.

Paulo Eduardo Barbosa conta que o projeto está basicamente pronto e em pleno funcionamento. “O projeto, em especial no Cidade Madura, está em uma fase de monitoramento, de entrega”, explica. “Dados são gerados e o bem-estar é promovido. Novas funcionalidades são lançadas e



Foto: Divulgação

Apresentação do projeto no Cidade Madura, em CG

a gente experimenta com eles. Mas, em linhas gerais, basicamente a plataforma está pronta e eles escolhem os benefícios que podem, por nós, durar muitos anos aí. O status é de que o projeto está entregue: a tecnologia está sendo utilizada, bem avaliada”.

Para ele, os próximos passos são a expansão para outras unidades do Cidade Madura. “Há um interesse da Secretaria de Desenvolvimento Humano de colocar isso também em João Pessoa, Guarabira e outras unidades”, conta.

**SINDICATO DOS INTEGRANTES DO GRUPO OCUPACIONAL
SERVIDORES FISCAIS TRIBUTÁRIOS DO ESTADO DA PARAÍBA**

Filiado à

SEDE: Av. São Paulo, 188, Bairro dos Estados, João Pessoa - PB CEP: 58030-040 Fonefax: (83) 3044-3282 e 3044-3251
SUCURSAL: Rua Manoel Pinheiro, 360, Sala 407, Campina Grande - PB CEP: 58420-100 Fonefax: (83) 2102-0600

Fundado em 13/03/1990

EDITAL

CONVOCAÇÃO DA 53ª ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente do Sindifisco-PB, no uso de suas atribuições estatutárias, conforme determina o Art. 7º, inciso V do Estatuto, resolve convocar a 53ª Assembleia Geral Ordinária, para apreciar e deliberar sobre a seguinte pauta:

- Plano de Aplicação do Orçamento para o Exercício de 2024.

Data: 23 de novembro de 2023 (quinta-feira)
Hora: 15h
Local: Sede do Sindifisco-PB
Av. São Paulo, 188, Bairro dos Estados, João Pessoa - PB

João Pessoa, 12 de novembro de 2023.

PRESIDENTE

www.sindifiscopb.org.br principal@sindifiscopb.org.br
CNPJ: 40.975.419/0001-83 Inscrição Municipal (João Pessoa): 79.690-6

SOLD EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

LEILÕES

1º LEILÃO: 22 de novembro de 2023, a partir das 09h40min*.

2º LEILÃO: 23 de novembro de 2023, a partir das 13h40min* (*horário de Brasília)

ALEXANDRE TRAVASSOS, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Rua Sebastião Aniceto de Jesus Lins, 1177 - Jardim Elisa - Embu das Artes/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a PÚBLICO LEILÃO de modo PRESENCIAL E/OU ON-LINE, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária e Outras Avenças, nº 0010259141, datado de 23/08/2021, firmado com os Fiduciários MARIA APARECIDA DE MELO ALVES, RG nº 3.179.528-SDS/PB e CPF nº 063.484.184-05 e CLAUDIO FERNANDES CELESTINO ALVES, RG nº 3.145.044-SSP/PB e CPF nº 063.719.184-60, residentes e domiciliados em João Pessoa/PB, em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 278.891,96 (duzentos e setenta e oito mil, seiscentos e noventa e seis centavos - atualizado conforme disposições contratuais), o imóvel constituído pelo Apartamento de nº 501, situado à Rua Filipeia, nº 10, Edifício Residencial Plaza Tambiã, no bairro Tambiã, em João Pessoa/PB, com área privativa principal de 64,9365m², outras áreas privativas de 0m², área privativa total de 64,9365m², área de uso comum de 32,68m², área total de 97,61m², coeficiente de proporcionalidade de 0,04342% e 01 vaga de garagem descoberta (vaga nº 19), melhor descrito na matrícula nº 143.034 do 2º Ofício do Registro de Imóveis de João Pessoa/PB. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 462905-1. Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 259.751,02 (duzentos e cinquenta e nove mil, setecentos cinquenta e um reais e dois centavos - nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97). Se o caso, o leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar na Loja SOLD LEILÕES (sold.superbid.net) e no SUPERBID EXCHANGE (www.superbid.net), e se habilitar com antecedência de 24 horas úteis do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A ÍNTEGRA DESTA EDITAL NA LOJA SOLD LEILÕES (sold.superbid.net) E NO SUPERBID EXCHANGE (www.superbid.net). Informações: 11-4950-9602 / imoveis.sac@superbid.net (20235- Dossie).

SOLD EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

LEILÕES

1º LEILÃO: 23 de novembro de 2023, a partir das 11h20min*.

2º LEILÃO: 24 de novembro de 2023, a partir das 15h20min* (*horário de Brasília)

ALEXANDRE TRAVASSOS, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Rua Sebastião Aniceto de Jesus Lins, 1177 - Jardim Elisa - Embu das Artes/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a PÚBLICO LEILÃO de modo PRESENCIAL E/OU ON-LINE, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Contrato Particular de Venda e Compra de Imóvel, nº 0010321031, datado de 15/07/2022, firmado com os fiduciários ROBERTO SARMENTO SOBRINHO, RG nº 2.259.467-SSP/PB e CPF nº 035.303.134-83 e ROBERLENE ROCHA MOESHA SARMENTO, RG nº 3.081.907-SSP/PB, CPF nº 068.652.364-40, residentes e domiciliados em João Pessoa/PB, em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 309.831,78 (trezentos e vinte mil reais - atualizado conforme disposições contratuais), o imóvel constituído pela unidade autônoma sob nº 406, situado na Rua Etelvina Macedo de Mendonça, nº 516, no Bairro da Torre em João Pessoa/PB, Torre B do Edifício Residencial Fit Jardim Botânico, com área privativa real de 79.51m², área de uso comum real de 42.1400m², perfazendo uma área total real de 121.6500m², fração ideal de 0,311484% e cota ideal de terreno de 33,16m², com 01 vaga de garagem, melhor descrito na matrícula nº 91.962 do 2º Ofício do Registro de Imóveis de João Pessoa/PB. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 10.164.026.000.0132. Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 309.831,78 (trezentos e nove mil, oitocentos e trinta e um reais e setenta e oito centavos - nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97). Se o caso, o leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar na Loja SOLD LEILÕES (sold.superbid.net) e no SUPERBID EXCHANGE (www.superbid.net), e se habilitar com antecedência de 24 horas úteis do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A ÍNTEGRA DESTA EDITAL NA LOJA SOLD LEILÕES (sold.superbid.net) E NO SUPERBID EXCHANGE (www.superbid.net). Informações: 11-4950-9602 / imoveis.sac@superbid.net (20642 - Dossie).

CONSCIENTIZAÇÃO

Meio ambiente ensinado nas aulas

Está na legislação desde 1999 e muitas escolas têm incluído a educação ambiental como conteúdo do ensino

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

A preocupação com o meio ambiente está cada vez mais em evidência. A ocorrência de fenômenos naturais que antes não eram vistos no Brasil têm acendido o alerta para a discussão em torno desse tema, especialmente, nas escolas. A conservação do meio ambiente depende diretamente da conscientização e da mudança de hábitos das pessoas. E para que essa mudança ocorra, a educação se torna fundamental nesse processo.

Em 27 de abril de 1999 foi sancionada a Lei nº 9795 que criou a Política Nacional de Educação Ambiental (Pnea). Ela estabelece diretrizes e objetivos que estimulam a conscientização pública sobre o dever de proteger o meio ambiente por meio da educação. A lei institui ainda que a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis do ensino brasileiro, em caráter formal ou informal, sendo um direito de todos os cidadãos.

A coordenadora da Educação Ambiental da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Taciana Wanderley, ao ser questionada sobre a importância do ensino de educação ambiental nas escolas cita Paulo Freire, quando ele diz que é de fundamental importância que qualquer intervenção educativa interfira no processo de aprendizagem e suas problemáticas envolvidas com a necessidade de compreensão e correções pontuais dos atores envolvidos. Para ela, a educação ambiental proporciona nas crianças e cidadãos a consciência de preservação e cuidados com o meio ambiente. “Sendo assim, trazer a temática ambiental para a sala de aula desde cedo é de fundamental importância na construção de um indivíduo mais consciente no uso sustentável dos recursos naturais”, destaca.

Taciana explica que a educação ambiental deve ser aplicada tanto em âmbito formal nas escolas, através de seu currículo, como também no âmbito informal, na sociedade civil, Ongs, associações e outros segmentos, e que toda e qualquer atividade deve obedecer às diretrizes do Plano Nacional de Educação Ambiental. Deste modo, os professores devem ficar atentos para realizar seus planos de aula de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a realidade vivida por cada estudante.



Estudantes participam de projeto com foco na gestão de resíduos e na geração de energia sustentável no Liceu Paraibano



Fotos: Ádson Bruno/Arquivo Pessoal



Crianças multiplicam os conhecimentos

■ Crianças são mais sensíveis às questões ambientais e influenciam os familiares na mudança de hábitos que causam danos à natureza

Desde 2001, o Censo Escolar do Inep monitora a presença da educação ambiental nas escolas de Ensino Fundamental no Brasil. No primeiro ano, o Censo mostrou que 61,2% das escolas do Ensino Fundamental declararam trabalhar com educação ambiental. Em 2004, o percentual subiu para 94%. As escolas informaram que inserem a temática tanto no currículo, como em projetos, ou até mesmo como disciplina específica.

O professor de Biologia, Ádson Bruno, especialista em sustentabilidade, desenvolvimento e meio ambiente ressaltou que as crianças conseguem se sensibilizar mais com as causas ambientais se for demonstrado desde cedo. “Se você ensinar a importância da preservação e conservação do meio

ambiente, do uso racional dos recursos naturais, eles se sensibilizam e levam isso para vida”.

É o que confirma Renner Oliveira, administrador e pai de duas crianças, Sophia (sete anos) que está no primeiro ano do Fundamental 1, em escola particular, e João (três anos) que estuda o Infantil 3, em uma creche municipal. “É de uma importância gigantesca, trabalhar a educação ambiental nas escolas. E nós percebemos isso em casa, nas decisões que as crianças tomam, no cuidado com o lixo e com o próprio meio ambiente. É interessante ver o quanto move a consciência de uma criança, ela ser ensinada desde pequena sobre a importância do meio ambiente, para nós seres humanos, como família, como pessoa”, afirma o pai.

A professora de Língua Inglesa, Aline Mayara, mãe de Murilo (seis anos) conta que desde cedo estimula o filho a praticar atos sustentáveis, mas que o reforço na escola acaba sendo significativo. “Murilo sempre fala para guardar as coisas recicláveis e ele fala: ‘mamãe, isso é reciclável né?’ Teve um projeto na escola, uma amostra de brinquedos feita a partir de material reciclado que ia para o lixo, então, tudo que é reciclável ele pede para fazer brinquedo. Ela acrescenta que em casa faz a coleta seletiva, separando o orgânico e o reciclável. E que ele já entende que isso gera uma questão de sustentabilidade e um ciclo no qual ele pode ajudar. “Ele já sabe que não pode jogar lixo na rua para não poluir, e que se o lixo cair no chão vai poluir o meio ambiente”.

Alunos do Liceu desenvolveram um biodigestor

Professor do curso técnico de sistemas de energias renováveis, na Escola Cidadã Integral Liceu Paraibano, Ádson Bruno desenvolveu junto aos alunos do curso um projeto com foco na gestão de resíduos na escola e na geração de energia sustentável. O projeto, inclusive, foi um dos contemplados no Edital 2023 do Conexão Mundo, um programa educacional que promove a cooperação internacional, a formação qualificada e estratégica e o desenvolvimento científico e tecnológico no Estado da Paraíba, por meio do intercâmbio educacional e formação profissional internacional.

Em março deste ano, o professor realizou o intercâmbio e passou um mês na cidade Mondragon, na Espanha, onde pôde ter contato com várias experiências similares que são realizadas naquele país e pôde aplicar essas vivências no projeto que desenvolve com seus alunos. “Quando a gente submeteu ao Conexão Mundo nós enviamos uma proposta de projeto, conforme o projeto foi sendo desenvolvido nós tínhamos as orientações de como melhorar. Em Mondragon fomos aprender de fato como fazer um projeto completo, quando voltamos só organizamos e aplicamos, com os alunos, o que vimos”.

O projeto tem por objetivo a gestão de resíduos na escola e a geração de energia sustentável. “A gente partiu de um problema que era o desperdício de resíduos orgânicos na cantina da escola”, comenta. Ele conta que todos os dias cerca de 7kg de alimentos eram desperdiçados. “O projeto seguiu todas as etapas do processo de aprendizagem que inicia quando os alunos conseguem identificar os problemas no seu entorno e depois disso eles escolhem qual problema querem dar uma solução”.

O professor revela que foram feitas pesquisas para tentar encontrar a solução. E a solução que eles chegaram foi a de desenvolver um biodigestor que será utilizado para colocar os resíduos orgânicos. Esses resíduos vão dar origem a um gás que poderá ser transformado em energia e biofertilizante.

O biofertilizante vai ser utilizado no solo da horta. “A ideia era fazer uma horta grande no pátio da escola, mas como o espaço foi interditado devido a uma reforma, a gente adaptou para uma horta pequena que pudesse ser encaixada dentro do corredor da escola”. O fertilizante será utilizado também nas composteiras que são utilizadas para gerir os resíduos orgânicos. Atualmente o projeto se encontra na fase de manutenção. “Foram plantadas sementes de tomate cereja, alface e estamos esperando germinar para os alunos fazerem essa manutenção”.

Incentivo
Educação ambiental deve ser aplicada no ensino formal nas escolas e incentivada por associações, Ongs e o poder público

Estudos devem conciliar teoria e prática

Taciana Wanderley ressaltou que as aulas devem ser adaptadas de acordo com a idade e a maturidade das crianças e deve ser, além de teórica, prática, interessante e divertida. E que desenvolver atividades lúdicas nessa fase é relevante e necessário. “Um bom exemplo disso é levar os alunos para fora das

salas de aula, como o pátio, praça ou mesmo na rua para que elas possam aprender não só sobre plantas, água, reciclagem, como também sobre os problemas ambientais, como poluição e crimes ambientais.”

O professor Ádson Bruno acrescenta que uma forma eficiente de abordar essa

temática é através de uma aprendizagem baseada em projetos. “Os projetos conseguem dar essa base mais sólida para que os alunos vivenciem todo o processo de desenvolvimento”. E as crianças podem contribuir de forma simples, “desde o momento que elas aprendem o que são resíduos e que es-

ses resíduos podem ser reutilizados, reciclados.

Ao mesmo tempo que as crianças aprendem como preservar nossos recursos naturais, como a água, o solo e conseguem fazer isso desde cedo, nas suas casas, levando isso para a vida, a gente consegue ter um bom resultado”, destaca.

JIU-JITSU

Paraibana no Campeonato Europeu

Renata Salles corre em busca de seu sonho, vende trufas e outros doces para competir em Paris

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

No vídeo, filmado na orla da Praia de João Pessoa, uma jovem sorridente veste um quimono branco e tem pendurado no peito uma medalha de ouro. Nas mãos, no entanto, ela carrega um peso muito maior: uma caixa cheia de trufas com um recado pedindo a ajuda para participar de um torneio.

É assim que Renata Salles, lutadora de jiu-jitsu, paraibana de 19 anos, consegue participar de torneios pelo Brasil. Vendendo trufas, açaí, correndo atrás de patrocínios para pagar ônibus, estadia em hotéis... A via crucis desta atleta nem é tanto no tatame, onde ela brilha, representando a Paraíba, mas sim nos semáforos, nas calçadas, rodando a cidade em busca de quem acredite no sonho dela.

“Ser atleta não é fácil! É um sonho pra mim viver do jiu-jitsu, mas infelizmente nem sempre temos o apoio de que precisamos. Então tenho que batalhar muito pra poder chegar onde eu quero. Já vendi açaí, já fiz rifas, já vendi jujuba nos sinais e agora estou vendendo trufas para me ajudar nas competições”, revela Renata.

A necessidade de uma atividade paralela que sustente o jiu-jitsu toma muito tempo e atrapalha treinos. “Atrapalha bastante. Tem que ser muito forte e ter muita força de vontade! Às vezes tenho que me virar em três, tenho que treinar, produzir as trufas, vender e por aí vai. É bastante cansativo, mas eu sei que vai valer a pena”, conta.

Mesmo cansativo, os resultados de Renata impressionam. Campeã sul-americana duas vezes, quatro vezes campeã brasileira, campeã sul-americana infantil, três vezes campeã internacional da Federação de Abu Dhabi... Campeonatos no Rio de Janeiro, em Salvador, em Fortaleza, Curitiba e outros lugares do Brasil. E ela viajou para eles com o dinheiro das trufas.

Golpe fora do tatame

Em 2017, Renata se deparou com um desafio ainda maior. Com as malas prontas para o Sul-Americano no Rio de Janeiro, ao fazer

o check-in para a viagem, descobriu que as passagens que tinha comprado eram falsas. “Faltava uma semana pra viagem e descobrimos que era golpe. Fizemos postagens nas redes sociais, fizemos matérias pra TV. Muitas pessoas ajudaram e conseguimos o dinheiro das passagens.

O pai de Renata, Renato Salles, também é lutador de jiu-jitsu e a grande influência dela na luta. Na época, ele ficou desesperado e buscava uma forma de reverter a situação. “A gente comprava passagens por meio de milhas. Nunca deu problema. Entrei em contato com esse rapaz, que tinha passagens em um valor bastante interessante. Compramos. Quando tentei entrar em contato com ele tudo deu errado e ele ainda riu. Disse que ia gastar o dinheiro da gente com farra”, lamenta o pai.

Com uma grande mobilização a família conseguiu levantar o dinheiro para viajar. Lá no Rio de Janeiro parecia que nada tinha influenciado a determinação de Renata, que lutou muito e trouxe o Sul-Americano para João Pessoa. “Foi aterrorizante, mas eu não podia deixar nada me abalar. Fui para vencer e venci”, lembra.

Paternidade

Esta determinação é uma qualidade que sempre chamou a atenção do pai dela. Ele, também atleta de jiu-jitsu, recorda da dificuldade que sempre teve para praticar o esporte que é sua paixão. “Tudo era muito caro e eu não tinha dinheiro para pagar uma academia, o quimono. Me sinto realizado quando vejo Renata ganhando campeonatos”, celebra.

Ele não é mais treinador da filha, mas segue como coach, dando direcionamento para ela na beira do tatame e ajudando-a com conselhos. “Eu sempre fui um pai coruja. Antigamente o pai fazia a diferença. Como coach eu aconselho a parte técnica. Eu sou bem seguro com a atleta que ela é, determinada, disciplinada, com um foco muito específico. A Renata é um grande orgulho para mim e é um exemplo para outras meninas que estão começando no jiu-jitsu”, diz.

A filha reconhece a influência do pai em suas escolhas. “O apoio dele é

essencial pra mim. Ele sempre acreditou no meu potencial e esteve comigo desde o início, nas vitórias e nas derrotas, no bom e no ruim. O apoio do meu pai faz toda diferença”, explica.

Treinada por William Martins há um ano, ela ainda enfrenta grandes desafios, mas segue perseverante. “A carga de treinos que ela se impõe é alta, pois ela quer ser uma atleta de alta performance. É desafiador, mas tem valido a pena, pois os resultados melhoraram a cada competição”, explica o treinador.

Para o Rio, para Salvador e outros lugares as passagens são em reais. Viajar para fora do Brasil é um pouco mais complicado... Exige produzir muito mais trufa do que o normal, e foi isso que levou a atleta a fazer o vídeo em que pede a ajuda dos paraibanos.

Apesar da dificuldade, a

determinação é uma qualidade natural de Renata, que não desistiu de lutar. Valeu a pena. Um empresário paraibano, ao ver o vídeo, resolveu comprar todas as trufas da jovem. O valor será convertido nas passagens e na estadia de Renata na Cidade Luz. A viagem para Paris, onde ela lutará o Campeonato Europeu de Jiu-Jitsu, está garantida.

“Uma pessoa que enxerga meu esforço e pode me ajudar está fazendo isso, e isso é gratificante demais. As trufas nós vamos doar para instituições carentes. Ainda estamos escolhendo, mas será este o caminho”, comemora.

O que motivou Antonio Souza, empresário do ramo de tecnologia, a investir em Renata foi a vontade de ver alguém tão esforçada vencendo. “Tem tanta gente com tanta oportunidade, com tudo na mão, e tem gente como a Renata, que tá aí lutando, ralando. O que mais ela precisa provar para as instituições? Para entidades? Ela deveria estar ocupando o tempo dela treinando e inspirando pessoas e não fazendo trufa para vender para poder competir”, explicou.

Hoje, a atleta é a quarta colocada no ranking nacional da International Brazilian Jiu-Jitsu Federation. Para conseguir uma chave melhor no Europeu, ela ainda vai enfrentar mais um desafio: um torneio em Brasília, no início de dezembro. Para esta viagem ela ainda não conseguiu o patrocínio, então, apesar da grande vitória, ainda há trufas a fazer e calçadas a percorrer. Tudo para realizar o sonho de viver do jiu-jitsu.

“
Eu sempre fui um pai coruja. Antigamente o pai fazia a diferença. Como coach eu aconselho a parte técnica. Eu sou bem seguro com a atleta que ela é

Renato Salles



Foto: Arquivo pessoal

Renata destaca a importância de seu pai, com quem conversa bastante e diz que seu apoio é essencial no jiu-jitsu



Foto: Arquivo pessoal

PARAPAN DE SANTIAGO

Delegação tem 51 atletas até 23 anos

Brasil estará presente nos Jogos com 324 representantes em 17 modalidades entre os dias 17 e 26 deste mês

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) convocou 324 atletas de 17 modalidades para os Jogos Parapan-Americanos de Santiago, Chile, que serão disputados entre os dias 17 e 26 de novembro. Dentre os convocados, 51 têm até 23 anos de idade, ou seja, 15% da delegação.

O número vai ao encontro à meta de renovação do CPB. No Plano Estratégico do CPB de 2017, revisado em 2021, a entidade estipulou ter 17% dos finalistas nos Jogos Paralímpicos de Paris 2024, nascidos depois de setembro de 2000 (sub-23).

Para o evento continental na capital chilena, foram convocados alguns jovens que já se destacaram em competições internacionais – juvenis e adultos –, como são os casos da velocista Marcelly Pedroso, 20 (fará 21 anos durante o Parapan), da classe T37 (paralisados cerebrais); do nadador Samuel Oliveira, 18, da classe S5 (limitação físico-motora); e do lutador de taekwondo Nathan Torquato, campeão paralímpico nos Jogos de Tóquio 2020 (categoria até 63 kg).

“É um sonho, com 20 anos, poder representar a Seleção Brasileira e dar meu melhor por essa nação. No ano passado, tive a experiência de ir para Suíça e disputar o Grand Prix, ao lado da francesa Mandy François-Élie, que já foi campeã paralímpica nos 100m. Então, já deu para sentir um pouco do clima em competições. Acredito chegar confiante e calma para esse meu primeiro Parapan”, disse Marcelly, que é dona da oitava melhor marca mundial do ano nos 100m da classe T37. Ela registrou 14s10, em março, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. A paulistana está entre os cinco convocados que fizeram a iniciação

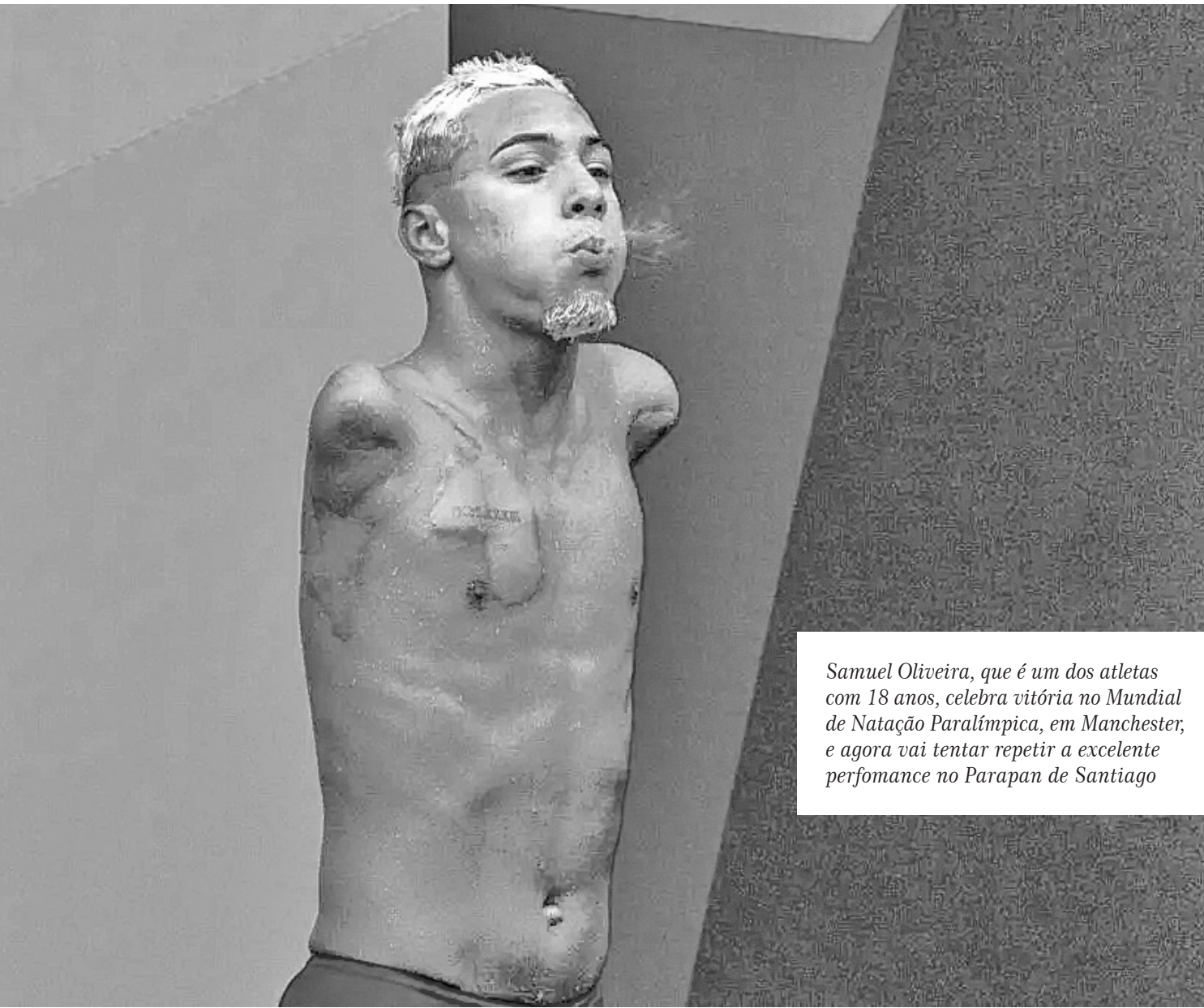


Foto: Alessandra Cabral/CPB

Samuel Oliveira, que é um dos atletas com 18 anos, celebra vitória no Mundial de Natação Paralímpica, em Manchester, e agora vai tentar repetir a excelente performance no Parapan de Santiago

esportiva na Escola Paralímpica de Esportes do CPB, projeto que atende crianças e jovens de 7 a 17 anos.

Campeão mundial nos 50m borboleta em Manchester, Inglaterra, em agosto deste ano, o nadador paulistano Samuel Oliveira também vai estrear em uma edição do Parapan. Com participações em dois Mundiais e sete medalhas (quatro ouros, duas pratas e um bronze) em ambas as edições, o jovem afirmou que tem a expectativa de viver algo inédito nos Jogos Parapan-Americanos. “Esta experiência de entrar em uma Vila Parapan-Americana e conviver com atletas de outras modalidades é uma novidade para mim. Quero des-

frutar das coisas boas que a competição vai me oferecer e vou me dedicar ao máximo para trazer medalhas ao Brasil”, destacou Samuka, como é conhecido.

Aos nove anos, ele precisou amputar os dois braços, na altura do ombro, após levar uma descarga elétrica de 13 mil volts ao tentar tirar uma pipa de uma árvore. Na capital chilena, Samuka terá a companhia de seu primo Tiago Oliveira, 23, também da classe S5 e envolvido no mesmo incidente.

A natação é, justamente, uma das modalidades com mais atletas sub-23, dez, a mesma quantidade do badminton. Nesta, está a caçula da delegação: a paranaen-

se Kauana Beckenkamp, de 14 anos. Dos 17 esportes presentes no programa do Parapan, 14 terão brasileiros com até 23 anos de idade.

Hegemonia

Os Jogos Parapan-Americanos de Santiago, no Chile, começam no próximo 17 de novembro. Daqui a exatos oito dias o Brasil tentará manter sua hegemonia na maior competição paralímpica do continente, já que é o líder do quadro de medalhas desde a edição do Rio 2007. O encerramento do evento será no dia 26.

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) convocou 324 atletas de 17 modalidades para representar o país

em Santiago 2023. Foram chamados também 10 atletas-guia do atletismo, três calheiros da bocha e dois goleiros do futebol de cegos. O Brasil estará presente no atletismo, badminton, basquete em cadeira de rodas, bocha, ciclismo, futebol PC (paralisados cerebrais), futebol de cegos, goalball, judô, halterofilismo, natação, rugby em cadeira de rodas, taekwondo, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, tiro com arco e tiro esportivo.

“Essa será a maior delegação paralímpica brasileira da história em Jogos Parapan-Americanos. Só temos a agradecer a todas as confederações, clubes, treinadores, equipes multidis-

ciplinares e atletas pela dedicação e árduo trabalho desenvolvido ao longo dessa jornada. Esperamos manter o ritmo e o desempenho das nossas últimas participações. Nossos atletas chegam muito bem preparados aos Jogos e a nossa expectativa é de que trarão muitas medalhas para o Brasil”, afirmou Mizael Conrado, eleito melhor jogador de futebol de cegos do mundo em 1998, bicampeão paralímpico da modalidade (Atenas 2004 e Pequim 2008) e presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro.

Na última edição do Parapan, em Lima, no Peru, em 2019, o país entrou para história com recorde de conquistas. A delegação brasileira chegou à inédita marca de 308 medalhas, entre as quais 124 de ouro, 99 de prata e 85 de bronze. Nunca nenhum país alcançou tantas vitórias em uma única edição de Parapan.

A ida da delegação brasileira para a capital chilena será dividida em grupos. O primeiro embarque está previsto para acontecer no dia 12 de novembro.

ATLETAS ATÉ 23 ANOS POR MODALIDADE

- Atletismo - 8
- Badminton - 10
- Basquete /cadeira de rodas - 1
- Bocha - 3
- Futebol de cegos - 1
- Futebol PC – 2
- Goalball - 1
- Halterofilismo - 2
- Judô - 2
- Natação - 10
- Rugbi /cadeira de rodas - 1
- Taekwondo - 3
- Tênis de mesa - 6
- Tênis /cadeira de rodas - 1

LEIDE TAMIRES

Seleção Brasileira Sub-17 tem uma mulher como roupeira

Foto: Fábio Souza/CBF



Ela é pioneira na Seleção Brasileira Feminina. Leide Tamires é a primeira mulher a ser roupeira da Confederação Brasileira de Futebol. Há quatro meses, ela aceitou o convite da gerente do departamento de Seleções da entidade, Claudia Schnabl, e do presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, para cuidar dos materiais usados pelas jogadoras da equipe nacional. Na última segunda-feira (6), ela esteve em ação no confronto da equipe sub-17 diante do México. O amistoso foi o último dos três realizados pelo time comandado por Simone Jatobá na Costa Rica.

Leide começou sua trajetória trabalhando na jardinagem da Granja Comary, em Teresópolis. Após dois anos nos jardins, ela foi surpreen-

dida com o convite da direção da CBF em maio no Dia das Mães.

A primeira oportunidade na nova posição veio há quatro meses, no jogo em que o Brasil venceu o Chile por 4 a 0, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília. A partida marcou não apenas o início da trajetória da Seleção Feminina Principal rumo à Copa do Mundo, mas também o começo de uma nova história para Leide.

“Minha primeira viagem foi para Brasília. Na minha primeira oportunidade contra o Chile, eu estava tremendo, mas me senti segura porque tinha duas pessoas comigo, o Fábio e o Andrezinho, que são roupeiros também. Foi a minha primeira viagem de avião, fiquei ner-

vosa, nunca tinha voado de avião, mas no geral foi tranquilo. Foi muito trabalhoso, mas no final deu tudo certo.”

Embora muitas vezes permaneça nos bastidores, seu papel é essencial para o sucesso da equipe. Ela não apenas garante que as jogadoras e a comissão técnica estejam vestidas adequadamente para cada partida, mas também é responsável por todo o material e equipamento da Seleção.

“Eu sou sempre a primeira a acordar, a última a dormir, sempre a primeira a chegar para preparar todas as roupas e, se for preciso, levar qualquer equipamento. Estamos sempre prontos, cuidando de todos os detalhes, dos pés à cabeça. Na rouparia, precisamos es-

tar sempre um passo à frente para atender tanto as atletas quanto a comissão técnica.”

Leide esteve acompanhando a Seleção Feminina Sub-17 em três amistosos na Costa Rica. A roupeira das Guerreiras do Brasil compartilhou as impressões sobre a nova fase de sua carreira.

“A experiência está sendo nova para mim. Estou aqui, na minha primeira viagem internacional. Pensei que não conseguiria chegar aqui, mas estou aqui. Achei que seria muito difícil, mas está sendo muito prazeroso. Não vou dizer que é fácil, porque é uma profissão que demanda muito, mas estou conseguindo. Sinto que estou me saindo bem, senão não estaria aqui sozinha hoje.”

Leide esteve acompanhando a Seleção Feminina Sub-17 comandada por Simone Jatobá em três amistosos realizados na Costa Rica

ACUSAÇÃO DE ESTUPRO

Enfim, Daniel vai ao banco dos réus

De acordo com o jornal El Mundo, o jogador brasileiro pode ser condenado a uma pena de oito a 10 anos de prisão

Rodrigo Sampaio
Agência Estado

Está previsto para ocorrer neste mês - dia ainda não confirmado - o julgamento do lateral-direito Daniel Alves, preso desde o dia 20 de janeiro sob a acusação de estuprar uma mulher de 23 anos na boate Sutton, na Espanha, no dia 30 de dezembro de 2022. O jogador de 40 anos está detido no Centro Penitenciário Brians 2, em Barcelona. Desde o período em que está recluso, o brasileiro mudou o seu depoimento por mais de uma vez, trocou de advogado de defesa e teve negado recursos para responder à acusação em liberdade. Além disso, ele entrou em um processo de divórcio com a modelo e empresária espanhola Joana Sanz, que acabou não sendo levado adiante. Daniel Alves negou inicialmente a agressão sexual e alegou ser inocente. O caso veio à tona quando o diário espanhol ABC noticiou no dia 31 de dezembro de 2022 que Daniel, que servia à Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Catar semanas antes, havia violentado sexualmente uma mulher em uma casa noturna de Barcelona. A equipe de segurança da casa acionou a polícia catalã, que colheu o depoimento da vítima, também registrada nas câmeras utilizadas nas fardas dos agentes. A Justiça espanhola aceitou a

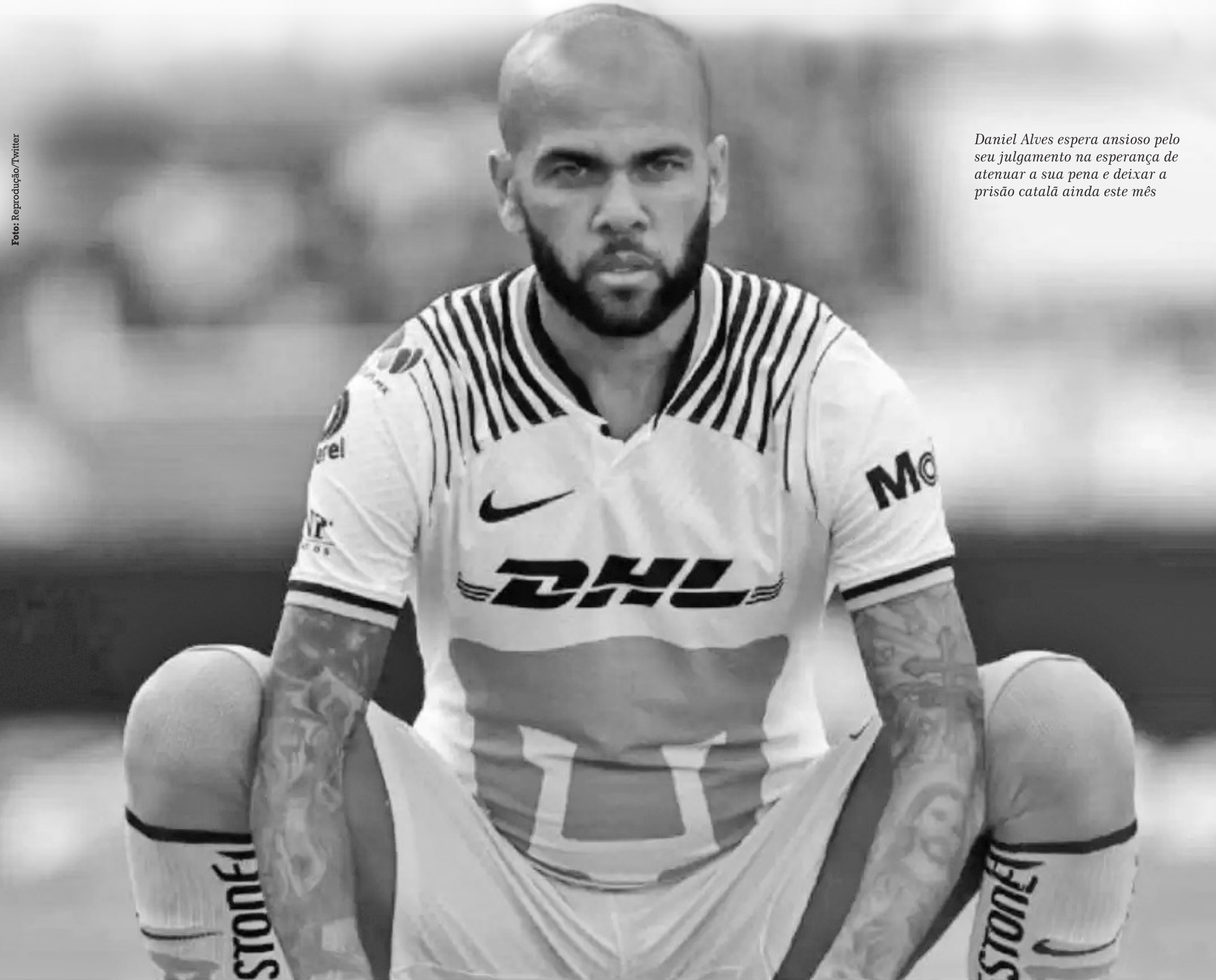
denúncia do Ministério Público no dia 10 de janeiro e passou a investigar o brasileiro. Confira a seguir tudo sobre o caso que pode levar o jogador brasileiro a cumprir pena na cadeia. Antes de ser preso, Daniel Alves defendia o Pumas, do México, quando o caso estourou. Ele havia acabado de participar da Copa do Mundo do Catar, sob o comando de Tite. Quando o clube mexicano soube do caso, rompeu o contrato do jogador. **A prisão** Acompanhado de Joana Sanz, sua mulher, ele viajou a Barcelona após as acusações e prestou depoimento à Justiça de forma voluntária, sem a presença de advogados. A juíza Maria Concepción Canton Martín decretou a prisão de Daniel Alves baseada nas inconsistências das versões apresentadas pelo brasileiro, além da possibilidade de fuga da Espanha - semelhante ao que impossibilitou a prisão de Robinho na Itália. Desde então, ele permanece preso. Isso foi em 20 de janeiro. Nas contradições de seus depoimentos, Daniel Alves chegou a dizer que não conhecia a mulher que o acusava de estupro. Depois, ele revelou que houve relação sexual com ela, mas de forma consensual. Ele voltou a depor na Justiça espanhola em abril e disse ter mudado as versões para ten-

tar esconder a infidelidade de Joana Sanz, que chegou a entrar em processo de divórcio meses após a prisão, mas desistiu da separação em outubro. **Provas de relação sexual** Resultados do Instituto Nacional de Toxicologia e Ciências Forenses de Barcelona apontaram que os restos de sêmen coletados das amostras intravaginais da denunciante são do jogador, assim como o material encontrado no chão do banheiro da boate, onde eles estiveram juntos. A primeira advogada a defender Daniel Alves foi Miraida Pontes Wilson, e logo ela ganhou a companhia de Cristóbal Martell, um dos advogados de maior prestígio da Espanha, responsável por atender empresários e políticos importantes, além de Lionel Messi e do próprio Barcelona. No período em que esteve à frente da defesa de Daniel Alves, Martell apostou no argumento de que a denunciante foi atrás do jogador no banheiro da boate e flertou com o atleta momentos antes. **Pedidos de liberdade** Sob a defesa de Martell e Miraida, Daniel Alves apresentou três recursos à Justiça espanhola para responder às acusações em liberdade. Ele chegou a alegar que o risco de fuga da Espanha era inexistente, ci-

tando o fato de ter levado para o país europeu a primeira mulher e parceira de negócios, Dinorah Santana, e os filhos que teve com elas crianças foram matriculadas em uma instituição de ensino de Barcelona. Ainda assim, os juízes não acataram os pedidos e o jogador continuou preso. Segundo informações do programa "Fiesta", do canal espanhol Telecinco, um interno de Brians 2 revelou que o jogador brasileiro era chamado de "estuprador" e costumava ser intimidado nos momentos em que dividia espaço com outros presidiários, como nas partidas de futebol e no refeitório. O homem revelou ainda que Daniel Alves estava mais magro e abatido desde que chegou à prisão. Segundo ele, o brasileiro tinha privilégios na cadeia, mas não especificou quais eram. Disse ainda que o atleta passa a maior parte do tempo isolado em seu módulo e nega que tenha agredido sexualmente a jovem de 23 anos que o acusa. **Como é a prisão** O Brians 2 é conhecido por abrigar empresários, políticos e ex-policiais e possui um departamento de prisão provisória, onde está o brasileiro. O local já abrigou figuras importantes, como o ex-presidente do Barcelona, Sandro Rosell. A imprensa espanhola divulgou anteriormente

que Daniel Alves dividia a cela com outro brasileiro, chamado Coutinho. A presença do atleta também movimenta um esquema da venda de camisas do Barcelona autografadas pelo brasileiro. Tricampeão da Liga dos Campeões pelo clube, as peças são trocadas por maços de cigarros. Daniel não fuma, mas usa os cigarros para conseguir 'favores'. Segundo o *site* espanhol El Caso, funcionários da Brians 2 notaram a entrada de uma grande quantidade de camisas do Barcelona na penitenciária. As peças seriam para um preso que tem permissão para circular em diferentes módulos do complexo. Daniel Alves trocou de advogado em outubro. Está agora com Inés Guardiola, profissional com experiência em crimes sexuais. Ela assumiu o lugar de Cristóbal Martell. O desejo de mais uma troca em sua defesa partiu da vontade do próprio jogador e de pessoas próximas a ele. No mesmo mês, o portal El Español afirmou que Daniel Alves estuda assumir pela primeira vez que cometeu a agressão sexual. Em troca, ele faria um ressarcimento econômico à vítima. Em outubro de 2022, o Código Penal da Espanha foi alterado com a adição de uma nova lei, a qual prevê que crimes sexuais devem ser tipificados de

acordo com o consentimento da vítima. Chamada de "Só sim é sim", a lei passou a considerar que todos os atos sexuais não consensuais passaram a ser de violência. A prisão do jogador está mantida até o fim do julgamento. **Pena de oito anos** De acordo com o jornal El Mundo, Daniel Alves poderá ser condenado a uma pena de oito a dez anos de prisão. No início de fevereiro, oito testemunhas, que estiveram presentes na madrugada em que o caso teria ocorrido, prestaram depoimento na Justiça espanhola: uma amiga e a prima da denunciante; dois garçons da área VIP da Sutton; o porteiro da casa noturna; o diretor da boate, responsável por acionar o protocolo contra agressão sexual e chamar os Mossos d'Esquadra (polícia catalã); e outras duas pessoas que estavam na discoteca na noite do ocorrido. Sabendo de que as chances de Daniel ser absolvido são mínimas, a defesa do jogador se valeu de uma brecha jurídica na legislação penal da Espanha para reduzir a pena do atleta. Foram pagos à Justiça 150 mil euros (cerca de R\$ 800 mil) como indenização por "atenuante de reparação de dano causado". Isso reduziria a pena pela metade.



Daniel Alves espera ansioso pelo seu julgamento na esperança de atenuar a sua pena e deixar a prisão catalã ainda este mês

Foto: Reprodução/Twitter

CONTRA O BRAGANTINO

Botafogo tenta reagir no Brasileirão

Rodada tem mais seis jogos, com destaques para Grêmio x Corinthians, Santos x São Paulo e Vasco x América-MG

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Sete jogos movimentam, hoje, a sequência da 34ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A. Entre os confrontos, um em especial, vai colocar em xeque o futuro de Botafogo e Bragantino na sequência da competição. No chamado jogo de seis pontos, ambas as equipes vêm de derrotas, mas seguem na disputa pelo título da principal competição de futebol nacional do país.

Paulista e cariocas se enfrentam a partir das 16h, no Estádio Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista. Os donos da casa buscam a reabilitação depois da derrota por 1 a 0 para o São Paulo, na última rodada, para continuar colado nos líderes. Com 58 pontos, o Massa Bruta iniciou a rodada na 4ª colocação com um jogo a menos que os concorrentes, mas para o confronto contra o Glorioso não vai poder contar com o atacante Helinho, ainda em recuperação de um estiramento leve no joelho esquerdo.

O Botafogo vive uma situação desesperadora na competição. A equipe iniciou a rodada na liderança com 59 pontos, mas nas últimas cinco rodadas somou apenas um ponto de 15 disputados, acumulou



O Vasco, do zagueiro Medel, tem a chance de se afastar ainda mais da zona de rebaixamento, hoje, contra o América Mineiro

um empate e uma sequência de quatro derrotas, duas delas com viradas históricas para Palmeiras e Grêmio, ambas por 4 a 3, jogando como mandante. Com o retrospecto negativo, o clube deixou escapar uma vantagem de sete pontos para o segundo colocado e, con-

sequentemente, colocou em risco a conquista do título que não vem há 28 anos. “Temos de digerir o mau momento. Ainda temos cinco ou seis finais e só depende da gente. A torcida tem total direito de não acreditar, pelo que nós viemos demonstrando nesses cinco

jogos. Mas o que esses jogadores fizeram não foi por acaso. Não vamos entregar”, disse o atacante Diego Costa, após a derrota para o Grêmio, na última quinta-feira (9), após a partida. Além de Bragantino e Botafogo, Grêmio e Corinthians se enfrentam na Arena do Grêmio,

em Porto Alegre, também às 16h. Outros cinco confrontos ocorrem, simultaneamente, às 18h30, e encerram a rodada 34 do Brasileirão Série A neste domingo. O Vasco recebe o rebaixado América-MG, em São Januário, no Rio de Janeiro; Santos e São Paulo se en-

frentam na Vila Belmiro, em Santos; o Atlético-MG encara o Goiás na Arena MRV, em Belo Horizonte; a Arena Fonte Nova, em Salvador, será palco para o confronto entre Bahia e Athletico-PR. Por fim, o Cuiabá duela contra o Fortaleza, na Arena Pantanal, em Cuiabá.

Brasileirão

34ª rodada

16h

Bragantino x Botafogo
Grêmio x Corinthians

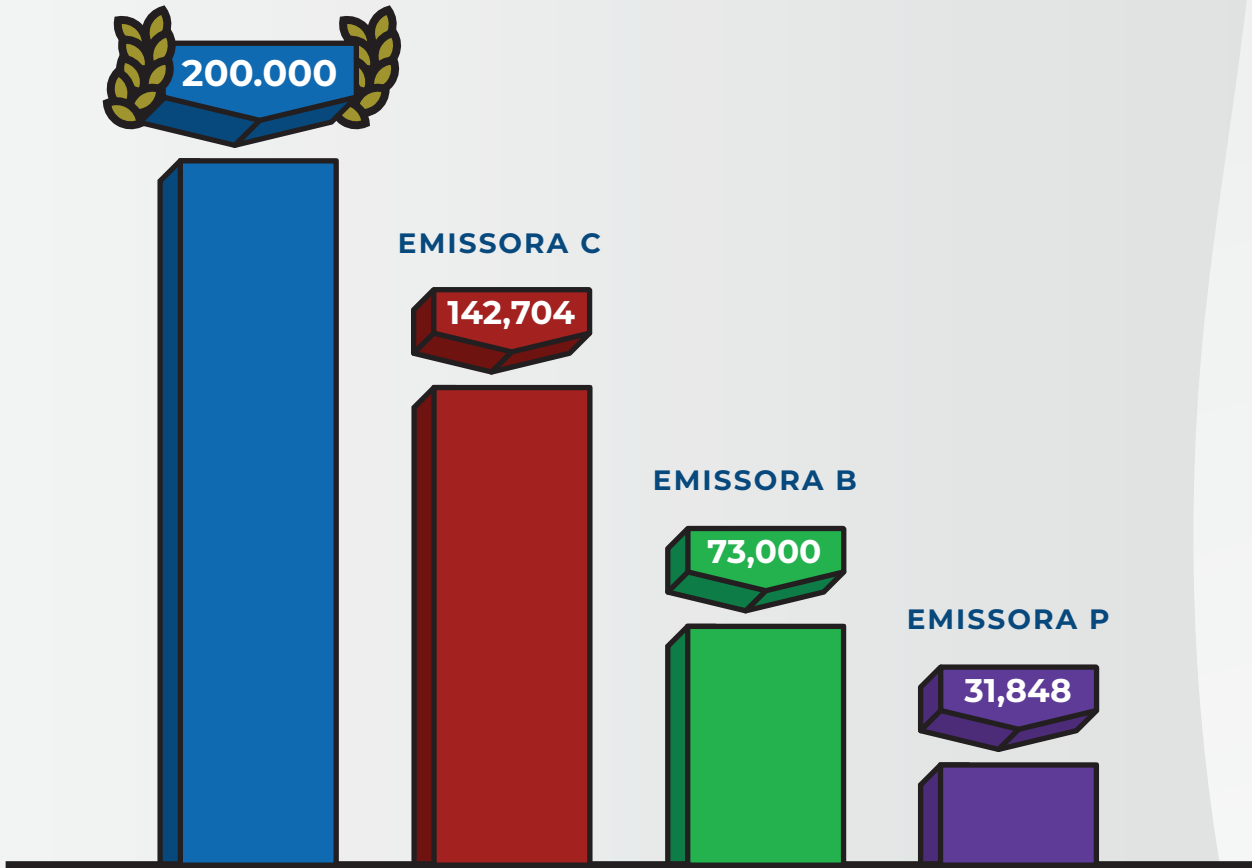
18h30

Vasco x América-MG
Santos x São Paulo
Atlético-MG x Goiás
Bahia x Athletico-PR
Cuiabá x Fortaleza

PENSOU ESPORTE, LEMBROU TABAJARA

105,5 FM

RÁDIO TABAJARA



No acumulado de 2023, **200 mil fãs da bola redonda** assistiram, no YouTube, às transmissões da melhor equipe do rádio paraibano. É uma **audiência 28% superior a da segunda e muito mais do que o dobro das outras duas emissoras** que transmitem o futebol. Uma verdadeira goleada desta equipe que vai para o jogo com a missão de trazer emoção e informação ao torcedor. **No rádio ou no Youtube, futebol paraibano é na Tabajara!**

Referência dos dados: visualizações das transmissões realizadas pelas emissoras de rádio de João Pessoa ao longo de 2023 (coleta de dados feita nos respectivos canais do YouTube em 21/05/2023).

Desenhos de tubarão e jacaré em pleno Semiárido

No sítio de Pocinhos, foram identificadas ao menos seis pinturas em tonalidade vermelha (um tubarão, um jacaré, uma estrela-do-mar, uma lula, uma água-viva e uma tartaruga marinha) que fogem por completo do geral da arte rupestre da região, especialmente os grafismos da tradição Agreste existente no sítio figuras zoomorfas (coruja, águia etc.) e figuras geométricas, ditas como sendo grafismos puros.

Essas figuras, que não se enquadram em um padrão estilístico pré-determinado, já que não representam a fauna local, mas sim, a fauna marítima, próxima às praias, tem chamado a atenção de alguns frequentadores do local, levando-os a imaginar e questionar o que teria levado um grupo humano a pintar tais figuras de representação marinha, naquele lugar ermo, seco, de Caatinga e de clima tropical semiárido.

De forma geral, representações de animais marinhos em sítios arqueológicos de arte rupestre são raros em todo o planeta. Os casos de figuras rupestres em paredões rochosos no interior dos continentes, quando existem, são poucos notificados. Um caso de divulgação mais recente foi o publicado pela Revista Antiquity, que mostrou o caso de descobertas de pinturas rupestres na costa do Deserto do Atacama, no território chileno, em El Médano, em pleno deserto. Essas pinturas rupestres mostram uma possível caça a animais da fauna marinha existente na região do Chile, talvez baleias, tubarões e leões-marinhos.

Qual o padrão estilístico rupestre (tradição, subtradição e estilo) no qual pode-se enquadrar o conjunto de figuras rupestres que em parte existem no Sítio Arqueológico Pedra do Tubarão? Existe recorrência dessas figuras rupestres que apresenta a fauna marinha em outros sítios do interior do Brasil? Essas indagações permanecem.

Hipóteses para explicar pinturas

Outras perguntas persistem. Esses seriam desenhos que de fato mostram representações desses animais encontrados no mar? Por que essas figuras rupestres aparecem em um riacho do tipo efêmero? Quais hipóteses levantadas para explicar essas pinturas? Qual a visão da população sobre essas figuras enigmáticas? Essas hipóteses e questionamentos levantados foram, em parte, provenientes de artigo publicado em 2015 por Santos Júnior, em que os autores buscam explicações para figuras enigmáticas ostentadas em possíveis embarcações da região do Seridó do Rio Grande do Norte.

Assim sendo, nesse primeiro momento, já que esse tipo de pintura tem demonstrado certa raridade nos Sertões do Brasil, a equipe arqueológica da UEPB aponta algumas explicações preliminares para os questionamentos. “Aqui apresentamos duas linhas de raciocínio: grupos humanos pré-históricos que habitavam o Litoral e suas proximidades, por vários motivos como guerra, fome, doenças etc., foram obrigados a deixar o território em que viviam e aos poucos subiram o Planalto da Borborema e, também, por motivos que até hoje são desconhecidos, chegaram à região de Pocinhos, onde se estabeleceram por algum tempo”.



Ilustração: Tônio

“Mar” do Agreste

Sítio Arqueológico Pedra do Tubarão, em pleno Semiárido paraibano, se coloca num quadro de arte rupestre dos mais emblemáticos do Brasil, por abrigar seis figuras representando a fauna marinha

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Mais de 140 quilômetros separam as cidades de Pocinhos, no Agreste paraibano, e a capital do estado, João Pessoa, no Litoral. Mas, de acordo com o arqueólogo e paleontólogo Juvandi Souza Santos, diretor do Laboratório de Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o Sítio Arqueológico Pedra do Tubarão, em pleno Semiárido, se coloca num quadro de arte rupestre dos mais emblemáticos do Brasil, por abrigar seis figuras de tonalidade vermelha representando a fauna marinha.

Como pode ser? Algum povo que fugia do Litoral para evitar doenças ou perseguições resolveu gravar ali, em pleno Agreste, num rochedo milenar, espécies marinhas diversas, para sentir-se mais perto do ambiente de seus ancestrais? É a tese mais provável pelo paleontólogo, até surgir, nesse novelo de mistério, uma opinião popular: “Aqui, há milhões de anos, era mar, não é doutor?”. Se era ou não, as evidências são claras. Em Cubati e Pedra Lavrada, nos beirais do Curimataú e do Seridó paraibano, alguns poços escavados em áreas de extração de minérios revelaram veios d’água com teor salino superior ao do mar. E também há espécies de crustáceos já petrificados, próprios da fauna oceânica.

■ Em Cubati e Pedra Lavrada, alguns poços escavados em áreas de extração de minérios têm água salina



Foto: Reprodução

No sítio arqueológico de Pocinhos, há gravuras de tubarão, jacaré, estrela-do-mar, lula, água-viva e tartaruga marinha

Escassez de sítios com fauna marinha

“Em meio às figuras emblemáticas, o sítio em Pocinhos apresenta dezenas de imagens que, de forma primária, são enquadradas na tradição Agreste de arte rupestre. No Brasil, são poucos os sítios de arte rupestre com essas características, assim sendo, devemos mostrar algumas comparações feitas com sítios que apresentam animais da fauna marítima, especialmente em outro país, por causa da escassez de informações sobre sítios com tais características no Brasil”, diz Juvandi Santos, com sua autoridade de professor pós-doutor do Departamento de História da UEPB, em Campina Grande. Ele também é coordenador do Museu de História Natural do mesmo órgão e do respectivo Laboratório de Arqueologia e Paleontologia. “Em excelente trabalho científico, Demétrio Mutzenberg e Francisco de Assis de Matos nos informam que o estado da Paraíba apresenta um amplo acervo de vestígios arqueológicos que atestam a ocupação de seu território desde tempos pré-históricos”, observa Juvandi. Esses vestígios arqueológicos aparecem de todos os tipos: cerâmica, materiais líticos, grés, faiança e, princi-

palmente, figuras rupestres, em centenas de sítios arqueológicos, com gravuras e pinturas, muitos deles únicos, de rara beleza, e de importância singular para a arqueologia brasileira, a exemplo das famosas Itacoatiaras do Ingá e da Pedra da Cobra, em Pocinhos, entre outros. Muitas dessas ocorrências arqueológicas são vistas pelos moradores locais como algo importante, que os une de alguma forma aos antigos habitantes

do uma grande concentração de sítios rupestres, existe um alerta: Mutzenberg e Matos admitem que “não existe nenhuma cronologia para a área”, o que só demonstra as poucas pesquisas sobre esses vestígios arqueológicos no interior paraibano. Afirmar que esses sistemas gráficos são, até certo ponto, o modelo gráfico de um grupo, aquilo que os define enquanto grupos diferentes, um vestígio, dentre muitos, que pode servir para traçar o perfil cultural daquele grupo humano. Enfim, a Paraíba oferece aos estudos da arqueologia da arte rupestre uma infinidade de exemplos. Que podem surgir como os mais diversificadas possíveis e, também, enigmáticos, no sentido de que figuras rupestres encontradas em certos sítios não se enquadram em padrões rupestres, ou seja, nas tradições, subtradições e estilos já consolidados por grandes arqueólogos do Brasil. “Um bom exemplo dessa afirmação é o sítio arqueológico de arte rupestre identificado por nossa equipe em Pocinhos, no Agreste da Paraíba, como a Pedra do Tubarão”, garante Juvandi.



Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, nascido em Teixeira, foi jornalista, agrônomo, escritor e comerciante madeirense, além de espiritualista



Ilustração: Tino

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Você sabe a diferença entre fato e ponto de vista?

Muita gente não sabe diferenciar fato de opinião. Ou seja, há pessoas que não conseguem distinguir o que é notícia do que é a expressão de um ponto de vista.

Quando estudamos gêneros jornalísticos, aprendemos que eles, de forma geral, dividem-se em quatro tipos: 1. Informativo (há o relato dos fatos da maneira mais objetiva possível); 2. Interpretativo (há a interpretação dos fatos, além da informação); 3. Opinativo (há a expressão de um ponto de vista a respeito de um ou mais fatos); 4. Entretenimento (há informações com o objetivo de distração dos leitores).

De acordo com Jorge Medina, a "classificação dos gêneros decorre das necessidades e das exigências dos leitores e, ao mesmo tempo, da organização e o desenvolvimento das empresas jornalísticas". O portal G1, por sinal, há poucos anos fez uma mudança na forma como classifica o próprio conteúdo que produz, o qual agora se divide em "Jornalismo", "Esportes" e "Entretenimento". Já o portal UOL passou a identificar, em parte de seu conteúdo, se aquele texto se trata de reportagem ou de opinião.

Identificar se um texto é o relato de um fato ou se é a opinião de um articulista/especialista tem a ver com conhecimento adqui-



Foto: Reprodução

rido, com leitura de mundo, com educação midiática. Sim, saber a diferença entre ponto de vista e acontecimento é uma habilidade e que, cada vez mais, precisa ser adquirida pela população, especialmente crianças, adolescentes e jovens.

Um relatório divulgado em 2019 pela Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontou que apenas 10% dos jovens do mundo conseguem fazer a distinção entre fato e ponto de vis-

ta; no Brasil, a situação piora, e o índice cai para 2%.

Mas os adultos também sentem dificuldade em identificar tal diferença. Um estudo do Centro de Pesquisa Pew, divulgado em 2018, comprovou isso. A pesquisa usou cinco afirmações factuais e outras cinco afirmações de opinião e pediu para as pessoas identificarem: o que é acontecimento? O que é ponto de vista? Dentre os 5 mil adultos pesquisados, só 35% identificaram corretamente

todas as afirmações de opinião, enquanto apenas 26% identificaram todas as afirmações factuais.

Em resumo: a maioria dos adultos consultados se confundiu: ou entendeu fatos como opiniões ou considerou as opiniões como fatos. Detalhe: o estudo do Centro de Pesquisa Pew ainda concluiu que é mais provável que as pessoas vejam uma opinião como um fato, qual tal opinião coincide com as próprias crenças do indivíduo.

Outra pesquisa, dessa vez realizada por um grupo da Universidade Stanford, apontou que mais de 80% da população de nativos digitais pesquisada não foi capaz de fazer a distinção entre conteúdo patrocinado (publicidade) e reportagem jornalística.

Nesse caso, os pesquisadores concluíram que os nativos digitais são capazes de transitar habilmente de uma rede social para outra ao mesmo tempo em que fazem o upload de uma selfie no Instagram e escrevem uma mensagem ao amigo, mas são facilmente enganados quando o assunto é avaliar as informações que transitam pelas redes sociais.

Infelizmente, tal dificuldade não se restringe apenas aos nativos digitais, mas também à geração analógica. E todos nós precisamos, cada vez mais, de educação midiática.

Lins de Vasconcelos

De agricultor e tropeiro a editor de livros e jornais espíritas

Agronomia e criação da Revista do Espiritualismo

Em fevereiro de 1918, criou a Revista do Espiritualismo, órgão da Sociedade Publicadora Kardecista do Paraná. Lins de Vasconcelos tornou-se um dos seus diretores. Ainda em Curitiba, constituiu família ao casar-se com Hercília César de Vasconcelos Lopes, quando obteve a posição de escrevente juramentado em um tabelionato da cidade. Em 1925, o governador do Estado, sem a autorização da Assembleia Legislativa, presenteou terrenos e dinheiro públicos à Igreja Católica para a instalação de dois bispados.

Alguns cidadãos, entre os quais o professor Dario Veloso, homem de letras e presidente do Instituto Neo-Pitagórico de Curitiba, e Lins de Vasconcelos enquanto presidente da FEP, protestaram contra o ato inconstitucional do governo. A posição de Lins de Vasconcelos acarretou-lhe a demissão do cargo público, chegando a responder processo na alçada criminal, onde foi condenado, tendo a sua sentença, posteriormente, sido revogada pela Justiça.

Com ajuda do amigo José Leprevost, Lins de Vasconcelos conseguiu pagar a

fiança para não ser preso. O mesmo amigo ofereceu-lhe novo emprego, em sua firma comercial. Nesta fase difícil, embora com poucos recursos, mas senhor de tino comercial, lança-se no comércio madeirense, vindo a prosperar.

Em 1930, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, sendo eleito presidente honorário da FEP, em homenagem aos relevantes serviços prestados à instituição. Na então capital do país, Lins de Vasconcelos conseguiu firmar-se econômica e socialmente, amealhando fortuna, ao fundar a Compa-

nhia Pinheiro Indústria e Comércio, empresa do ramo madeirense.

Por ocasião dos trabalhos parlamentares que culminaram com a promulgação da Constituição Brasileira de 1946, como presidente da Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, instituição republicana fundada em 17 de maio de 1931, enviou numerosas propostas visando resguardar o estado leigo, a liberdade de consciência religiosa, a laicidade do ensino público, a secularização dos cemitérios e a absoluta separação entre a Igreja e o Estado.

Aquisição de gráfica e transferência para Curitiba

Mais tarde, em 1948, a Gráfica Mundo Espírita, responsável pelo jornal Mundo Espírita, periódico fundado em 1932 por Henrique Andrade, enfrentava séria crise financeira, quando foi adquirida por Lins de Vasconcelos. A sede do jornal e as suas oficinas foram posteriormente transferidas para Curitiba, vindo o periódico a tornar-se o órgão noticioso e doutrinário da FEP.

Naquele mesmo ano, empenhou-se na realização do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, apoiando a ideia do de-

putado Campos Vergal, transformada em realidade pela atuação de Leopoldo Machado. Foi uma de suas principais figuras, contribuindo decisivamente na parte financeira para a realização do evento. Foi, por unanimidade, proclamado seu presidente de honra e, na sessão de instalação no Teatro João Caetano, na manhã do dia 18 de julho de 1948, proferiu brilhante discurso, fazendo a entrega simbólica do congresso aos moços espíritas ali reunidos.

Em fevereiro de 1949, fundou a Ação Social Espírita, instituição que se desti-

nava ao trabalho social do Espiritismo em todo os seus aspectos e sob todas as formas. As finalidades dessa instituição estão condensadas nos vinte e cinco itens inseridos na edição de 12 de Março de 1949, do Mundo Espírita, abrangendo desde o auxílio às sociedades espíritas até ao estímulo às artes e à ciência.

Ainda em 1949, quando dos preparativos para a realização do II Congresso Espírita Pan-Americano, que se reuniu no Rio de Janeiro, de 3 a 12 de outubro, foi chamado para participar da comissão or-

ganizadora, sendo-lhe entregue o cargo de tesoureiro, e a quem se deve, em boa parte, o êxito alcançado pelo evento. No discurso que proferiu diante dos representantes das nações americanas, destacam-se os seguintes trechos, ilustrativos de sua motivação:

"É belo dulcificar o coração, é mesmo grandioso e até sublime, mas é sensato iluminar o templo para que os morcegos não o invadam, fazendo do Espiritismo um instrumento de cegueira ou um anestésico para as horas de dores".

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O lado "b" da Jovem Guarda – Parte I

Quando iniciamos, aqui neste espaço, nossas reminiscências sobre o interessante movimento musical chamado de Jovem Guarda, propositalmente abordamos a vivência daqueles que o iniciaram e conquistaram a simpatia/audição de quantos acompanharam aquela época que nos deixou imensas saudades. Agora, é necessário que se diga terem alguns adeptos do movimento ficado de fora do nosso foco, o que agora iniciamos fazer de forma intermitente, ou seja, não sequencial.

As músicas do lado "b" dos antigos discos de 78 rpm sempre serviam apenas de complemento/apoio a sucessos maiores que, no caso, eram gravados no lado "a" dos referidos discos, embora, em alguns casos, aquelas, contrariando a previsão das gravadoras, se tornavam sucessos maiores, quando "tocadas nos rádios".

Quanto à nossa visão, consideramos lado "b" da Jovem Guarda aqueles astros/estrelas que ficaram de fora de determinadas programações radiofônicas e/ou televisivas. Estamos falando, então, dos que, por razões diversas, não faziam parte daquele universo musical centrado nos seus criadores/participantes: Roberto e Erasmo, Wanderleia, de que participaram, entre outros, Waldirene, Wanderley Cardoso, Martinha, Bobby di Carlo, Nalva Aguiar, Jerry Adriani, Rosemary, The Jordans, os Vips, os Fivers, Renato e seus Blue Caps e tantos outros.

Dentre esses, Ronnie Von e Paulo Sérgio tornaram-se exponenciais, uma vez que, em circuitos paralelos, criaram os seus ambientes, tonando-se celebridades mesmo no mundo da Jovem Guarda, sem, no entanto, terem



Foto: Reprodução

dele participado com um engajamento direto.

O nosso intuito seria, então, fazer alusão a outros que, devido aos seus repertórios, foram ficando de lado, no caso do lado "b", dessas manifestações auditivas. Isso, em parte, se deve ao fato de alguns deles terem enveredado por caminhos – digamos – mais populares, sendo, algumas vezes, alguns deles, até tachados de bregas ou cafonas.

Vamos, então, a alguns nomes que ficaram na periferia da Jovem Guarda.

Carlos Gonzaga (José Gonzaga Ferreira), ao iniciar a carreira artística de cantor, teve que mudar de nome em função da existência do santoneiro/cantor Zé Gonzaga, irmão do rei do baião. Assim passou a chamar-se Carlos Gonzaga, cujo nome fez história, sobretudo no período que antecedeu a Jovem Guarda.

Nascido em Paraísoópolis, interior de Minas Gerais (1924), faleceu, vitimado pelo mal

de Alzheimer, em 25 de agosto deste ano, em Velletri-Itália, onde residia com um neto. Na cidade natal, passou a infância e adolescência, começando, desde cedo, a luta pela sobrevivência, como acontecia com as famílias mais humildes. Ainda criança, exercia a atividade do que, antigamente, se chamava de "chapeado" (vocábulo derivação de "chapa", que os profissionais do ramo colocavam no quepe, espécie de boné) e que lhes possibilitava correr bagagens dos passageiros que desembarcavam dos trens ou dos ônibus em busca de pousadas ou hotéis.

Ainda na juventude saiu de sua terra para buscar, em cidades maiores – Itajubá, Campos do Jordão e São José dos Campos – melhores oportunidades de vida. Já por volta dos seus dezesseis/dezessete anos, rumou para a capital paulista, onde conseguiu emprego em uma fábrica de cadeiras de barbeiros. Como na infância e adolescência gostava de cantarolar, já em São Paulo, "meteu a cara", participando de programas de calouros patrocinados pelas emissoras paulistanas. Com boa afinação vocálica e incentivado pelos colegas da fábrica, chegou a ganhar diversos prêmios, como cantor, interpretando tudo o que a sua percepção assemelhava: samba, tango, bolero, fox, baladas, twists, hully Gully e até o novo ritmo que estava sendo trazido por Harry Belafonte, o calypso. As repetidas vitórias chamaram a atenção de "olheiros" que o contrataram como

cantor fixo da Rádio Tupi/SP, primeiro passo de sua carreira musical. A primeira gravação veio logo: 'Velha Paineira', composição de Fred Jorge, um samba de raiz, falando sobre saudades e desilusões amorosas. Mesmo sem estar na linha de frente do movimento precursor da Jovem Guarda, Carlos Gonzaga merece um lugar de honra na galeria que impulsionou o advento do rock-balada junto à juventude na época dos que fizeram a pré-Jovem Guarda: George Freedman, Sérgio Murilo, Celly e Tony Campello. A marca de Carlos Gonzaga, classificado como um dos pioneiros da chamada música jovem no Brasil, ficou mesmo com os seus hits que antecederam aquele período, sobretudo gravações do que nos ia chegando, quando, com a ajuda das versões criadas pelo amigo Fred Jorge, "especializou-se", entre os anos de 1958 a 1962, na popularização das criações originais de Paul Anka: 'Diana', 'You Are My Destiny', 'Adam and Eve', 'Crazy Love', 'Put Your Head On My Shoulder', 'So It's Goodbye', 'Lonely Boy', 'Home Town, Something Has Changed Me', 'I Never Know Your Name', 'A Steel Guitar and a Glass of Wine' – e de Neil Sedaka: 'Oh! Carol', 'The Diary', 'All I Need Is You', 'You Mean Everything To Me', além de outros grandes sucessos, como 'The Great Pretender' (The Platters), 'Bat Masterson' (do seriado televisivo bang-bang/country), 'Riders in the Sky', 'I Can't Stop Lovin' You' (que fazia sucesso na voz de Ray Charles), além de outras versões de sucessos da música italiana e latino-americana.

Sua última apresentação pública aconteceu, em 2006, no SBT, antes de sua ida para a Itália.

PESQUISA

Dinossauros “ajudam” na procura por extraterrestres

Descoberta pode revolucionar a forma como se procura vida em planetas fora do Sistema Solar

Da Redação

Durante a era dos dinossauros, a atmosfera da Terra continha níveis significativamente mais elevados de oxigênio, tornando as composições químicas da vida mais discerníveis. Essa revelação poderá revolucionar a forma como se procura vida em exoplanetas distantes (fora do Sistema Solar).

O Éon Fanerozoico, que abrange os últimos 540 milhões de anos da história da Terra, coincidiu com o reinado dos dinossauros. Durante esse período, os níveis de oxigênio atmosférico variavam entre 10% e 35%, um forte contraste com os atuais 21%. Esse ambiente único criou bioassinaturas mais fortes e mais detectáveis, especificamente os pares de oxigênio e metano, bem como ozono e metano.

Os espectros de transmissão, segundo registra o Site Zap, são formados quando a atmosfera de um planeta absorve cores específicas da luz das estrelas, permitindo a passagem de outras. Esses espectros são ferramentas valiosas para os cientistas decifram a composição de uma atmosfera à distância.

A nova investigação de uma equipe de cientistas da Universidade de Cornell sugere que os espectros de transmissão da Terra durante a era dos dinossauros teriam sido mais distintos, tornando teoricamente mais fácil para uma civilização extraterrestre detectar vida na Terra durante o período Jurássico do que nos tempos modernos.

Esse estudo, escreve o Earth.com, sugere a possi-



Evolução dos dinossauros ocorreu com níveis de oxigênio com pico de cerca de 30%

bilidade de que os planetas com atmosferas semelhantes às condições pré-históricas da Terra possam não só albergar formas de vida simples, mas também organismos mais complexos.

Rebecca Payne, que lidera a investigação, explora mudanças significativas na biosfera da Terra, medidas através de alterações na composição dos gases atmosféricos. Essas descobertas fecham uma lacuna crucial na compreensão do que procurar ao estudar exoplanetas que possam abrigar vida extraterrestre.

O seu estudo destaca um período crucial em que o oxigênio atmosférico oscilou dentro do que é conhecido como a “janela de fogo” do carvão vegetal, que ocorre quando os níveis de oxigênio são propícios tanto à prevenção quanto à manutenção de incêndios. Esse equilíbrio pode ter impulsionado a evolução dos dinossauros e de outras criaturas de grande porte, especialmente quan-

do os níveis de oxigênio atingiram um pico de cerca de 30%, há aproximadamente 300 milhões de anos.

Com cerca de 40 exoplanetas rochosos já identificados em zonas habitáveis, o Telescópio Espacial James Webb pode potencialmente analisar as suas atmosferas. Embora os modelos atuais sejam teóricos, levantam a perspectiva de que alguns exoplanetas podem apresentar condições que permitiram o aparecimento de formas de vida diver-

sas e complexas, semelhantes ao passado pré-histórico da Terra.

A descoberta de um exoplaneta com uma atmosfera contendo 30% de oxigênio pode ter implicações significativas, aumentando as hipóteses de encontrar vida microbiana e sugerindo a existência de criaturas tão grandes e variadas quanto as do passado da Terra. O novo estudo foi recentemente publicado na revista científica Monthly Notices of the Royal Astronomical Society: Letters.

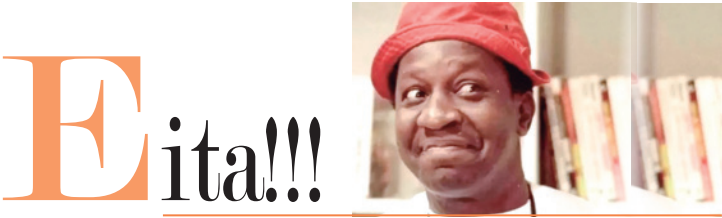
Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: está (1) = tá + lucro conseguido por meio ilícito (2) = canho. Solução: mesquinho (3) = tacanho. Charada de hoje: na capital europeia (2) ele achava graça (2) durante aquela peregrinação religiosa (4).



Sambista e humorista

No último dia 2 de novembro, ‘Mussum, o filmis’ estreou nos cinemas de todo o país, trazendo o ator Ailton Graça no papel principal do longa-metragem. A história de um dos artistas mais saudosos da televisão brasileira é contada desde sua infância até o estrelato, como integrante do grupo musical Os Originais do Samba e, mais tarde, brilhando em programas de humor nas tevês de todo o país.

Homenagem a um peixe

Antônio Carlos, o verdadeiro nome do humorista, deu lugar ao famoso apelido após o ator Grande Otelo compará-lo a um peixe escorregadio, o muçum. Mussum, que era instrumentista na época, ficava se escondendo atrás de outros integrantes do seu conjunto musical, fato que originou a comparação.

Carlinhos do Reco-Reco

Antônio Carlos Bernardes Gomes, antes de se tornar Mussum, era conhecido como Carlinhos do Reco-Reco, no grupo Os Originais do Samba. O apelido de Mussum teria surgido em um momento de desavença. Incomodado com o lado expansivo de Antônio Carlos e seu jeito moleque durante as gravações, Otelo teria questionado: “Tá rindo de quê? Seu muçum!”.

Kid Mumu da Mangueira

Também chamado de Kid Mumu da Mangueira, o humorista era nascido e criado no Morro da Cachoeirinha, no Complexo do Lins, a relação de Mussum com o morro da Zona Norte carioca se deu por intermédio do amigo de adolescência Nilton. Ambos moravam na São Francisco Xavier, mas o futuro humorista não gostava de subir a comunidade. Com o tempo, tornou-se uma figura tão popular no local que passou a ser chamado de Carlinhos da Mangueira, e chegou, posteriormente, a ser diretor da ala das baianas da escola.

Décadas de 1960 e 1970

Sucesso no grupo Os Originais do Samba, Mussum sempre teve paixão pela música. Sua amiga e parceira de Mangueira Alcione o considerava o melhor tocador de reco-reco do mundo. Com o grupo, que inicialmente se chamava Os Sete Modernos, o artista lançou 13 discos nas décadas de 1960 e 1970.

Militar da Aeronáutica

Antes de se dedicar ao samba e ao humor, Mussum teve um passado bem diferente do que os fãs poderiam imaginar, pelo seu jeito brincalhão: aos 18 anos serviu na Aeronáutica, no 3º Comando Aéreo Regional, na Base Aérea de Santos Dumont. Chegando até a cabo na corporação. Foi no serviço militar que aprendeu a tocar bateria.

9erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

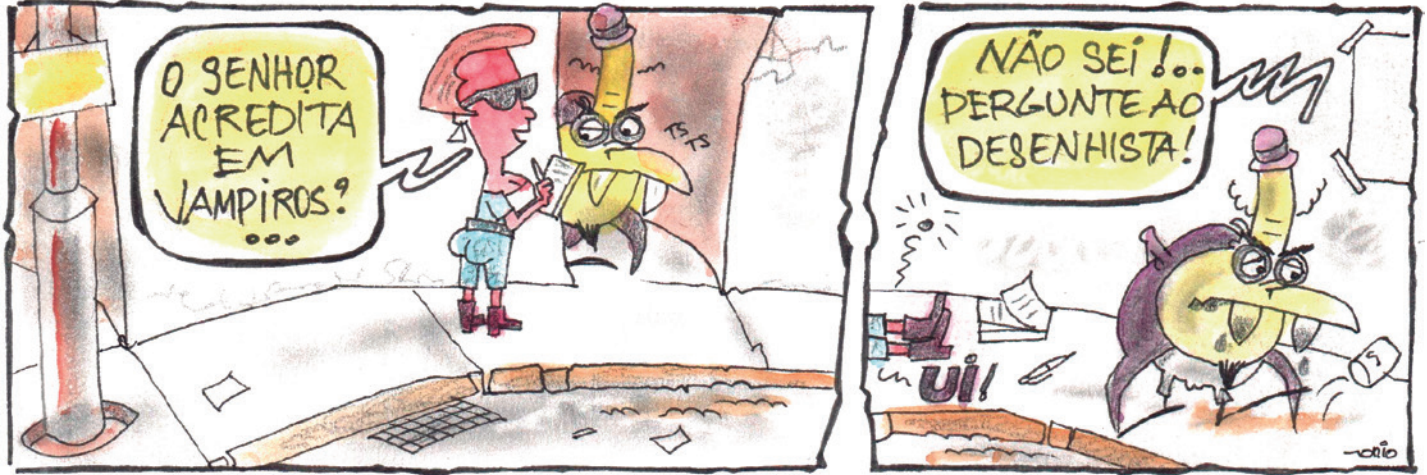


Solução

1 – barba; 2 – macã; 3 – nuvem; 4 – martelo; 5 – legítima da Bva; 6 – cabelo de Deus; 7 – árvore; 8 – dente da cobra; e 9 – pssssss.

Tiras

O Conde



Zé Meiota

